



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**Conceções dos Estudantes Universitários
acerca das Relações Amorosas na sua
faixa etária**

Catarina da Silva Oliveira

Orientação: Professora Doutora Maria Elisa Rolo
Chaleta

Mestrado em Psicologia

Área de especialização: *Psicologia da Educação*

Évora, 2013

UNIVERSIDADE DE ÉVORA



Mestrado em Psicologia

Área de Especialização: Psicologia da Educação

**Conceções dos Estudantes Universitários acerca das Relações Amorosas na
sua faixa etária**

Dissertação de Mestrado apresentada por:

Catarina da Silva Oliveira

Orientação: Prof.^a Maria Elisa Rolo Chaleta

Évora, 2013

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação de mestrado foi sem dúvida um dos mais difíceis processos pelos quais passei no contexto acadêmico. Foi necessário desenvolver diversas capacidades, envolveu a maturação de determinadas características individuais e que no fim, trouxeram os resultados semeados ao longo do tempo.

Produzir uma dissertação de mestrado envolve sempre por parte de quem a constrói uma grande aprendizagem, sendo este um processo na sua maioria bastante solitário. Contudo, associado a esta solidão, o mesmo processo não teria sido possível de realizar sem apoio direto ou indireto de algumas pessoas. Como tal, quero agradecer no geral a todos os que sempre me ajudaram a acreditar que podia ser e fazer melhor. De uma forma mais personalizada, quero deixar algumas palavras de apreço e gratidão àqueles que se tornaram fundamentais e que contribuíram para a sua realização.

Um muito obrigada...

... à minha orientadora pela inspiração, motivação, incentivo na escolha do tema, atenção e cuidados prestados na ajuda em momentos críticos e principalmente, por me fazer acreditar que é possível conjugar várias tarefas que se gosta e se ambicionou um dia;

... aos alunos e colegas que participaram neste estudo, pois sem a sua disponibilidade também não teria sido possível;

... ao meu pai que apesar de tudo continua perto e se prontificou desde logo a ajudar-me no que precisasse. Um obrigada pela admiração, bem como pelos valores e interesses que me passou desde cedo.

... à minha mãe pela paciência em momentos de maior vulnerabilidade, pelo incentivo ao trabalho e a não desistir do alcançar dos nossos sonhos;

... à minha amiga e irmã Nadja que não há palavras suficientes para descrever o apoio. Obrigada por caminhares lado a lado comigo e pelo sempre muito amor.

Apesar das diferenças demonstradas nas nossas longas “discussões” ajudou-me a acreditar e a querer fazer melhor, nunca deixando de me amparar neste caminho;

... ao meu amigo e irmão Marcelo por todos os momentos hilariantes e ao mesmo tempo de aconchego que me proporcionou neste caminho. Sinto-me grata por te ter conhecido nesta altura e principalmente por saber que pude contar contigo para tudo e para quando precisei. Um muito obrigada por tudo;

... aos meus amigos Marco e Hélder pelo apoio e prontidão. Por estarem presentes. Por serem quem são e me mostrarem que conseguimos chegar ao fim dos nossos objetivos sempre com trabalho, dedicação e esforço;

... à minha amiga Eva e ao amigo Francisco um muito obrigada também pela sempre preocupação e cuidados quase paternais. Obrigada pelas gargalhadas e pela paciência também ao longo deste tempo. De ti Xico vou recordar sempre a frase: “vou-te perguntar em quantas páginas vais!”;

... à minha amiga Vanessa pela pessoa maravilhosa que é, pelos tao bons momentos, pelas longas conversas, pelo apoio incondicional e sempre pela preocupação. Obrigada por me mostrares como é uma verdadeira leoa... ;

... à Marlene pela partilha de conhecimentos, pelo gosto e interesse nesta arte de nos relacionarmos, pelo respeito e motivação;

... ao Vasco por tudo o que representa na minha vida, por toda a ajuda, por todo o apoio que muitas vezes se revelou como fundamental, por tantas vezes limpar-me o rosto e os pensamentos mais negativos e dizer “tu consegues”;

... ao meu amigo Diogo pela presença, pelo amor, pelo carinho e afeto, pelas gargalhadas e longas conversas, que apesar de relativamente recente se revelaram como fulcrais neste momento decisivo;

... à minha Kokita, ao Fialho e à minha querida amiga Ana Serrano e ao meu irmão Daniel... um muito obrigada por todo o apoio.

RESUMO

Concepções dos Estudantes Universitários acerca das Relações Amorosas na sua faixa etária

O presente trabalho teve como objetivos estudar as concepções dos estudantes universitários acerca das relações amorosas, situados na faixa etária da adultez emergente, analisando o conteúdo das suas respostas e tendo em consideração o desenvolvimento emocional, bem como o contexto histórico-cultural.

Os participantes foram 20 estudantes pertencentes à Universidade de Évora, a frequentar o 1º e o 2º ciclos. Como instrumento foi utilizado o guião da entrevista.

Com base nos resultados, concluiu-se que existem diferenças significativas entre os géneros, masculino e feminino nos diversos temas abordados.

Palavras-chave: Estudantes Universitários; Adultez Emergente; Relações amorosas; Desenvolvimento emocional.

ABSTRACT

Findings of university students in regards to romantic Relationships, associated to they're age group

This study had the primary objective of studying how university students perceive and define romantic relationships, situated in de group age of emerging adults, by analyzing the content of the answers given by those same students, and taking in consideration emotional development, as well as cultural and historical context.

The participants of this study consisted of 20 students, enrolled in Évora University, some of them still in the first years of superior education, and others already taking masters degrees. The method used in this study was a standardized interview. Results show that significant differences exist between the male and female genders, in the various categories contemplated by this study.

Key-Words: University Students; Emerging Adult; Romantic Relationships; Emotional development.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice	v
Introdução	1
PARTE I – Enquadramento Teórico	3
Capítulo I – As emoções no jovem adulto	5
1. O Desenvolvimento emocional	5
1.1. Componentes do Desenvolvimento Emocional.....	5
Capítulo II – Relações amorosas	11
1. Conceito de Relações Amorosas	11
2. Teorias do Desenvolvimento Romântico	12
3. As relações Amorosas na Atualidade	16
3.1. Componentes das Relações Amorosas.....	20
4. Qualidade dos Relacionamentos Amorosos	23
5. Diferenças de Género	26
PARTE II – Estudo Empírico	31
Capítulo I – Enquadramento e Objetivos	33
1. Enquadramento Metodológico	33
2. Objetivos da Investigação	34
3. Método	35
3.1. Participantes.....	36
3.2. Instrumentos e Procedimentos.....	36
Capítulo II – Apresentação e Análise dos Resultados	39
1. Análise do tema I. Conceito de Relacionamento Amoroso	40
1.1. Análise da categoria 9. Sentimentos Envolvidos	40
1.2. Síntese da análise do tema I.....	41

2. Análise do tema II. Tipologia dos Relacionamentos Amorosos	42
2.1. Análise da categoria 1. Longa Duração (compromisso)	43
2.2. Análise da categoria 2. Curta Duração (ausência de compromisso)	43
a) Análise da categoria 2.2. Avaliação do relacionamento noite única	44
b) Análise da categoria 2.5. Avaliação do relacionamento de amigos coloridos	45
2.3. Análise da categoria 4. Relações Não convencionais/ abertas	45
2.4. Análise da categoria 5 Diversidade	46
2.5. Análise da categoria 6. Baseados em sentimentos	47
2.6. Síntese da análise do tema II	47
3. Análise do tema III. Características do Relacionamento Amoroso	48
3.1. Análise da categoria 1. Relacionamento Amoroso Saudável	49
3.2. Análise da categoria 2. Relacionamento Amoroso Não Saudável	50
3.3. Análise da categoria 3. Consequências de um Relacionamento Amoroso Não Saudável	51
a) Análise da categoria 3.1 Consequências Psicológicas de um relacionamento amoroso não saudável	52
b) Análise da categoria 3.2 Consequências Físicas de um relacionamento amoroso não saudável	53
3.4. Análise da categoria 4. Permanência num relacionamento amoroso não saudável	54
3.5. Síntese da análise do tema III. Características do Relacionamento Amoroso	54
4. Análise do tema IV. Relacionamento e Diferenças de Género	55
4.1. Análise da categoria 1. As mulheres no relacionamento	55
4.2. Análise da categoria 2. Os homens no relacionamento amoroso	56
4.3. Síntese da análise do tema IV. Relacionamento amoroso e diferenças de género	57
5. Análise do tema V. Percepção de si no Relacionamento	58
5.1. Análise da categoria 1. Sentimentos/ pensamentos positivos acerca de si	58
5.2. Análise da categoria 2. Sentimentos/ pensamentos negativos acerca de si	59
5.3. Análise da categoria 3. Comportamentos positivos para com a/o parceiro/a	59
5.4. Análise da categoria 4. Comportamentos negativos para com a/o parceiro/a	60
5.5. Síntese da análise do tema V. Percepção de si no relacionamento	61
Discussão Geral dos Resultados.	63
Conclusão.	73
Referências Bibliográficas.	77

Anexos..... 89

Anexo I - Guião da Entrevista

Anexo II - Grelha de Análise Categorical

Anexo III - Critérios de construção das categorias

O jovem em transição para a adultez passa por grandes transformações ao nível emocional. Na visão de Arnett (1997 – 2006), a entrada na vida adulta parece ser determinada por processos de definição social e pessoal, relacionados com os papéis, responsabilidades e estatutos atingidos pelo indivíduo e reconhecidos pela sociedade. Os marcos e as exigências culturais colocadas aos jovens rompem claramente com os padrões da adolescência, requerendo que novos padrões comportamentais sejam desenvolvidos (Craig, 1992; Arnett, 2000; Arnett & Tanner, 2006; Andrade, 2010).

Dado o fato de o estudante universitário representar a população em estudo, enfatizamos a proposta de Chickering e Reisser (1993), mais precisamente, os vetores correspondentes ao desenvolvimento da capacidade de autonomia, à consolidação da identidade, bem como à capacidade de gestão emocional. As três dimensões referidas são de extrema importância para que os relacionamentos interpessoais se tornem mais maduros, pois é necessário que o jovem, durante a frequência no ensino superior aprenda a lidar com uma grande intensidade emocional, o que pressupõe uma melhor aceitação das próprias emoções, maior capacidade para as identificar e integrar na sua personalidade, maior capacidade de controlo interno sobre elas, assim como de uma expressão mais flexível das mesmas. É importante que desenvolva ainda um maior sentido de autonomia ao nível emocional, social e das competências cognitivas, sendo estas as bases para a consolidação da identidade, importante por sua vez, para que adquira um maior entendimento acerca de si próprio. Para os autores, as emoções negativas (ansiedade, depressão, aborrecimento, tensão, medo, desejo) quando presentes de forma exagerada nesta faixa etária, podem afetar negativamente o processo de desenvolvimento e consequentemente de aprendizagem. As emoções representam-se como importantes reguladores dentro das relações interpessoais e como tal, torna-se evidente a necessidade de controlar os estados emocionais e reações comportamentais desajustadas por parte dos jovens (John & Gross, 2004; Gross, 2007; Gross & Thompson, 2007). Um tema relevante no desenvolvimento emocional na idade adulta é a integração adaptativa da experiência emocional na satisfação da vida diária e em conseguir estabelecer e manter relacionamentos bem-sucedidos com os outros (Thompson & Goodvin, 2005). De acordo com os teóricos que estudam as emoções, as relações amorosas representam um dos principais contextos para a experiência e expressão da emoção (Laurenceau, Troy & Carver, 2005), pois é através dos mesmos que os indivíduos costumam relatar as experiências

mais felizes, como é através destas que surgem as piores experiências, deixando por vezes marcas para toda a vida. A forma como uma pessoa ou o casal responde a determinadas situações que contenham um elevado nível de stresse tem implicações importantes ao nível da saúde mental e física, pois caso não se consiga responder de forma adequada, os resultados poderão traduzir-se numa incapacidade de lidar com as tensões que inevitavelmente surgem nas relações, aumentando assim, o risco de surgirem transtornos ao nível físico e emocional, (Simpson, Collins, Tran & Haydon, 2007).

Existe alguma concordância por parte dos investigadores no que se refere ao fato do estabelecimento dos relacionamentos interpessoais e consequente desenvolvimento emocional e íntimo, constituir-se como uma das tarefas desenvolvimentais do jovem adulto/ adulto emergente. Erikson, em 1968, afirmava que a formação e negociação contínua das relações românticas, tendo início na adolescência e seguindo pela entrada na idade adulta, constitui-se como uma tarefa desenvolvimental crucial, cujas consequências se fazem sentir a longo prazo (Pego, 2009). Para Arnett (2000) a fase do adulto emergente é considerada como o período ideal para se desenrolarem as relações íntimas, de amor e amizade, pois nelas o indivíduo irá explorar a sua intimidade emocional e física, bem como desenvolver a sua identidade pessoal. As relações amorosas têm-se constituído como uma necessidade humana essencial em todas as culturas ao longo de toda a história. A procura constante de alguém para amar parece estar inerente à condição humana, auxiliando na fortificação do *Self* e contribuindo para o estabelecimento de relações verdadeiras e profundas (Mesquita, 2013).

Pelos motivos apontados, destacamos as relações amorosas neste estudo principalmente por a qualidade destas ocupar um papel determinante para o bem-estar físico e emocional do indivíduo (Aron, Fisher, & Strong, 2007; Laurenceau *et al.*, 2005; Colaço, 2009). Posteriormente, atendendo ao desenvolvimento emocional dos indivíduos nesta faixa etária, surge a proposta desta investigação a qual incidirá o seu foco sob as concepções dos estudantes universitários acerca das relações amorosas.

PARTE I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Desenvolvimento Emocional

O desenvolvimento emocional incorpora muitas características psicológicas que crescem com a idade, tornando este tema um estudo especialmente integrador (Denham, 1998; Oatley & Jenkins, 1996 cit. por Thompson & Goodwin, 2005).

No estudo do desenvolvimento emocional parte-se do pressuposto de que este não é um processo estático, conduzindo-nos à ideia de que é um percurso que continua o seu desenvolvimento ao longo da vida. Tal como acontece nas crianças, os adultos adaptam-se de forma mais eficaz quando são emocionalmente inteligentes, mais precisamente, quando demonstram capacidades para perceber e expressar as suas emoções, utilizando os sentimentos como forma de facilitadora do raciocínio, assim como a integração e a gestão das emoções de forma eficaz. Além do referido, Byrne e colaboradores (2007; Omar, Paris Delgado, Junior & Souza, 2011) refere que a inteligência emocional tem sido considerada, alternativamente, como um conjunto de capacidades e competências que influem na própria habilidade de o indivíduo fazer frente e ter sucessos nos vários objetivos e pressões do contexto social. Assim, a inteligência emocional pode ser definida como a capacidade para identificar, perceber e expressar emoções, mais precisamente, a capacidade para incorporar emoções e sentimentos para resolver problemas e tomar decisões (Zeidner, Matthews & Roberts, 2009).

Nas várias investigações realizadas verifica-se que melhores resultados no reconhecimento e na nomeação das emoções correlacionam-se positivamente com a competência social quando se controla índices de inteligência e de temperamento (Izard, 2001 cit. por Machado, et al., 2008). A este respeito, torna-se necessária uma abordagem à compreensão do desenvolvimento emocional, sendo necessário entender quais as componentes envolvidas neste processo de evolução e que contribuem para que os indivíduos se tornem mais inteligentes ao nível emocional e social.

1.1. Componentes do Desenvolvimento Emocional

Bases psicobiológicas da emoção: o desenvolvimento emocional assenta em fundamentos neurofisiológicos, neuro endócrinos e em outros processos biológicos que mudam rapidamente na infância (LeDoux, 2000). A emoção enraíza-se nas regiões mais primitivas do cérebro, como o hipotálamo e o sistema límbico

(especialmente a amígdala, muitas vezes considerada como o "centro da emoção" do sub-córtex). Contudo, uma vez que a emoção envolve um dos aspetos mais complexos do comportamento humano, também é guiada por algumas das regiões mais sofisticadas do córtex cerebral, especialmente o córtex frontal. Também as hormonas e neurotransmissores, regulados por uma variedade de áreas do cérebro, conduzem a reações emocionais (Gunnar & Davis, 2003; Porges, Doussard-Roosevelt & Maiti, 1994 cit. por Thompson & Goodvin, 2005). Com o desenvolvimento gradual, o individuo vai adquirindo uma maior regulação emocional devido ao funcionamento das conexões entre os sistemas subcortical e frontal (Thompson, 1994 cit. por Thompson & Goodvin, 2005);

Percepção emocional: a capacidade para perceber com precisão a emoção nos outros é um fenómeno que emerge desde cedo (Bornstein e Arterberry, 2003 cit. por Thompson & Goodvin, 2005) e evolui de forma gradual à medida que o sujeito vai envelhecendo, podendo estar relacionada com o sucesso num relacionamento, dado que a identificação correta das emoções nas pessoas que estão por perto permite responder-lhes de forma adequada (DeVaney, Sepulveda, Anderson, Craun & Barchard, 2012);

Compreensão emocional: Raramente as emoções são expressas em palavras, sendo expostas através dos pequenos gestos cuja capacidade para a interpretação irá depender dos canais não-verbais (Goleman, 1995; Koole, 2009). Este processo é influenciado pelas crenças culturais, isto é, as emoções são percebidas e interpretadas de acordo com os esquemas construídos no contexto histórico-cultural dos pais e educadores. Quer os antecedentes, significados e entendimentos que sucedem às reações emocionais, quer os padrões adequados acerca da manifestação das mesmas em situações sociais, derivam de cultura para cultura. Ao longo do desenvolvimento das capacidades intelectuais e da experiência social, os investigadores observaram que as conversas diárias entre as crianças e os seus pais, proporcionam oportunidades para a aprendizagem das emoções (Lagattuta & Wellman, 2002; Thompson, Laible, & Ontai, 2003).

A *empatia*: é definida como uma habilidade de comunicação, composta pelos componentes cognitivo (compreensão dos sentimentos e perspetivas da outra pessoa), afetivo (sentimentos de compaixão e simpatia pela outra pessoa) e comportamental (transmissão do entendimento dos sentimentos e perspetivas da outra pessoa) (Falcone, 1999). Tem sido apontada como uma aptidão essencial para a qualidade das relações interpessoais (Motta et al., 2006), sendo por vezes acompanhada por iniciativas pró-sociais, tais como a tentativa para confortar alguém

que se encontra angustiado (Eisenberg & Fabes, 1998; Thompson, 1998 cit. por Thompson & Goodvin, 2005). A mesma encontra-se negativamente associada à agressividade e ao comportamento anti-social (Arsénio & Lover, 1997; Denham & Burger, 1991; Miller & Olson, 2000 cit. por Machado et al., 2008);

Crescimento da autocompreensão: O crescimento emocional encontra-se intimamente ligado ao desenvolvimento da compreensão de si mesmo (Barrett, 1995 cit. por Thompson & Goodvin, 2005);

Expressar emoções em situações sociais: As emoções são intrinsecamente sociais e um aspeto do desenvolvimento emocional é entender e aplicar as regras sociais para a manifestação da emoção em ambientes sociais. As pessoas utilizam as regras sociais da manifestação das suas emoções como forma de mascarar a expressão dos sentimentos verdadeiros, com o fim de exprimir apenas a expressão emocional que é mais apropriada. Desta forma, conseguem proteger a autoestima e evitar ferir os sentimentos dos outros, preservando os relacionamentos interpessoais (Thompson & Goodvin, 2005).

A regulação emocional: diz respeito à gestão da experiência emocional e pode ser descrita como o mecanismo que os indivíduos utilizam para modificar (intencionalmente ou não) as suas emoções com vista a alcançarem o resultado pretendido (Aldao et al., 2010 cit. por Schreiber, Grant & Odlaug, 2012). Em situações de stresse, as pessoas procuram regular as suas emoções utilizando diversos mecanismos: controlar as emoções negativas e aumentar os sentimentos de felicidade ou bem-estar; agir corajosamente ao reduzir sentimentos de medo e ansiedade; aumentar o nível de motivação, acentuando por vezes a culpa; obter apoio emocional com foco na angústia pessoal ou ansiedade; assegurar os seus relacionamentos ao aumentarem sentimentos de empatia para com os outros; entre outras. O crescimento de tais capacidades intrínsecas é construído sobre os avanços da compreensão emocional (discutido anteriormente), o que permite aos indivíduos um maior desenvolvimento na compreensão dos antecedentes e consequências pessoais, controlando os níveis de excitação e planeando meios cada vez mais sofisticados e eficazes para regular a emoção (Thompson & Goodvin, 2005).

No geral, entende-se que a regulação emocional consiste em gerir eficazmente os estados de excitação, modificando intencionalmente ou não as emoções, tendo como objetivo a adaptação do indivíduo e o alcançar da meta desejada. O desafio consiste em encontrar a forma ideal de as demonstrar para que as suas características úteis se mantenham, limando, limitando e ajustando os aspetos que poderão ser destrutivos (Brownell & Kopp, 2007). As emoções podem ser reguladas de várias

formas (Gross, Richards & John, 2006 cit. por Gross, Sheppes & Urry, 2011), avaliando se o objetivo é regular a emoção no próprio indivíduo ou noutra pessoa. Seguidamente averigua-se se a motivação é hedónica (sentir-se menos negativo ou mais positivo a curto-prazo), ou instrumental (para alcançar metas a longo prazo) (Tamir, 2009 cit. por Gross, Sheppes & Urry, 2011). Por último, identifica-se se o objetivo é explícito (caso seja deliberado e consciente, por exemplo, quando alguém numa festa e tenta mostrar-se mais feliz do que é realmente), ou implícito (caso seja ativado inconscientemente, por exemplo, quando baixamos as nossas respostas emocionais ao entrar em lugares de culto ou numa biblioteca) (Gross, Sheppes & Urry, 2011).

À medida que o indivíduo envelhece há um gradual controlo das emoções e menos emoções negativas, características estas, presentes de forma mais acentuada nos adolescentes e ligeiramente menos nos jovens adultos (Carstensen, Mikels, & Mather, 2006; Charles & Carstensen, 2004 cit. por Thompson & Goodvin, 2005). Observou-se nas várias investigações que a emoção positiva aumenta gradualmente com o avançar da idade ao longo da vida a um ritmo acelerado (Mroczek & Kolarz, 1998 cit. por Ready, Marquez & Akerstedt, 2008). Noutras investigações com adultos de diferentes idades, foram registados através da ressonância magnética cerebral, os resultados das atividades cerebrais. Registou-se uma maior atividade em resposta a imagens negativas nos cérebros dos adultos mais jovens, e uma maior atividade em resposta a imagens positivas nos cérebros de adultos mais velhos. As diferenças de atividade foram mais claras na amígdala, a qual é especialmente importante no processamento de emoções (Mather, et al., 2004).

Na mesma linha de pensamento, a regulação emocional e a vinculação estão intimamente ligadas, pois a figura do parceiro amado proporciona um sentimento de segurança, a qual se constitui como uma característica importante para a regulação das emoções negativas. Os processos de vinculação entre adultos numa relação romântica revelam a predominância das necessidades de intimidade através de um parceiro que auxilie na consolidação da identidade, equilibrando-a com a autonomia (Arnett, 2000; Colaço, 2009), havendo uma variação no grau em que os indivíduos desejam e procuram a proximidade afetiva e física relativamente ao parceiro (Collins & Feeney, 2004; Dewitte & Houwer, 2008; Fraley, 2007; Hazan & Shaver, 1987; Colaço, 2009). A vinculação que se estabelece entre duas pessoas específicas é revelada quando o indivíduo procura proximidade junto dessa mesma pessoa em momentos de maior stresse emocional, angústia e/ou tristeza. Desta forma, a vinculação representa um tipo de laço emocional que pode ser definido através dos seguintes parâmetros: na

procura e manutenção de proximidade, na qual o indivíduo deseja estar próximo, física e psicologicamente, da figura de vinculação; na procura de conforto e segurança em situações perturbadoras; na ansiedade de separação, de tal forma que o indivíduo experiencia fortes reações emocionais durante uma separação prolongada ou indesejada da figura de vinculação; e como apoio basilar para a exploração do ambiente físico e social (Jonh & Gross, 2004; Hazan & Shaver, 1987; Collins & Feeney, 2004; Dewitte & Houwer, 2008; Fraley, 2007; Colaço, 2009).

Indivíduos caracterizados pela capacidade flexível para aceitar e integrar ambas as emoções, positivas e negativas, são em norma indivíduos mais seguros de si com maior capacidade para manter um relacionamento saudável (John & Gross, 2004). Tanto Harlow (1958) como Bowlby (1979) acreditavam que os seres humanos possuem um sistema comportamental inato que é ativado e conduz os indivíduos a formar vínculos com uma pessoa que oferece conforto e proteção. De acordo com a mesma teoria, as descobertas longitudinais sugerem que a experiência e expressão de emoções nos relacionamentos amorosos na vida adulta podem refletir vestígios de relações importantes vividas durante os períodos anteriores de desenvolvimento. Assim, o tipo de vinculação que o indivíduo estabeleceu durante a infância com os seus cuidadores, vai agora refletir-se através de um relacionamento semelhante com os seus parceiros (Simpson et al., 2007; Collins & Feeney, 2004; Silva, 2011). Os diferentes estilos podem influenciar o modo como a intimidade evolui numa relação e a regulação emocional nas interações entre os parceiros. A investigação tem revelado que os estilos de vinculação estão relacionados com os níveis de confiança, satisfação e compromisso de ambos os parceiros (Dewitte & Houwer, 2008; Laurenceau et al., 2005; Brennan et al., 1998; Etherton & Beach, 1999; Morgan & Shaver, 1999 cit. por Colaço, 2009). Assim sendo, se o indivíduo tiver estabelecido um vínculo seguro com os seus cuidadores durante a infância, quando chega a idade adulta jovem conseguirá com maior facilidade estabelecer relacionamentos saudáveis, devido ao facto de conseguirem experienciar cognições e emoções mais positivas nas relações, exhibir expectativas de maior confiança acerca das motivações dos parceiros, adotar estratégias mais construtivas em resposta a faltas de confiança e lidar de forma mais eficaz em situações de stresse na relação (Teeruthroy & Bhowon, 2012; Colaço, 2009). Nestes indivíduos o grau de satisfação e de compromisso relacional é habitualmente elevado, e conseguem manter um bom equilíbrio entre as necessidades de proximidade e autonomia pessoal (Collins & Feeney, 2004; Dewitte & Houwer, 2008; Etherton & Beach, 1999; Prager & Roberts, 2004; Shaver & Mikulincer, 2009 cit. por Colaço, 2009). Porém, se o indivíduo for classificado como tendo um padrão

desorganizado de vinculação ou um estilo de vinculação insegura durante a primeira infância, a sua interação durante a resolução de conflitos com o par romântico no início da idade adulta, vai ser caracterizada como menos segura e menos equilibrada (Muderrisoglu, 1999 cit. por Silva, 2011; Creasey & Ladd, 2004 cit. por Miga, Hare, Allen & Manning, 2010). Observou-se ainda que poderão ser indivíduos com dificuldades ao nível da comunicação das emoções, com maiores dificuldades na resolução de conflitos, demonstrando uma atitude de distanciamento nas discussões conjugais (Babcock et al, 2000; Berger, 2003; Paley, Cox, Burchinal & Payne, 1999; Roisman, 2006 cit. por Miga, Hare, Allen & Manning, 2010).

Posto isto, a vivência de um relacionamento amoroso pressupõe o desenvolvimento de diversas capacidades, mais precisamente, o saber diferenciar as emoções positivas das negativas, exprimi-las de modo apropriado e regular comportamentos impulsivos (Fachada, 2009).

Os estudos transversais e longitudinais revelaram que os adultos mais velhos sentem em menor grau as emoções negativas que os adultos mais jovens. Esta ideia reflete-se no esforço que os adultos demonstram em criar estilos de vida que sejam emocionalmente satisfatórios, previsíveis e controláveis pela tomada de decisões ao nível profissional, amoroso bem como em outras circunstâncias de vida (Mather *et. al*, 2004). Uma outra evidência é de que os adultos mais velhos tendem a ser mais motivados para controlar e regular as suas emoções do que os mais jovens, obtendo sucesso principalmente nos relacionamentos interpessoais, utilizando com eficácia estratégias baseadas nas emoções para a resolução de problemas. Seguindo a ideia de Ready, Marquez & Akerstedt (2008) as capacidades para regular as emoções desenvolvem-se ao longo da vida e, é desde a infância que o indivíduo começa a ganhar um maior autocontrolo associado a um nível de maturidade emocional maior (Roberts, Caspi, Moffitt &, 2001). A este respeito, é durante a adolescência no contexto das relações amorosas, que se podem experienciar as maiores variações de emoções e sentir enormes variantes na intensidade dessas mesmas emoções (Arnett. 2000). Os adolescentes tendem a relatar maiores taxas de emoções extremamente positivas ou extremamente negativas em comparação com os adultos, atribuindo as emoções mais fortes, como a depressão e a felicidade quando se referem aos relacionamentos românticos, em detrimento da escola ou da família, observando-se o grau de importância que é dado a este tipo de relacionamentos logo a partir da adolescência (Zimmer-Gembeck & Gallaty, 2006).

“Sabemos porque sentimos inveja ou ciúmes ou porque odiamos, mas temos alguma dificuldade em explicar porque amamos.” (Mesquita, 2013, pag, 103)

1. Conceito de relações amorosas

À medida que o ser humano se desenvolve, vai construindo um vasto leque de relações interpessoais, as quais adquirem níveis de importância diferentes de acordo com a fase da vida em que o indivíduo se encontra. Quando o termo “relações” emerge, diversas definições surgem devido à quantidade de relações sociais possíveis. Guareschi (1996, p. 82 citado por Ferreira & Fioroni, 2010) interpreta o conceito de relações como uma disposição, uma direção intrínseca em relação a outra que se aplica a uma realidade que não pode ser ela mesma sem que haja uma outra coisa, ou seja, é necessário que outro(s) exista(m) numa relação.

Com o crescente número de investigações foram aparecendo na literatura vários conceitos intimamente ligados as relações interpessoais. Ribeiro (2002) identifica diferentes formas específicas de relacionamentos que se incluem no conceito abrangente de relações interpessoais, tais como: as relações de vinculação, relações de amizade, relações de proximidade, relações amorosas e relações de intimidade. Para alguns investigadores a intimidade e a proximidade são processos semelhantes, caracterizados pela união, compreensão, responsividade e confidências mútuas, (Mashek & Aron, 2004). Para outros, a intimidade e a proximidade são percebidas de forma diferente, nomeadamente, Schaefer e Olson (1981) que, na sua conceção de intimidade, sublinharam a diferença entre experiência íntima e relação íntima. Consideram-se como experiências íntimas os fenómenos característicos das relações próximas, isto é, uma proximidade e/ou partilha entre duas pessoas, sem que no entanto se desenvolva uma relação íntima.

Para entender a dinâmica das relações amorosas e o modo como os indivíduos se relacionam afetivamente e sexualmente com outros, o que se irão procurar num parceiro romântico, os valores esperados numa relação, assim como o modo como esta se irá configurar é necessário atender ao tempo histórico em que o sujeito está inserido (Ferreira & Fioroni, 2010). No geral, as relações românticas são descritas como interações voluntárias mutuamente reconhecidas e consentidas, caracterizadas por uma intensidade diferente de outros relacionamentos com os pares e marcadas por manifestações de carinho e comportamentos sexuais (Diamond & Savin-Williams, 2003; Collins, Welsh & Furman, 2009). Esta definição não faz referência a géneros, uma vez que pode ser aplicada a relações do mesmo género ou com o oposto. Desta

forma, uma relação amorosa distingue-se de outro tipo de relação íntima sobretudo por a intimidade física se evidenciar apenas na primeira (Moss & Schwebel, 1993 cit. por Oleiro, 2011). De acordo com a teoria do desenvolvimento romântico apresentada por Furman e Wehner (cit. por Seiffge-Krenke, 2003; 2006) os relacionamentos românticos envolvem o estabelecimento de uma relação de vinculação, a prestação de cuidados e comportamentos sexuais. Quanto ao cuidar do outro, também May (1969 cit. por Mesquita, 2013) apontou esta característica como sendo para o desenvolvimento do amor maduro, o qual pressupõe a identificação mútua entre os parceiros, bem como a capacidade de empatizar sentimentos de dor e alegria um do outro sem que haja uma perda de identidade nos indivíduos.

2. Teorias do Desenvolvimento Romântico

As relações românticas durante a adolescência e juventude evoluem ao longo do tempo, com o aumento da idade e da duração da relação, sendo possível perspetivar as relações amorosas de uma forma desenvolvimental (Brown, Feiring, & Furman, 1999; Matos, 2006; Seiffge-Krenke, 2003; Shulman & Kipnis, 2001; Shulman, Mayes, Cohen, Swain, & Leckman, 2008; Simpson, et al., 2007). Vários trabalhos teóricos têm destacado a natureza e desenvolvimento dos relacionamentos amorosos, bem como os fatores que contribuem para o desenvolvimento dos mesmos. Em 1968, Erikson tinha já evidenciado a necessidade de um indivíduo possuir uma identidade madura antes de formar relacionamentos íntimos com outros indivíduos. Para o autor, a identidade constitui-se como um percurso a construir, reconstruir e elaborar ao longo de toda a vida, propondo oito fases distintas de desenvolvimento, onde cada uma delas tem uma idade cronológica relativamente predeterminada. Circunscrevendo este estudo, importa clarificar em melhor detalhe as contribuições do autor no que se refere ao período definido pelo mesmo como o correspondente ao do jovem adulto, etapa que engloba a transição para a adultez. Erikson (1982) descreve este estágio como um momento em que o indivíduo se encontra disposto e preparado para se envolver em filiações e associações concretas, possuindo a força necessária para se manter fiel a essas ligações, mesmo que estas envolvam sacrifícios significativos. A tarefa desenvolvimental do indivíduo nesta faixa etária abrange a resolução do dilema intimidade versus isolamento. Considera-se que o período referido é o momento oportuno para o desenvolvimento da genitalidade, da relação de confiança e desenvolvimento da intimidade com um parceiro. Com uma identidade assumida, definitiva e bem fortalecida, o indivíduo estará apto a uni-la à de outra pessoa sem se sentir ameaçado. Logo, o desenvolvimento de relações íntimas com um ou mais

parceiros torna-se uma prioridade para alguns indivíduos. No entanto, quando esta união não se efetiva, a pessoa irá preferir o isolamento devido ao medo de assumir compromissos, mantendo assim, uma atitude ativa em direção à preservação do seu ego frágil e revelando em norma dificuldade em partilhar afetos, estabelecer laços de intimidade e evitamento dos relacionamentos (Erikson, 1976).

Mais recentemente, Gray e Steinberg (1999 cit. por Seiffge-Krenke, 2003) propuseram que o desenvolvimento dos interesses românticos encontra-se intrinsecamente ligado à tarefa desenvolvimental de separação e individuação da família, pois é durante o período da adolescência que é manifestado um interesse crescente no que respeita às relações entre os amigos e parceiros românticos ao haver o distanciamento parental (Collins, 2003). De fato, os relacionamentos amorosos tendem a iniciar-se na adolescência, representando um importante marcador de desenvolvimento neste período de vida (Shulman & Kipnis, 2001). Os adolescentes passam muito do seu tempo a pensar, a falar e a envolver-se em experiências amorosas (Furman, 2002), dado que durante este período, estes encontros e experiências providenciam companhia, ocorrem principalmente em grupo e são na generalidade casuais e de curta duração, por oposição aos relacionamentos maduros que se estabelecem numa faixa etária posterior (Seiffge-Krenke, 2003). A questão que geralmente se coloca entre estes indivíduos é “com quem gostaria de estar, aqui e agora?”, a qual assume uma postura efémera típica da população adolescente (Arnett, 2000). Neste período, há a possibilidade de os indivíduos poderem desfrutar de várias relações em simultâneo, pois o estabelecimento das mesmas baseia-se mais em critérios de companheirismo e estatuto (Arnett, & Tanner, 2006). Passar tempo com os membros do sexo oposto tem sido associado a uma maior competência social (Zimmer-Gembeck & Gallaty, 2006). Por sua vez, a competência social e o envolvimento romântico têm sido associados a uma maior autoestima (Harter, 1999 cit. por Zimmer-Gembeck & Gallaty, 2006) facultando algum suporte teórico para a hipótese de que algumas formas de envolvimento romântico podem promover o bem-estar, em vez de aumentar emoções e sentimentos negativos (Zimmer-Gembeck & Gallaty, 2006). Os investigadores têm vindo a comprovar que as relações amorosas têm um papel central no mundo afetivo dos jovens, promovendo a maturidade psicosexual do adolescente, mais precisamente, a capacidade de desenvolverem uma relação de intimidade e sexual saudável com alguém que amam e com quem querem partilhar confidências de forma mútua (Bordignon, 2005). É com o terminar desta maturação natural da adolescência que se inicia o período do jovem adulto. Se a adolescência se constitui como o período propício ao início do namoro, na fase do

jovem adulto o período torna-se propício à ocorrência de relações românticas como experiência de díade (Furman, 2002).

Erikson (1968) acreditava que os jovens devem desenvolver relações íntimas com outras pessoas e experimentar o amor, dado que a experimentação deste afeto constitui-se como o lado positivo da vida do jovem adulto. No modelo de desenvolvimento proposto pelo autor, estes jovens encontram-se a progredir no que respeita ao desenvolvimento biológico, advindo da adolescência e são neste período seres sexuais totalmente amadurecidos. É de salientar que, para este investigador, a noção de intimidade não se relaciona apenas com a realização sexual, mas também com o estabelecimento de relações de amizade (Silva, 2003). Os relacionamentos amorosos e de amizade nesta faixa etária envolvem um nível mais profundo de intimidade e de identidade no sentido de “tendo em conta o tipo de pessoa que eu sou, que tipo de pessoa é que eu gostaria de ter como parceiro de vida?”. Na visão de Arnett (2000) os adultos emergentes tendem a focar-se menos nos efeitos recreativos dos encontros que ocorrem, geralmente, a pares e focalizam-se mais na exploração da intimidade emocional e física. Como tal, uma diferença notória entre estes relacionamentos e os da fase anterior (adolescência) é que inclusive as amizades entram num círculo mais restrito e íntimo, fortalecendo-se ao contrário do que sucede na adolescência (Peron, Guimarães & Souza, 2010). Dada a evolução do nível de intimidade e um maior investimento, os adultos emergentes não mudam tão frequentemente os seus parceiros românticos, podendo incluir a relação sexual e a coabitação.

Nesta fase os indivíduos tendem a procurar um parceiro romântico por motivos de angústia, esperando proporcionar conforto, apoio e cuidado de igual forma. É durante a idade adulta emergente que as relações íntimas passam a ser um dos principais suportes emocionais na vida das pessoas, para além do suporte parental e dos amigos (Furman & Buhrmester, 1992; Meeus, Branje, van der Valk, Wied, 2007 cit. por Halper-Meekin, Manning, Giordano & Longmore, 2013).

A questão da identidade e as concepções que o indivíduo tem acerca de si mesmo, são cruciais na construção das relações românticas. Com base no argumento de Erikson (1968) de que apenas indivíduos com uma identidade separada são capazes de se fundir com o outro indivíduo, presume-se que exista realmente uma mais intensa e sistemática exploração da identidade na idade adulta emergente de tal forma que nos relacionamentos estabelecidos há a preocupação em constituir um vínculo mais profundo e personalizado. O foco incide precisamente na consolidação da identidade e no ajuste que deverão fazer à mesma com vista a conseguirem manter

uma relação duradoura com uma outra pessoa, por oposição ao que ocorre durante a fase da adolescência. Pesquisas longitudinais indicam que à medida que o indivíduo vai amadurecendo, vai gradualmente construindo relacionamentos mais íntimos, onde se incluem o companheirismo e a proximidade (Erikson, 1968; Seiffge-Krenke, 2003; 2006). Gradualmente a evolução é no sentido do compromisso e da exclusividade, passando as relações românticas a ter um papel preponderante enquanto fonte de apoio num contexto de intimidade. A prestação de cuidados torna-se saliente e o parceiro romântico é percebido como único e insubstituível, podendo a relação evoluir para uma relação de vinculação. Assim, o desejo de manter ou restabelecer a proximidade e a interação passa a ser evidenciado, sempre com o fim de obter da união sentimentos de satisfação (Brown et al., 1999; Matos, 2006). Como é de supor, a vinculação incide de forma menor nos relacionamentos românticos dos adolescentes, justificado pelo facto de que é necessário o desenvolvimento de capacidade de intimidade, bem como uma identidade mais consolidada para se conseguir estabelecer e manter uma relação de intimidade, seja ela, com amigos ou com parceiros românticos (Scharf, Mayseless & Kivenson-Baron, 2004). É de acrescentar ainda os resultados do estudo longitudinal de Kornarski (2000 cit. por Seiffge-Krenke, 2003), os quais revelaram que o apoio social aos amigos e aos parceiros românticos eram ambos preditivos de características qualitativas das experiências românticas subsequentes.

De uma maneira geral as relações românticas na idade do jovem adulto são importantes essencialmente por três razões: a formação e manutenção das mesmas constitui-se como uma tarefa crítica no desenvolvimento desta faixa etária (van Dulmen, Goncy, Haydon, & Collins, 2008; Cui, Fincham, Durtschi, 2011), contribuindo para a tarefa desenvolvimental da construção de identidade, isto é, a qualidade das experiências românticas pode facilitar ou inibir a construção da mesma, dependendo se a relação se associa a um sentido de valor pessoal ou contribui para o fomento da sensibilidade à rejeição e cria conseqüentemente, ambivalências (Matos, 2006); o desenvolvimento, assim como a dissolução da relação têm conseqüências importantes ao nível do ajustamento do indivíduo no futuro (Davila et al., 2004; van Dulmen et al., 2008; Cui, Fincham, Durtschi, 2011); quanto à terceira razão, evidencia-se que as relações românticas podem ser preditivas das relações românticas posteriores e casamentos na idade adulta (Raley, Criseey, & Muller, 2007; Cui et al., 2011).

3. As relações Amorosas na Atualidade

Tem sido evidente que o controlo da natalidade e a mudança de atitudes da sociedade face à sexualidade permite atualmente aos jovens viver as suas relações interpessoais de forma mais descomprometida e que façam as suas escolhas de forma mais autónoma, comparando aos padrões de conjugalidade e de realização pessoal de outrora (Cavalli, 1997). Young, Furman e Lauren (2011) referem que sendo este um período de explorações constantes é frequente que os jovens mantenham várias e diferentes relações neste momento. Neste sentido, observando-se uma abertura crescente face às atitudes sexuais são frequentemente encontradas as oportunidades necessárias à investida nas relações sexuais ocasionais, que não seriam identificadas noutra estadia do desenvolvimento (Lyons, 2009). A variedade de relações amorosas e/ou sexuais que os jovens adultos formam, assim como as escolhas que fazem dentro desses mesmos relacionamentos, provoca um impacto duradouro nas suas vidas (Scott, Steward-Streng, Manlove, Schelar, & Cui et al., 2011). Nos últimos anos, assistimos a uma maior diversidade de relações, no entanto ao nível da investigação científica em território português sente-se uma lacuna a este nível. Contudo, passamos agora à pesquisa referente aos tipos de relacionamento que se podem estabelecer nesta faixa etária, enquadrados no contexto histórico-cultural atual de forma a identificar algumas tipologias de relações amorosas.

Contextualizando o presente estudo, a população universitária, acresce o reconhecimento e encorajamento à permissividade sexual (McManus & Hayes, 2000, cit. por Eshbaugh & Gute, 2008) e, segundo, Bogle (2008) o mesmo contexto parece conter particularidades singulares que evidenciam este tipo de comportamento. Neste sentido, Paul (2006) identifica a fase da adultez emergente com o período do ciclo de vida em que o sexo ocasional pode ser visto como um comportamento normativo. Nos estudos realizados por Lambert, Kahn e Apple (2003) e Paul, McManus e Hayes (2000) comprovou-se a ideia precedente, indicando que houve um declínio dos namoros tradicionais e mostrou ainda que mais de três quartos dos estudantes inquiridos tiveram pelo menos um encontro sexual ocasional, tornando-se este tipo de relação a principal forma de interação íntima entre indivíduos em relacionamentos heterossexuais (England, Shafer & Fogarty, 2007; Paul et al., 2000). Também numa investigação conduzida por Scott e colaboradores (2011), observou-se que três quartos dos indivíduos na amostra do mesmo estudo encontravam-se em algum tipo de relacionamento amoroso: cerca de 20 % estavam casados ou viviam em coabitação com o parceiro, 35% estava numa relação de namoro (27 % estavam num namoro serio e 8 % afirmaram ter relacionamentos casuais). Na mesma investigação

refere-se que aproximadamente um terço dos jovens adultos confessou ter praticado sexo no primeiro mês em que conheceu o parceiro, 30% dos inquiridos aguardou entre um a cinco meses para ter relações sexuais e 14 % aguardou cerca de onze meses. Durante este tipo de encontros furtivos e ausentes de compromisso (Faria, 2008) os parceiros não planeiam qualquer tipo de atividade em conjunto para além do envolvimento sexual (Hamilton & Armstrong, 2009). Tal envolvimento é definido na literatura científica e no discurso popular como uma relação ocasional ou encontro no qual há a presença de uma relação sexual consensual (Chen & Hole, 2010). No campo da investigação podem ser encontradas as seguintes designações “chance encounters” (Fisher & Byrne, 1978, cit. por Grello et al., 2006), “one-night stands” (Cubbins & Tanfer, 2000; Simpson & Gangestad, 1991), “hook ups” (Paul et al., 2000), “sociosexuality” (Simpson & Gangestad, 1991), “anonymous sex” (McGuire, Shega, Nicholls & Deese, 1992, cit. por Grello et al., 2006), “casual sex” (Regan & Dreyer, 1999, cit. por Grello et al., 2006). Quanto ao popularismo, surgem os seguintes termos: “meaningless sex” (Solomon & Taylor, 2000, cit. por Grello et al., 2006) e “booty call” (Marklein, 2002, cit. por Grello et al., 2006). Posto isto, as características que fazem parte dos relacionamentos “hook ups” são essencialmente as seguintes: um encontro sexual que ocorre entre duas pessoas estranhas uma à outra, ou apenas conhecidas; ocorre uma única vez, podendo incluir penetração vaginal; as duas partes não estão envolvidas numa relação de compromisso; o encontro é de curta duração e há uma variedade de comportamentos sexuais.

As relações baseadas em sexo são cada vez mais permeadas pelos jovens durante a transição para a vida adulta (Arnett, 2006, 2007). Os estilos pós-modernos de relacionamento sexual e romântico, incluindo as amizades sexuais, são nos dias de hoje amplamente praticadas. As citadas relações podem ocorrer entre estranhos, como acima mencionado, (Manning, Giordano, & Longmore, 2006) ou entre amigos (Simpson & Gangestad, 1991), levando Paul e colaboradores (2000, p.76) a sugerirem uma distinção fundamentada para o “hook up” e para o termo de “friends with benefits”. Este último, costuma surgir entre amigos que se envolvem em atividades sexuais e embora não definam a sua relação como romântica, coexiste a possibilidade de um envolvimento a longo termo e a adição de uma amizade entre os dois parceiros (Eshbaugh & Gute, 2008; Epstein, Calzo, Smiler & Ward, 2009; Bisson & Levine, 2009; Karlsen & Traeen, 2013). Desta forma, a tipologia de relacionamento mencionada não se encaixa nem na definição tradicional de uma amizade, nem na definição de um relacionamento romântico e com compromisso (Bisson e Levine 2009), parecendo mais ser um híbrido dos dois (Karlsen & Traeen, 2013). O foco dos primeiros

investigadores deste tipo de relacionamento incidiu sobre as regras que regulavam essas relações, assim como sobre as reações de outros amigos. As três categorias de regras foram: regras emocionais, regras de comunicação, e as regras do sexo. Na investigação conduzida por Bisson e Levine (2009), a maioria dos indivíduos que tinha estado num relacionamento deste tipo confessou ter-se questionado acerca do estatuto do relacionamento futuro, apesar de apenas 15% ter conversado com o amigo sobre tal.

O sexo e as primeiras experiências são hoje um assunto mencionado de forma mais aberta. Se por vezes ocorre dentro de um contexto de relacionamento amoroso, em outros casos ocorre em forma de curiosidade, como uma forma de obter prazer, independente de um compromisso formal. Desta forma, há espaço para uma intimidade, embora se mantenha simultaneamente um relativo afastamento (Matos, Carneiro & Jablonski, 2005). A autonomia e a liberdade são percebidos como conceitos positivos e valorizados por ambos os parceiros, permitindo aos indivíduos conhecer mais pessoas e fazer escolhas amorosas mais seguras (Carpenedo e Koller, 2004). Adicionalmente a este facto, Schwartz (2001) verificou que a amizade num relacionamento é possível de desenvolver simultaneamente com componentes românticas. Berscheid (2006) e Popenoe e Whitehead (2002 cit. por Kidd, Martin & Martin, 2012) constataram nas suas investigações que os adolescentes e jovens adultos reconheciam que os parceiros românticos eram também seus amigos. Importa salientar que tem havido um interesse crescente pelo estudo científico dos relacionamentos amorosos na idade adulta apesar de se ter verificado em vários estudos anteriores que as relações íntimas com amigos são uma componente essencial no desenvolvimento romântico (Connolly, Craig, Goldberg & Pepler, 2004), e segundo Schwartz (2001) a qualidade das amizades correlaciona-se com a duração dos relacionamentos românticos. Uma amizade viável permite a ambos os parceiros aceitar-se mutuamente, auxiliando-se num processo de maturação e crescimento emocional. Alguns teóricos acreditam que os estilos pós-modernos funcionais de comportamentos são o reflexo de uma evolução do ambiente, tecnocrático socioeconómico (Rosa, 2007). Esses comportamentos parecem ser uma compensação para o facto de os indivíduos se encontrarem tão ocupados e preocupados com as escolhas do trajeto de vida que muitos deles não investem na manutenção de relacionamentos amorosos (Arnett, 2004, 2006).

Uma outra forma de relacionamento cada vez mais emergente no mundo dos jovens desde a década de 90 em Portugal é o “curtir” ou “estar/andar com”, expressão utilizada pelos jovens como forma de descrever uma relação na qual haja contacto

físico sem que haja um compromisso, ocorrida por um curto período de tempo, no qual se procura obter prazer, a partir da sedução. As “curtes” podem ser caracterizadas pelo “andar só por andar”; são consideradas típicas da adolescência, temporárias, geralmente por um curto período de tempo: uns dias, algumas semanas. Não têm início nem fim e expressam um desejo de não assumir um sentimento verdadeiro e são por isso uma espécie de namoro muito liberal. Estão assim associadas a um relacionamento apenas físico e aos tempos de lazer, como o passar o tempo. O grau de envolvimento pode ir de uma simples troca de beijos e abraços até uma relação sexual, sendo que não é necessário que esta ocorra. Na visão das raparigas a curte está mais associada às carícias e aos beijos, sem que haja um relacionamento afetivo forte ou um compromisso que estável (Marques, 2008). Para Chaves (2001) o que é mais ou menos permanente neste tipo de relacionamentos, independentemente da duração é a característica da ausência de compromisso formal, da transitoriedade, motivo pelo qual “curtir” com mais de uma pessoa numa noite apenas, não parece assumir uma transgressão. Segundo a mesma autora, um dos motivos que leva os jovens a estabelecerem relacionamentos deste género pode relacionar-se com a diminuição do sentimento de carência, evitando-se através dos mesmos a solidão. A “curte” pode ser uma forma de conhecer alguém mais intimamente, de fomentar uma amizade, assim como de ampliar a sociabilidade, além de contribuir para o aumento da autoestima, especialmente quando o que importa é a quantidade e a aprovação do grupo. Para Chaves (2001), este código de relacionamento ganha sentido na sociedade urbana contemporânea, já que o que está em jogo é a autossatisfação e a evitação da frustração que poderia decorrer de um compromisso afetivo com o outro;

Tal como se percebe, nos dias de hoje a conceção das relações amorosas mudou e o namoro deixou de ser tão longo, passando a ser encarado com muito mais formalidade. No entanto, considera-se que ainda que o namoro é uma fase necessária ao início de um relacionamento mais íntimo, destinado a uma vida conjugal a longo prazo (Almeida, 2008). Atualmente não existe uma forma de os relacionamentos começarem, nem idade cronológica que determine o início dos mesmos. À medida que o sujeito vai ganhando maior maturidade física e psicológica, os namoros tornam-se gradualmente mais longos e há um maior investimento por parte dos jovens. Sugarman e Hotaling (1991, cit. por Jackson, 1999) propuseram uma definição de namoro que abarca três dimensões em simultâneo: o compromisso, a interação futura e a intimidade física. Este tipo de relação é definindo como um relacionamento social afetivo-sexual, que pode evoluir para um relacionamento duradouro ou terminar devido à incompatibilidade de características. Desta forma, caracteriza-se pela estabilidade

da associação entre duas pessoas e refere-se à adesão de uma pessoa a uma relação específica, mesmo quando há fatores ambientais que se interpõem (Bertoldo e Barbará, 2006). O namoro é considerado como uma relação de exclusividade entre dois parceiros que se intitulam namorados e tende a permanecer para as gerações mais novas, como o quadro esperado das relações exclusivas entre pessoas apaixonadas (Heilborn et al., 2006 cit. por Marques, 2008). É inversamente relacionado à probabilidade que uma pessoa vai deixar a relação (Bertolo & Barbará, 2006) e é percebido pelos jovens como uma relação afetiva constante e duradoura, tendo o compromisso como elo de ligação e a afetividade sempre presente, inscreve a iniciação sexual da qual fazem parte a confiança e a cumplicidade (Marques, 2008). Ainda que haja uma variedade de tipologias de relação que o termo namoro engloba, atualmente existe algum consenso acerca do que Guiddens (1993) descreve como um relacionamento puro, presente nas gerações mais recentes. O relacionamento puro corresponde a um relacionamento centrado no compromisso, na confiança e na intimidade, de modo que os parceiros tenham garantias da estabilidade e que dure enquanto for satisfatório para ambas as partes. Um relacionamento puro pressupõe que haja um maior equilíbrio das relações de gênero, caracteriza uma parceria cujo foco é a relação e o respeito mútuo, promovendo a democratização das relações pessoais (Araújo, 2002 cit. por Bertolo e Barbará, 2006).

Alargando a presente investigação, consideramos os relacionamentos de poliamor. Relativamente recente e sem ligação com uma identidade sexual particular (Klesse, 2006), esta modalidade específica da não-monogamia é uma orientação de relacionamento na qual se acredita ser possível e aceitável amar várias pessoas e manter múltiplos relacionamentos íntimos, isto é, relacionamentos em que as pessoas têm mais do que um/a parceiro/a amoroso/a, sendo que uma das principais premissas é a presença da honestidade entre os parceiros e a outra pertence ao âmbito de não se conceptualizar o relacionamento só no plano sexual (Barker, 2005; Klesse, 2006).

3.1. Componentes das Relações Amorosas

Dentro da sociedade ocidental, as relações amorosas ocupam um papel central na vida social. A essência das mesmas assenta essencialmente em três variáveis: a intimidade, o amor e o compromisso. Independentemente da particularidade de cada uma das componentes considera-se que as mesmas se inter-relacionam entre si. Hatfield (citado por Narciso & Ribeiro, 2009) salienta a importância do amor, da paixão, bem como do afeto, como os grandes expoentes da intimidade, defendendo a ideia de que estes são pré-requisitos para o desenvolvimento da mesma. Por sua vez,

Sternberg na sua teoria triangular do amor, propõe que este é constituído por três componentes (intimidade, paixão e decisão/compromisso), interagindo e manifestando-se em diferentes graus, os quais formam os vértices de um triângulo (Sternberg, 1987; 1997 cit. por Oleiro, 2011). A teoria referida sustenta que o amor pode ser entendido se juntarmos as componentes: intimidade, que corresponde ao vértice superior do triângulo, a paixão sendo o vértice da esquerda e por último a decisão /compromisso.

O amor tem sido entendido como a base para as interações sociais, e a chave de todas as escolhas humanas, sendo inegável a importância e a frequência com que este se mostra nas nossas vidas (Neves, 2007). De acordo com Gottschall e Marcus (2006), é um desejo de união a uma outra pessoa e quando tal acontece, as prioridades da vida podem alterar-se drasticamente com a entrada de outra pessoa na vida pessoal, com quem se deseja partilhar e de quem se deseja cuidar. Santrock (2002) por exemplo caracteriza-o como uma emoção forte e positiva de carinho e apego, transmitindo uma sensação de intimidade e de cuidado para com alguém amado. Podemos considerar que, de facto existe uma influência mútua entre a intimidade e o amor, de tal modo que a intimidade é um dos processos afetivos que catalisa e é catalisado pelo amor (Narciso, Costa & Prata, 2002).

O amor é um sentimento que surge a partir das interações sociais que se estabelecem com pessoas significativas. No entanto, também as características deste sentimento se alteram, de acordo com os ambientes físicos e sociais que cercam uma relação (Kokab & Ajmal, 2012). No geral, as pessoas que prometem um amor "para sempre" não estão apenas a prometer que seu amor será eterno, mas também que o tipo de amor que sentem hoje será o tipo de amor que vão sentir amanhã. A espécie de amor que as pessoas esperam que dure é o amor romântico. Por sorte, um amor num relacionamento pode ser eterno, embora a qualidade do mesmo se possa alterar ao longo do tempo (Berscheid, 2010). O amor romântico é um vínculo ou conexão entre duas pessoas que confiam uma na outra, que estão juntas numa relação onde existe interdependência e intimidade e envolve essencialmente o cuidado para com o parceiro amado, a aceitação da outra pessoa e a partilha da intimidade, pensamentos, desejos e sentimentos (Cherry, 2009). De acordo com Sheri e Stritof (2009), o mesmo tipo de amor ocorre quando uma pessoa se sente emocionalmente ligada ao seu parceiro de uma forma alegre e apaixonada, na medida em que sentem mutuamente que não conseguem viver um sem o outro. Neste, a pessoa amada reveste-se de acordo com uma conceção de beleza, poder e perfeição, com origem nos valores fantasiados pelo amante (Mesquita, 2013).

Em todas as culturas, as pessoas distinguem entre dois tipos de amor: "O amor apaixonado" e "amor companheiro" (Hatfield & Rapson, 2005; 2011). Por sua vez, ao se enfatizar a dimensão temporal das relações românticas, também Berscheid e Walster (cit. por Narciso & Ribeiro, 2009) distinguem estes dois tipos de amor: o primeiro exprime-se pela existência de um desejo intenso de união com alguém, característico do início das relações e por vezes chamado de "amor obsessivo" "paixão", ou referindo ao sujeito como alguém que está "mal de amor", associado à satisfação e êxtase (Hatfield & Rapson, 2005; 2011); o segundo corresponde a um aumento da intimidade, ao amadurecimento e estabilização da relação (Berscheid & Walster cit. por Narciso & Ribeiro, 2009). Elaine Hatfield (citado por Hendrick & Hendrick, 2000), afirma que o amor companheiro e o amor apaixonado não são fases estanques dos relacionamentos, em que "ou estamos numa fase ou estamos noutra"; pelo contrário, o par amoroso tem capacidade de passar por estas duas fases de forma alternada e intermitente ao longo da vida. O facto de existir uma combinação bem-sucedida entre o amor apaixonado e o amor companheiro revela boas competências de intimidade na relação.

Quanto à paixão especificamente, refere-se a tudo o que leva ao romance, mais precisamente à atração física e à consumação sexual, bem como a outros fenómenos que fazem parte de uma relação amorosa. Fischer (2005) considerava que estar apaixonado é talvez a constelação psicobiológica mais poderosa dos sentimentos experimentados por um ser humano. Por sua vez, a sexualidade tem adquirido uma importância crescente nos estudos científicos, sendo reconhecida como um aspeto importante na manutenção das relações amorosas (Narciso & Ribeiro, 2009). Atualmente são vários os estudos que apontam a satisfação sexual como um fator de impacto relevante na satisfação e na perceção do relacionamento (Dunn, Croft & Hackett, 2000). Sprecher & Regan (2000) enfatizam a componente referida ao afirmarem que as atitudes e expectativas sexuais dos parceiros, os seus desejos e as atividades que empreendem em conjunto têm consequências significativas a um nível individual e relacional.

No que diz respeito à decisão/compromisso a curto prazo, esta irá refletir a decisão de que se ama alguém, por outro lado, caso se verifique a longo prazo irá representar o compromisso de manter esse amor. De forma geral, o compromisso resulta na decisão de se investir numa relação amorosa, estando subjacente o desejo de manutenção e continuidade desta relação a longo prazo (Narciso & Ribeiro, 2009).

4. Qualidade dos Relacionamentos Amorosos

As mudanças vivenciadas ao longo da vida são muitas vezes caracterizadas por um esforço em criar estilos de vida que são emocionalmente satisfatórios, previsíveis e controláveis pela tomada de decisões no que diz respeito a uma determinada ocupação ou a um parceiro de vida (Thompson & Goodvin, 2005). Perlman e Fehr (1987 cit. por Pascoal, 2010) afirmam que as relações íntimas são benéficas para o bem-estar psicológico e para a saúde física, sendo nesse campo acompanhados por vários autores (Bartz & Lydon, 2006; Prager & Roberts, 2004; Pascoal, 2010). Além deste facto, a capacidade de desenvolver e sustentar uma relação íntima satisfatória constitui-se como um dos fatores essenciais à saúde dos adultos, principalmente na sua capacidade de ajustamento e no seu desenvolvimento social (Popovic, 2005).

Recentemente, na investigação de Scott e colaboradores (2011) verificou-se que na conceção dos jovens adultos, as grandes premissas para uma relação bem-sucedida são o amor, o compromisso e a fidelidade.

No que respeita ao compromisso a sua importância tem estado bem patente em modelos teóricos desenvolvidos com o objetivo de explicitar os diferentes tipos de amor possíveis de sentir pelo/a parceiro/a amado/a (Berscheid & Walster, 1974, 1978; Hatfield & Walster, 1978; Hendrick & Hendrick, 1986; Lee, 1977; Rubin, 1970; Sternberg, 1986, cit. por Rodrigues, Lopes & Oliveira, 2011). De acordo com o Modelo do Investimento de Rusbult (MIR; 1980, 1983 cit. por Rodrigues et al., 2011) o compromisso é influenciado pela satisfação, pela qualidade das alternativas e pelo grau de investimentos na relação (Rusbult, et al., 2006 cit. por Rodrigues et al., 2011): por satisfação entende-se que seja a experimentação de sentimentos positivos e de atracção face ao parceiro/a e ao relacionamento; a qualidade das alternativas refere-se a todas as situações com as quais os indivíduos se deparam e que são, normalmente, externas à relação; os investimentos correspondem a tudo o que é aplicado no relacionamento, sejam investimentos intrínsecos (tempo passado em conjunto e partilha de informação íntima) ou investimentos extrínsecos (bens materiais adquiridos conjuntamente). O mesmo modelo pressupõe que existe maior compromisso quando há maior satisfação no relacionamento e se percebem situações/relações alternativas como tendo menor qualidade e interesse, aliadas a um maior grau de investimento no relacionamento.

A validade e robustez do modelo acima citado tem vindo a comprovar-se através das diferentes investigações realizadas no âmbito da predição do compromisso e da decisão em manter ou terminar um relacionamento amoroso (Le &

Agnew, 2003; Rusbult, Martz, & Agnew, 1998 cit. por Rodrigues et al., 2011), quer nas relações heterossexuais (casamento, namoro) (Rusbult & Buunk, 1993; Rusbult, et al., 2006 cit. por Rodrigues et al., 2011), quer nas relações homossexuais (Kurdeck & Schmitt, 1986; Peplau & Fingerhut, 2007 cit. por Rodrigues et al., 2011). Diversos estudos têm demonstrado que relacionamentos de longa duração, em que haja compromisso, evidenciam segurança, relações mais positivas e de maior duração por oposição às relações caracterizadas por conflitos e baixos níveis de compromisso (Shulman, Tuval-Mashiach, Levran, & Anbar, 2006 cit. por Cui, Fincham, Durtschi, 2011). Contudo, mesmo os relacionamentos com um elevado nível de compromisso, alguns estabelecidos nesta faixa etária, podem ter dimensões negativas (violência física e a insistência sexual) (Scott et al., 2011). Um estudo realizado em Espanha com mulheres que tinham solicitado apoio devido aos maus tratos sofridos dentro das suas relações amorosas, demonstrou que em 18,2% dos casos as agressões já se tinham iniciado antes de existir coabitação (Gómez et al., 2002 cit. por Machado, Matos & Moreira, 2003; Caridade & Machado, 2006). Straus e colaboradores (2002 cit. Paiva & Figueiredo, 2005), para uma amostra de 3.086 estudantes universitários de ambos os sexos oriundos de 14 países, mostram que 28.6% dos sujeitos inquiridos relatam perpetrar algum tipo de abuso físico sem sequelas sobre o companheiro, variando a prevalência deste tipo de abuso de acordo com os países entre 17 e 44.7%. Uma menor parte da amostra (6.7%) refere perpetrar algum tipo de abuso físico com sequelas, embora esta percentagem oscile consoante os países entre 1.5 e 20%. Quanto ao território português, os mesmos dados são corroborados, incluindo na população universitária. Vários estudos a nível nacional demonstraram que uma percentagem significativa de estudantes adota condutas violentas no contexto das suas relações de namoro (Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004). Machado, Matos e Moreira (2003) observaram numa investigação realizada que 15,5% dos jovens que mantinham um relacionamento amoroso admitiram ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo e 21.7% revelaram ter já adotado este tipo de condutas sobre os parceiros amorosos. Além do exposto, observou-se de igual modo que quer na perpetuação, quer na vitimização, a agressão psicológica foi o tipo de abuso mais prevalente da amostra (Paiva & Figueiredo, 2004). Ainda ao nível nacional, um dos estudos mais recentes recorreu a uma amostra de 4667 jovens dos 13 aos 29 anos, tendo-se constatado que nas suas relações atuais, 25.4% dos jovens já tinham sido vitimados e 30.6% admitiam ter cometido atos abusivos sobre o/a parceiro/a (Caridade, 2008). Neste contexto, a violência nas relações de intimidade pressupõe o recurso a comportamentos que visam assumir o poder na relação,

magoar e/ou controlar o/a parceiro/a, de maneira tomar a forma de violência física (bater, empurrar), psicológica (insultar, humilhar), sexual (beijar contra a vontade do outro, forçar práticas sexuais) ou *stalking* (perseguir, vigiar contactos) (Coelho & Machado, 2010).

Nas várias investigações que seguem esta temática verifica-se que nas relações de intimidade dos mais jovens, está presente uma ambivalência atitudinal, traduzida na condenação global da violência por parte dos jovens, associada à sua legitimação e desculpabilização em determinadas condições (Lavoie, Robitaille, & Hébert, 2000 cit. por Coelho & Machado, 2010), podendo mesmo haver uma interpretação dos comportamentos violentos como demonstrações de amor (Chung, 2007 cit. por Coelho & Machado, 2010). A atribuição da causalidade da violência respeitava a fatores que estão fora do controlo do agressor ou, inclusivamente, que são da responsabilidade da vítima. Simultaneamente, também os discursos dos jovens acerca do amor podem estar subjacentes à manifestação de comportamentos relacionais violentos, assim como à permanência em relações insatisfatórias e/ou abusivas, sendo exemplificativos os repertórios "amor romântico", "amor apaixonado" e "amor companheiro" identificados por Dias (citado por Caridade, 2008). O repertório "amor romântico" consiste numa visão do amor e das relações como eternas e ideais, associadas à pessoa certa com a qual se luta contra adversidades e por quem são feitos sacrifícios. Já segundo, "amor apaixonado", é o responsável por uma forte intensidade emocional que tolda o raciocínio e torna a relação obsessiva, sendo os ciúmes interpretados como uma prova de amor e surgindo por sua vez, a infidelidade do parceiro como justificação para a violência. Por fim, o "amor companheiro" que se baseia na comunicação, no conhecimento e confiança e, surge de igual modo como um fator de permanência em relações abusivas, uma vez que cria a expectativa de que a violência terminará com a consolidação da relação, seja através da maturidade de ambos, ou de um maior conhecimento e uma melhor comunicação entre os intervenientes. O repertório "amor pragmático" foi o único que se verificou não sustentar relações insatisfatórias e/ou violentas.

De fato, algumas situações podem ser percebidas pelo indivíduo como uma eventual ameaça à estabilidade do seu relacionamento. De acordo com o MIR, quando há um elevado nível de compromisso e surgem situações em que há a perceção de uma eventual ameaça à estabilidade do relacionamento, podem ser desencadeados mecanismos cuja principal função é proteger e manter o relacionamento. Tais mecanismos são entendidos como os consequentes do compromisso e incluem os comportamentos de acomodação à situação, de sacrifício individual em detrimento da

situação, de compreensão, de justificação ou perdão, a derrogação de alternativas, ou o recurso a ilusões positivas sobre o/a parceiro/a e o relacionamento (Rusbult & Righetti, 2009 cit. por Rodrigues et al., 2011). No entanto, se manter uma relação amorosa é uma das tarefas mais importantes na idade da adultez emergente (Conger et al., 2000 cit. por Cui, Fincham, Durtschi, 2011), torna-se importante entender quais os percursos que aumentam a probabilidade para manter a estabilidade de um relacionamento ou os que contribuem para a sua dissolução. Pesquisas realizadas têm comprovado que os jovens adultos não terminam as relações amorosas com o propósito de explorar mais opções a este nível. Contudo, a dissolução das relações amorosas é normalmente preditora de baixos níveis de compromissos, baixos níveis de relacionamentos eficazes, níveis elevados de conflitos, uma comunicação medíocre, agressão e uma relação de qualidade e satisfação baixas (Rodrigues, Hall & Fincham, 2006; Cui, *et al.*, 2011).

De um modo geral, as relações amorosas podem variar de saudáveis, a não saudáveis ou abusivas. Numa relação saudável há a partilha de responsabilidades e tarefas no que respeita à tomada de decisões, há o reflexo do respeito mútuo, em que se ouve o parceiro sem haver qualquer julgamento, de forma compreensiva valorizando-se as opiniões e ainda a evidenciar, a confiança e o suporte emocional no que respeita a apoiar os objetivos de vida do parceiro, respeitar o direito aos seus sentimentos, atividades e opiniões (Caridade, 2008). Enquanto para alguns indivíduos a base de um relacionamento deve ser a paixão, para outros a base poderá consistir em proporcionarem um ao outro uma boa situação financeira, o que outrora poderia ser compreendido como um bom partido (Almeida, 2008b).

Nas relações não saudáveis ressalta a falta de comunicação, o desrespeito, desconfiança, a existência de tentativas de controlo, o desconforto na proximidade de outras pessoas e a pressão para atividades sexuais. Finalmente, as relações abusivas traduzem-se em sérios desequilíbrios de poder, com o abusador a controlar ou a tentar controlar a maior parte dos aspetos da vida da vítima (Santos, 2012).

5. Diferenças de Género

Como evidências adicionais e pertinentes para este estudo debruçamo-nos agora sobre as diferenças de género no que respeita à vivência das relações amorosas, persistindo no contexto universitário. Diversos autores sugerem que as diferenças entre homens e mulheres são o resultado dos papéis sociais e os estereótipos (Eagly, 1987; Eagly & Wood, 1991 cit. por Brebner, 2003) e, mais recentemente, Brody (1997 cit. por Brebner, 2003) faz referência ao facto dos estereótipos fornecerem modelos de comportamento adequados a adotar.

Na investigação realizada por Brebner (2003) verificou-se que as diferenças de género são aprendidas e diferem de cultura para cultura, isto é, quer os homens, quer as mulheres aprenderam a experimentar e a expressar emoções e como tal, algumas delas estão presentes de forma mais proeminente no sexo masculino, como é exemplo a raiva, e as mulheres sobressaem por se revelarem mais carinhosas e por expressarem a alegria e a tristeza de forma mais intensa (Fujita et al., 1991 cit. por Brebner, 2003), bem como o amor (Fabes & Martin, 1991; Pines, 1998 cit. por Ackerman, Li & Griskevicius, 2011). No mesmo sentido, com base na teoria de investimento parental há um menor investimento emocional no sexo masculino (Schmitt, et al., 2009). Em pesquisas realizadas por Fivush (1994, 1998 cit. por Thompson & Goodvin, 2005) observou-se que há diferenças quanto ao género no que respeita à educação acerca das emoções. Verificou-se que os pais das meninas tendem a discutir mais emoções como a tristeza e outras de atributos sociais com causas relacionais (ex: a tristeza é causada quando alguém está magoado), auxiliando na resolução de emoções negativas através da confiança e da reconciliação. Já nos rapazes, os pais discutem mais frequentemente emoções de raiva que tristeza, sendo estas de atributos para causas autônomas (ex: a tristeza é causada por perda de um brinquedo), observando-se ainda que a probabilidade de discussão acerca da resolução de emoções negativas é menor.

Contudo, outros investigadores sugerem que as diferenças encontradas têm causa biológica (Dion & Dion, 1973; Durik et al, 2006; Fehr & Broughton, 2001; Hendrick, Hendrick, Foote, & Slapion-Foote, 1984; Sprecher & Toro-Morn, 2002 cit. por Schmitt et al., 2009). Como exemplos, referimo-nos às diferenças primeiramente no âmbito sexual. No que respeita à atração romântica, as mulheres tendem a sentir-se mais atraídas por um homem quando é inteligente, charmoso e quando predomina em relação a outros (Graziano, Jensen-Campbell, Todd, & Finch, 1997; Kenrick, Neuberg, Zierk, & Krones, 1994 cit. por Schmitt et al., 2009), enquanto os homens tendem a sentir-se atraídos por uma mulher quando ela é fisicamente atraente (Fletcher, dizimista, O'Loughlin, Friesen, 2004; Lucas, Wendorf, & İmamoğlu, 2004; Schmitt & Buss, 1996 cit. por Schmitt et al., 2009).

No âmbito sexual, as diferenças apontadas indicam que as mulheres tendem a preferir que o sentimento de amor esteja presente antes de consumir o ato sexual (Schmitt, 2005; Simpson & Gangestad, 1991; Schmitt *et al.*, 2009), enquanto os homens demonstram maiores probabilidades de praticar sexo sem conhecer a pessoa, ou mesmo sem que seja necessário que exista amor nessa relação sexual (Clark & Hatfield, 1989; Voracek, Hofhansl & Fisher, 2005 cit. por Schmitt et al., 2009). Bogle

(2008) afirma que há uma guerra dos sexos, em que os homens preferem o sexo casual, enquanto as mulheres dão preferência aos relacionamentos de namoro e mostram-se mais interessadas num “hook up” que seja planeado, expectando poder vir a tornar-se numa relação futuramente (Owen & Fincham, 2011). No entanto, o conflito surge ao nível da mentalidade das mulheres, pois se por um lado as regras sociais referem que deverão evitar as relações sexuais ocasionais, por outro lado, a estrutura atual da sociedade sugere que deverão atrasar os relacionamentos com compromisso e continuar a investir na sua formação académica (Hamilton & Armstrong, 2009). Para as mulheres é hoje mais fácil dar espaço à sua sexualidade em relações de curta duração (Carpenedo & Koller, 2004), considerando que em épocas anteriores estas eram julgadas caso tivessem relações sexuais antes do casamento. Atualmente tal parece ser aceite com exceção de alguns grupos religiosos mais conservadores (England & Bearak, 2013). No entanto, continuam a surgir discursos que categorizam e diferenciam o comportamento dos géneros feminino e masculino, isto é, espera-se que os homens sigam os seus desejos e oportunidades sexuais, independentemente do contexto, enquanto se espera de igual forma que as mulheres evitem o sexo ocasional e pratiquem sexo apenas quando apaixonadas e mantiverem um relacionamento (Crawford & Popp 2003; Risman & Schwartz 2002; Kimmel 2008 cit. por Hamilton & Armstrong, 2009; Bogle 2008).

Para comprovar o que acima foi referido, no que respeita às atitudes face ao compromisso e segurança emocional, são registados índices mais elevados nas mulheres (Balswick, 1988; Pellegrini, 1978 cit. por Ackerman, Li & Griskevicius, 2011), acreditando-se que elas preferem sempre sentir o amor, viver um romance que evolui para um relacionamento e posteriormente, para um casamento (Holland & Eisenhart 1990; Martin 1996; Simon, Eder, & Evans 1992 cit. por Hamilton & Armstrong, 2009).

Por sua vez, os homens manifestam mais frequentemente o compromisso sexual, assim como a pretensão de prazer sexual dentro das relações (Buss, 2000; Cimbalo & Novell, 1993; Hazan & Shaver, 1987 cit. por Schmitt, et al., 2009). Desta forma e atendendo ao facto de que as mulheres tendem a expressar os seus sentimentos de forma mais intensa, mostram maior de probabilidade de expressarem fidelidade (Gonzalez e Koestner, 2006 cit. por Ackerman, Li & Griskevicius, 2011), indo ao encontro às pesquisas realizadas, as quais apontam para uma maior disposição para assumir compromissos e relacionamentos a longo prazo (Buss & Schmitt, 1993; Kenrick et al., 1990; Peplau, 2003; Simpson & Gangestad, 1992 cit. por Ackerman, Li & Griskevicius, 2011). Como tal, ao nível emocional as mulheres adotam emoções mais intensas quando envolvidas numa relação de amor (por exemplo, arrepios e

euforia), enquanto os homens tendem a referir que se apaixonam mais rapidamente que o sexo oposto (Brantley, Knox & Zusman, 2002; Kanin, Davidson, & Scheck, 1970 cit. por Schmitt et al., 2009).

As mulheres nos seus discursos categorizam-se como mais providas de segurança emocional, independentemente das melhores amizades serem com homens ou com mulheres, pois as próprias já cultivam nos seus relacionamentos maiores níveis de intimidade e apoio emocional (DeSousa & Cerqueira, 2012). Além do referido, as mulheres demonstram ter mais facilidade ao expressarem emoções relativas ao amor e ao compromisso (Grossman & Wood, 1993; Notarius & Johnson, 1982; Sprecher & Sedikides, 1993 cit. por Ackerman, Li & Giskevicius, 2011), confirmando que há maior probabilidade de revelarem os detalhes mais íntimos em comparação com os indivíduos do sexo oposto (Morgan, 1976 cit. por Ackerman, Li & Giskevicius, 2011).

No que respeita à conceção que os sujeitos têm acerca de si próprios num relacionamento, as mulheres tendem a descrever-se como mais compreensivas, a valorizar-se mais nos discursos que fazem, sendo estes mais favoráveis e positivos (Zimmer-Gembeck & Ducat, 2010). Apesar do que foi até ao momento referido acerca da postura das mulheres nos relacionamentos, diversos estudos têm evidenciado que os homens mantêm mais fortemente crenças românticas, como a pretensão de casamento, ou que o amor é eterno (Cunningham & Antill, 1981; Knox & Sporkowski, 1968; Peplau & Gordon, 1985; Sprecher & Metts de 1989, Garcia & Carrigan, 1998; Medora, Larson, Hortacsu, & Dave, 2002 cit. por Ackerman, Li & Giskevicius, 2011). Outra evidência acerca é que também os homens conseguem divulgar informações pessoais de forma espontânea quando se encontram com indivíduos estranhos ao próprio (Derlega, Winstead, Wong & Hunter, 1985 cit. por Ackerman, Li & Giskevicius, 2011).

PARTE II
ESTUDO EMPÍRICO

1. Enquadramento metodológico

A escolha das técnicas e da metodologia adequadas para investigar um determinado objeto de estudo assume uma importância fundamental. Para o presente trabalho de investigação, foi adotada uma metodologia de investigação predominantemente qualitativa, seguindo um paradigma interpretativo, o qual se opõe ao paradigma Positivista. Neste último, o investigador recorre a métodos quantitativos, a partir de uma realidade objetiva primando por um modelo de racionalidade fundamentado nas ciências naturais, baseado na matemática e regido por regularidades, bem como um rigoroso determinismo (Ramos, Neves & Corazza, 2011; Gephart, 1999; Myers, 1997 cit. por Lima, 2011). Assim, esta modalidade de investigação tem por objetivo explicar, prever e controlar os fenómenos ao investigar as regularidades e leis explicativas através da objetividade dos procedimentos e quantificação de medidas de experimentação, comparação e classificação, traduzidas em objetos empiricamente testáveis, no qual o método indutivo se assume como válido para gerar conhecimento científico a partir do princípio da verificabilidade (Almeida & Freire, 2000; Appolinário, 2006).

Já o paradigma interpretativo envolve uma abordagem interpretativa e naturalística. Historicamente, este método foi definido dentro do paradigma anterior quando os investigadores tentavam fazer uma investigação positivista com métodos menos rigorosos. No entanto, aperceberam-se de que os seus métodos não eram adequados ao estudo do ser humano. Ambos os paradigmas se distanciaram quando os investigadores interpretacionistas sublinharam a natureza socialmente construída da realidade, enquanto os positivistas assumiam a objetividade real dos factos sociais. Significa isto, que o investigador qualitativo estuda as coisas no seu contexto natural, tentando fazer sentido, ou interpretar, os fenómenos em termos dos significados que as pessoas lhes atribuem (Denzin & Lincoln, 2000). Por “método qualitativo”, Strauss e Corbin (1998) entendem qualquer tipo de pesquisa que produz resultados não utilizando procedimentos estatísticos ou outros meios de quantificação, ou seja, a investigação qualitativa enfatiza os processos e significados que não são rigorosamente examinados ou medidos em termos de quantidade, intensidade ou frequência. Contudo, este paradigma parte do pressuposto de que existe uma

realidade objetiva no contexto de estudo, embora esta apenas se consiga apreender de forma imprecisa (Daly, 2007).

Moreira e Caleffe (2008) enumeram as três características principais da metodologia no paradigma interpretativo. Primeiramente, a coleta acontece em ambiente natural, cujo objetivo é captar a realidade do local do modo mais fiel possível; em segundo lugar, a pesquisa vai-se definindo gradualmente, à medida que os investigadores conhecem a realidade pesquisada, caracterizando o paradigma interpretacionista como mais flexível ao observar o mundo real como uma construção dos sujeitos sociais que, em cada momento e espaço, dão sentido aos acontecimentos do presente, como também reinterpretem o passado; a terceira característica do paradigma qualitativo é o papel do investigador em todo o processo. Os autores afirmam que um conjunto de tradições pode ser situado no paradigma interpretativo, conhecido por vários nomes como: etnografia, hermenêutica, naturalismo, fenomenologia, interacionismo simbólico, construtivismo, estudo de caso e pesquisa qualitativa. Holanda (2006) propôs uma definição que abrange toda a investigação qualitativa ao integrar a essência de dois aspectos: a) a presença da subjetividade do investigador e do sujeito investigado no próprio ato da investigação, e b) a investigação do fenômeno é vista de forma abrangente, ao perspectivar e destacar a sua inscrição noutros fenômenos mais vastos, contextualizando-os. Ainda de acordo com o mesmo autor, as diversas abordagens acima citadas procuram obter o significado oculto das fenômenos (manifestações, ocorrências, ideias, vivências, sentimentos), bem como identificar os papéis que assumem na vida humana.

No estudo qualitativo que se expõe optou-se por uma perspectiva fenomenográfica, pois esta permite a análise da percepção dos sujeitos acerca do que se pretende estudar e ainda, observar a variação e a arquitetura da mesma a partir das descrições utilizadas. Como tal, a escolha deste paradigma para o presente estudo deve-se às características inerentes ao mesmo, de forma se perceber como é que os jovens adultos conceptualizam as relações amorosas e que componentes consideram essenciais nessa relação.

2. Objetivos da Investigação

À medida que o ser humano se desenvolve como pessoa, vai construindo um vasto leque de relações interpessoais que adquirem níveis de importância diferentes de acordo com a fase da vida em que se encontra. Na faixa etária a que reporta este estudo, as relações amorosas ocupam um papel central e a formação e manutenção das mesmas constitui-se como uma das principais tarefas do jovem adulto

contribuindo para a tarefa desenvolvimental da construção de identidade; pode ainda acrescentar-se que o desenvolvimento, bem como a dissolução frequente das relações íntimas têm consequências importantes ao nível do desenvolvimento do indivíduo, percebendo-se que a qualidade das mesmas influencia diretamente o bem-estar. Contudo, apesar de haver um desenvolvimento de diversas capacidades na idade adulta emergente, entre as quais um maior controlo sobre as emoções e ainda uma vasta divulgação da informação no que se refere aos relacionamentos abusivos, continuam a registar-se níveis elevados de violência no namoro entre os jovens. Como tal, como objetivo geral deste estudo pretende-se conhecer a perspetiva dos estudantes universitários acerca dos relacionamentos amorosos na sua faixa etária e, de um modo mais específico, identificar:

- O que pensam sobre os relacionamentos amorosos.
- As diferentes tipologias de relacionamento amoroso que se estabelecem na sua faixa etária e o que pensam sobre cada uma delas.
- Como definem relacionamento amoroso saudável/ não saudável e quais as consequências destes últimos.
- Se existem diferenças de género quanto às conceções/vivência de relacionamento amoroso.
- Qual a perceção dos sujeitos acerca de si mesmos no relacionamento.

3. Método

No estudo qualitativo que apresentamos, de carácter exploratório, optou-se, como foi referido anteriormente, pela perspetiva fenomenográfica, a qual permite analisar a perceção dos jovens estudantes universitários acerca dos relacionamentos amorosos estabelecidos na sua faixa etária.

3.1. Participantes

A amostra é constituída por um total de 20 sujeitos, entre os 18 e os 26 anos, sendo que 10 pertencem ao sexo feminino e 10 ao sexo masculino.

Segundo Moreira e Caleffe (2008) não parece haver uma regra específica acerca da abrangência da amostra, dado que a preocupação primordial na investigação deverá ser a de facultar uma definição clara do grupo de indivíduos que irão ser sujeitos à pesquisa. Posteriormente, deverá haver uma seleção da amostra de forma aleatória, dando assim, fidedignidade aos resultados.

3.1.1 Dados de identificação dos estudantes

Todos os sujeitos são alunos de diversos cursos da Universidade de Évora, com nacionalidade portuguesa e naturalidade de vários pontos do País.

Tabela 1
Dados de identificação dos sujeitos

Identificação	Idade	Estado civil	Identificação	Idade	Estado civil
S1	18	Solteira (namora)	S11	18	Solteiro (namora)
S2	19	Solteira	S12	19	Solteiro (namora)
S3	20	Solteira (namora)	S13	19	Solteiro
S4	21	Solteira	S14	21	União de facto
S5	22	Solteira	S15	22	Solteiro
S6	23	Solteira	S16	20	Solteiro
S7	24	União de facto	S17	23	Solteiro
S8	24	Solteira (namora)	S18	23	Solteiro
S9	25	Solteira (namora)	S19	24	Solteiro
S10	26	Solteira	S20	26	Solteiro

Como podemos observar na Tabela 1, com exceção de um rapaz e de uma rapariga que referem viver em união de fato, todos os sujeitos da amostra são solteiros. Do total quatro raparigas e dois rapazes referem ter namorado.

3.2. Instrumentos e Procedimentos

O presente estudo assume um carácter exploratório e para o realizar recorreu-se à técnica de entrevista. Num primeiro momento realizou-se um estudo piloto com quatro estudantes (2 rapazes e 2 raparigas) a quem se colocou uma questão muito geral: *o que pensas sobre os relacionamentos amorosos?* A partir da análise destas entrevistas (gravadas e transcritas na íntegra) e com suporte na literatura elaborámos o guião definitivo com a estrutura de investigação que se apresenta na Tabela 2.

A respeito da análise de conteúdo, entende-se atualmente que se constitui como uma das técnicas mais comuns na investigação empírica. Nas palavras de Bardin (2009) corresponde a um conjunto de técnicas de análise que, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, visam obter indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Tabela 2

Relação entre as questões e a estrutura da investigação - Guião da entrevista.

Temas	Questões
Tema I - Conceito de relacionamento amoroso	1 – O que é para si o relacionamento amoroso?
Tema II - Tipologia do relacionamento amoroso	2 – Que diferentes formas de relacionamento amoroso conhece? 3 – O que pensa sobre cada uma delas? 4 – Em que se diferenciam?
Tema III - Características do relacionamento amoroso	5 – O que é para si um relacionamento amoroso saudável? 6 – O que é para si o relacionamento amoroso não saudável? 7 – Que consequências pode ter um relacionamento amoroso não saudável? 8 – O que leva os jovens a permanecer num relacionamento amoroso não saudável?
Tema IV - Relacionamento e diferenças de género	9 – Acha que o relacionamento amoroso é vivido de maneira diferente pelos homens e pelas mulheres? Porquê?
Tema V - Perceção de si no relacionamento	10 – O que pensa de si como namorado/a?

A análise de conteúdo é um meio de expressão do sujeito, no qual o investigador categoriza as unidades de texto (palavras, frases etc.) que se repetem, determinando uma expressão que as representem. Uma das formas de trabalhar esta técnica é através da análise por categorias temáticas. A mesma permite que sejam encontradas uma série de significados que o codificador deteta por meio de indicadores que lhe estão ligados. Codificar ou caracterizar um segmento é colocá-lo numa categoria com equivalências definidas, a partir dos significados, embora em função do julgamento do codificador (Caregnato & Mutti, 2006). Para Lüdke e André (1986) não existem de facto normas específicas, muito menos procedimentos padronizados para a criação de categorias. Contudo, torna-se necessário avaliar a existência de aspetos que se verificam ser recorrentes e que sobressaem com alguma regularidade, também avaliar a partir do conjunto inicial de categorias aquelas que refletem os propósitos da pesquisa, bem como atender aos critérios de homogeneidade interna, heterogeneidade externa, inclusividade, coerência e plausibilidade.

Circunscrevendo este estudo, após a transcrição integral das entrevistas, seguiu-se o processo de categorização das respostas. Seguidamente, organizou-se toda a informação recolhida, valorizando toda a variedade e riqueza encontradas nos discursos dos sujeitos, utilizando como base para o sistema de classificação o critério de proximidade do próprio discurso dos sujeitos. O critério de registo consistiu na anotação da presença de todas as unidades de informação presentes no discurso de

cada participante, pertencentes a determinada categoria, subcategoria ou subsubcategoria e *não no número de vezes que foram referidas por cada um dos participantes*. Como forma de garantir a validade e fidelidade da análise temática e categorial (Charmaz, 2009) submetemos a estrutura categorial obtida e os critérios explicativos a três juízes independentes, sendo o resultado final apresentado no anexo II e os critérios de categorização no anexo III.

CAPÍTULO II

Apresentação e Análise dos Resultados

Análise e Síntese dos Resultados

Tal como foi citado anteriormente, a presente investigação realizou-se adotando uma abordagem qualitativa fenomenográfica, que visa analisar a forma como os fenómenos são percebidos pelos indivíduos. Contextualizando o estudo, pretende-se analisar a forma como os participantes da amostra conceptualizam o relacionamento amoroso. Inicialmente, começaremos por abordar o tema I, o qual diz respeito à definição do conceito de relacionamento amoroso, analisando em seguida as várias tipologias do relacionamento amoroso no tema II, seguido do tema III onde se observa as características atribuídas a este mesmo conceito. O IV tema aborda algumas diferenças de género no relacionamento amoroso e por fim no V, temos a percepção que cada sujeito tem de si neste tipo de relacionamentos.

Em cada tema começaremos por analisar minuciosamente as verbalizações produzidas, inserindo-as no respetivo contexto temático, com o intuito de captar as estruturas de significado introduzidas pelas categorias e subcategorias definidoras das diversas percepções individuais.

Na tabela 3 pode ser percebida a globalidade dos temas abordados, acompanhados das respetivas frequências e percentagens.

Tabela 3
Temas: Frequências e percentagens

Temas	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
I. Conceito de relacionamento amoroso	26	4.9%	32	6%	58	11%
II. Tipologia do relacionamento amoroso	44	8.3%	65	12.2%	109	20.5%
III. Características do relacionamento amoroso	91	17.1%	118	22.2%	210	39.5%
IV. Relacionamento e diferenças de género	24	4.5%	35	6.6%	59	11.1%
V. Percepção de si no relacionamento	33	6.2%	64	12%	97	18.2%
Total	218	41%	314	59%	532	100%

Pela tabela acima, observamos que o tema que abrangeu maior volume de informação foi III. Características do relacionamento amoroso (N=210; 39,5%),

seguido do II. Tipologia do relacionamento amoroso (N=109; 20,5%). Na análise intergrupos verificou-se que o sexo feminino obteve maior quantidade de registos de informação em todos os temas (N=314; 59%).

1. Análise do tema I. Conceito de Relacionamento Amoroso

Como forma de conhecer o tema I colocámos apenas uma questão “O que é para si o relacionamento amoroso?”, da qual emergiram as seguintes categorias.

Tabela 4

Análise das categorias do Tema I. Conceito de relacionamento amoroso; Frequências e percentagens

Tema I. Conceito de relacionamento amoroso	Estudantes				Total	
	H		M		N	%
	N	%	N	%		
1. Confiança mútua/ entrega	3	5.2%	5	8.6%	8	13.8%
2. Aceitação/ respeito/ compreensão	1	1.7%	4	6.9%	5	8.6%
3. Intimidade	1	1.7%	4	6.9%	5	8.6%
4. Protecção mútua/ suporte	2	3.5%	2	3.5%	4	6.9%
5. Convivência/ proximidade	3	5.2%	2	3.5%	5	8.6%
6. Cumplicidade/ partilha/ Harmonia	4	6.9%	4	6.9%	8	13.8%
7. Vínculo/ Simbiose	2	3.5%	2	3.5%	4	6.9%
8. Algo duradouro	2	3.5%	2	3.5%	4	6.9%
9. Sentimentos envolvidos	8	13.8%	7	12%	15	25.9%
Total	26	45%	32	55%	58	100

Pela observação da tabela acima verificamos que a categoria que registou maior volume de informação foi a 9. *Sentimentos envolvidos* quer na análise global (N=15; 25.9%), quer na análise intergrupos (Homens N=8; 13.8%; Mulheres N=7; 12%), sendo que na generalidade as mulheres apresentam maior volume de informação (N=32; 55%).

1.1. Análise da categoria 9. Sentimentos Envolvidos

A análise desta categoria reflete os sentimentos envolvidos que os jovens consideram importantes existir num relacionamento amoroso e que acharam pertinente para a construção do seu significado.

Tabela 5

Categoria: 9. Sentimentos envolvidos; Frequências e percentagens

Categoria 9. Sentimentos envolvidos	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
9.1. Gostar	5	33.3%	0	0	5	33.3%
9.2. Amizade/carinho	0	0%	3	20%	3	20%
9.3. Amor	2	13.3%	3	20%	5	33.3%
9.4. Paixão/atração física	1	6.7%	1	6.7%	2	13.3%
Total	8	53.3	7	46.7	15	100

A partir do exposto, verificamos que os sujeitos do sexo masculino referem fortemente que a categoria *Gostar* é uma característica que deve existir num relacionamento amoroso apresentando assim, a maior percentagem do grupo (N=5; 33.3%). Apesar de nenhuma mulher ter referido que gostar se constitui como algo importante no relacionamento, estas apontam para a existência de *amizade e carinho* (N=3; 20%), onde nenhum homem referiu no seu discurso esta componente. O sentimento de *Amor* surgiu com uma percentagem semelhante à anterior nas mulheres (N=3; 20%;) e nos homens ligeiramente inferior (N=2; 13.3%). Em suma, os sentimentos que mais se evidenciaram nesta categoria foi o *Gostar* por parte dos homens e o *Amor*, por parte de ambos, embora com maior volume feminino.

1.2. Síntese da análise do tema I

No tema I salienta-se a categoria 9. *Sentimentos envolvidos* (N=15; 25.9%) num relacionamento amoroso em que o *Gostar* e o *Amor* assumiram uma diferença entre homens (N=3; 33.3%) e mulheres, dado que a primeira registou frequências mais elevadas que o *Amor* e este último, mostrou-se ser algo importante entre as mulheres (N=3;20%). A *Confiança mutua* e a *Cumplicidade/partilha/harmonia* registaram o mesmo volume de informação na generalidade (N=8; 13.8%) embora a primeira tenha sobressaído entre as mulheres (N=5; 8.6%) e a segunda tenha ficado ao mesmo nível entre os dois sexos (N=4; 6.9%).

No que respeita à *Aceitação/ respeito/ compreensão, Intimidade e Convivência/proximidade* (N=5; 8.6%), demonstraram ser características que as mulheres valorizam num relacionamento amoroso, apesar da *Convivência/proximidade* ter obtido registos mais elevados nos homens (N=3; 5.2%).

As restantes variáveis (*Vínculo/Simbiose*, *Proteção mútua/suporte* e *Algo duradouro*) registaram índices ligeiramente mais baixos, embora com as mesmas frequências para ambos os sexos pressupondo que os mesmos parecem ter importância para os dois sexos (N=4; 6.9%).

2. Análise do tema II. Tipologia dos Relacionamentos Amorosos

O tema II abrangeu as questões 2, 3 e 4, o que permitiu aprofundar quais as conceções de relacionamento amoroso, bem como as diversas tipologias. Do mesmo tema, surgiram oito categorias, conforme se apresenta na tabela seguinte.

Tabela 6

Análise das categorias do Tema II. Tipologias do relacionamento amoroso; Frequências e percentagens

Tema II. Tipologias do relacionamento amoroso	Estudantes				Total	
	H		M		N	%
	N	%	N	%		
1. Longa duração (compromisso)	7	6.4%	5	4.6%	12	11%
2. Curta duração (ausência de compromisso)	13	11.92	24	22%	37	33.9%
3. Convencionais (namoro/ casamento/união de facto)	5	4.6%	8	7.3%	13	11.92
4. Não convencionais/ abertos	7	6.4%	5	4.6%	12	11%
5. Diversidade sexual	2	1.8%	6	5.5%	8	7.3%
6. Baseados em sentimentos	6	5.5%	16	14.7%	22	20%
7. Amor familiar	2	1.8%	1	0.91%	3	2.7%
8. Amigos/ colegas de trabalho ou de escola	2	1.8%	0	0	2	1.8
Total	44	40.3%	65	59.7%	109	100

A partir da tabela anterior podemos observar que a categoria que obteve maior volume de informação foi a categoria *Relacionamentos de curta duração* (N=37; 33.9%), seguida da categoria 9. *Baseados em sentimentos*, isto é, quando os sujeitos se referiam aos sentimentos para descrever e diferenciar os diversos tipos de relações (N=22; 20%). Curiosamente, na análise intergrupo verifica-se que as mulheres registaram maior volume de informação nestas duas categorias referidas em comparação que o sexo oposto. Por sua vez, apesar dos homens terem registado menor quantidade de informação que as mulheres no geral (homens N=44;40.3%; mulheres N=65; 59.7%), nas categorias *Relacionamentos de longa duração*,

Relacionamentos não convencionais/ abertos, Amor familiar e Amigos/ colegas de trabalho ou de escola, registaram maior percentagem de volume de informação que elas.

2.1. Análise da categoria 1. Longa Duração (compromisso)

Na próxima tabela analisamos o que foi referido acerca dos relacionamentos com a característica longa duração, como uma ou a única tipologia de relacionamento amoroso na visão de alguns sujeitos. Para a categorização desta variável foi incluído o fator compromisso.

Tabela 7

Categoria: 1. Longa duração (compromisso); Frequências e percentagens

Categoria 1. Longa duração	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
1.1. Duradouro	4	33%	3	25%	7	58.3%
1.2. Serio	3	25%	2	16.7%	5	41.7%
Total	7	58.3%	5	41.7%	12	100

Através da análise da tabela 7 pode-se comprovar que contrariamente ao que sucede nas anteriores, o volume de informação é maior no sexo masculino (N=75; 8.3%) nas duas subcategorias, principalmente em *Relacionamento Duradouro*. Esta, foi a expressão mais utilizada pelos sujeitos como forma de se referirem a um relacionamento amoroso.

Exemplos:

“Existe a relação duradoura e a relação duradoura é definida pelo tempo que a define”(S15)

Identicamente à variável anterior surgiu a seguinte característica Serio N=5; 41.7%), cuja maior percentagem de respostas pertenceu ao sexo masculino com 25% das mesmas. Compreende um relacionamento de longa duração, no qual se assume um compromisso e que clarifica melhor o que é um relacionamento amoroso de longa duração.

2.2. Análise da categoria 2. Curta duração (ausência de compromisso)

Segue-se agora a análise da tabela 8, onde foram registados os discursos referentes ao que os estudantes consideravam como relacionamentos de curta duração.

Tabela 8

Categoria: 2. Curta duração (ausência de compromisso); Frequências e percentagens

Categoria 2. Curta duração	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
2.1. Noite única	4	10.8%	3	3.1%	7	18.9%
2.2. Avaliação do relacionamento noite única	2	5.4%	6	16.2%	8	21.6%
2.3. Curtir	4	10.8%	5	13.5%	9	24.3%
2.4. Amigos coloridos/ relação esporádica ("amigos com benefícios")	1	2.7%	4	10.8%	5	13.5%
2.5. Avaliação de amigos coloridos	2	5.4%	6	16.2%	8	21.6%
Total	13	35.1	24	64.9	37	100

Ao se observar a tabela precedente verifica-se primeiramente que a categoria que envolveu mais volume de informação foi a tipologia *Curtir* (N=9; 24.3%), logo seguida de *Avaliação dos amigos coloridos* (N=8; 21.6%), equivalente a *Avaliação do relacionamento de uma noite única*. É de ressaltar ainda que os discursos femininos foram claramente superiores na maioria das tipologias, principalmente quando se tratava de avaliar cada um destes relacionamentos.

a) Análise da categoria 2.2. Avaliação do relacionamento noite única.

A próxima tabela reflete as avaliações que foram feitas aos relacionamentos de uma só noite, quer positivos, quer negativos.

Tabela 9

Categoria: 2.2. avaliação dos relacionamentos de uma noite única; Frequências e percentagens

Categoria 2. 2. Avaliação do relacionamento noite única	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
2.2.1. Aspectos positivos	0	0	1	12.5%	1	12.5%
2.2.2. Aspectos negativos	2	25%	5	62.5%	7	87.5
Total	2	25%	6	75%	8	100%

A partir da análise da tabela apercebemo-nos de que o repertório feminino foi três vezes maior que o masculino (Mulheres: N=6; 75%; Homens: N=2; 25%). Constatamos ainda que o volume de informação é maior quando os sujeitos na sua globalidade se referem aos aspetos negativos deste tipo de relação (N=7; 87.5%). Apenas um elemento feminino enunciou um aspeto positivo e nenhum elemento masculino evidenciou qualquer aspeto positivo.

Exemplo positivo:

“fuck bodies são ligações que nos ajudam a construir-nos, são ligações de aprendizagem” (S7)

Exemplo negativo:

“mas apenas sexual... há só uma atração física ... não há um envolvimento emocional”(S9)

b) Análise da categoria 2.5. Avaliação do relacionamento de amigos coloridos.

A tabela seguinte é semelhante à anterior, contando com os aspetos positivos e negativos deste tipo de relação.

Os resultados são semelhantes aos obtidos na categoria anterior no que respeita ao volume de informação nas duas categorias. Contudo a percentagem feminina continua superior nas mesmas duas (aspetos positivos e negativos), tendo sido distribuída de modo equitativo por ambos os aspetos (N=3; 37.5%).

Tabela 10

Categoria 2.5. Avaliação do relacionamento de amigos coloridos; Frequências e percentagens

Categoria 2. 5. Avaliação do relacionamento amigos coloridos	Estudantes				Total	
	H		M		Total	
	N	%	N	%	N	%
2.5.1. Aspetos positivos	1	12.5%	3	37.5%	4	50%
2.5.2. Aspetos negativos	1	12.5%	3	37.5%	4	50%
Total	2	25%	6	75%	8	100

2.3. Análise da categoria 4. Relações Não convencionais/ abertas

Na tabela seguinte foram agrupadas as características que pertenciam às relações não convencionais, e entre as quais as relações abertas, tal como os sujeitos as descreveram.

Tabela 11

Categoria 4. Relações não convencionais/ abertas; Frequências e percentagens

Categoria 4. Relacionamentos não convencionais/ abertas	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
4.1. Flirt	1	8.3%	0	0	1	8.3%
4.2. Relação sexual	3	25%	3	25%	6	50%
4.3. Poliamor	3	25%	2	16.7%	5	41.6%
Total	7	58.3%	5	41.7%	12	100

O *flirt* foi a característica menos evidenciada, no entanto por um sujeito do sexo masculino (N=1; 8.3%).

Quanto à segunda característica foi a que obteve maior quantidade de informação (N=6; 50%), dado que a mesma foi utilizada pelos sujeitos como principal forma de distinguir as relações que consideram não convencionais das que consideram convencionais. Já a categoria *Poliamor*, foi apontada pelos sujeitos também como alternativa às relações convencionais (N=5; 41.6%).

2.4. Análise da categoria 5 Diversidade

Nesta tabela categorizou-se o discurso que se referia à diversidade sexual. A verbalização masculina foi superior à feminina também nesta categoria (N=5; 75%). Tendo sido mais referido o relacionamento entre *homossexuais* e *heterossexuais* (N=3; 37.5%).

Tabela 12

Categoria 5. Diversidade; Frequências e percentagens

Categoria 5. Diversidade	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
5.1. Heterossexual	1	12.5%	2	25%	3	37.5%
5.2. Homossexual	1	12.5%	2	25%	3	37.5%
5.3. Bissexual	0	0	2	25%	2	25%
Total	2	25%	6	75%	8	100

2.5. Análise da categoria 6. Baseados em sentimentos

Nesta categoria agruparam-se os registos que utilizavam os sentimentos e emoções como forma de descrever e distinguir os vários relacionamentos amorosos que iam sendo referidos, principalmente nos relacionamentos de longa e de curta duração.

Tabela 13

Categoria 6. Baseados em sentimentos; Frequências e percentagens

Categoria 6. Baseados em sentimentos	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
6.1. Ligação espiritual	0	0	4	14.8%	4	14.8%
6.2. Sentimentos fortes	5	18.5%	9	33.3%	14	51.9%
6.3. Vivência/ experiência	0	0	4	14.8%	4	14.8%
6.4. Responsabilidade	0	0	2	7.4%	2	7.4%
6.5. Risco de mágoa	1	3.7%	2	7.4%	3	11.1%
Total	6	22.2	21	77.8	27	100

Pela análise da tabela, constatamos que a categoria *Sentimentos fortes* foi aquela que mais se destacou (N=14; 51.9%) e nela, foram de igual forma agrupados os registos que indicavam o que leva os jovens a unirem-se a uma outra pessoa. Neste aspeto encontramos mais verbalização nos homens (N=5; 18.5%). As categorias de *Ligação espiritual* e *Vivência/experiência*, são verbalizações essencialmente femininas à semelhança do que ocorre nas restantes, tendo obtido o mesmo volume de informação (N=4; 14.8%). O *risco de mágoa* é referido por um dos jovens como uma característica presente aquando uma dissolução num relacionamento duradouro, assim como por dois elementos do sexo feminino (N=3; 11.1%).

2.6. Síntese da análise do tema II

O tema II apresentou oito categorias referentes aos *relacionamentos de longa duração* foi a primeira categoria, na qual se agrupou todos os registos que englobavam a mesma denominação. Uma das características gerais deste tipo de relacionamento é a de que envolvem um compromisso que seja *duradouro* e outra característica é de que o relacionamento terá que ser *serio* (nas palavras de alguns

sujeitos). Nesta primeira categoria o sexo masculino apresentou maior quantidade de informação (N= 7; 58.3%) que o sexo feminino.

A categoria Relacionamentos de curta duração foi a que apresentou maior quantidade de informação, principalmente por incluir as avaliações dos aspetos positivos e negativos dos relacionamentos de uma noite única e dos amigos coloridos, nas quais as mulheres deram o maior contributo (N=8; 75%). No entanto, a tipologia que surgiu com maior frequência foi *Curtir* (N=9; 24.3%).

Outra categoria que se salientou foi relacionamentos *Baseados em sentimentos*, devido especialmente ao grande volume de informação produzida pelos elementos do sexo feminino (N=22; 20%). Na mesma, incluiu-se tudo o que no discurso dos sujeitos recorria aos sentimentos ou a ausência deles, como forma de descrever as diversas relações amorosas.

A categoria que abrangeu os relacionamentos convencionais, como o namoro, ou o casamento e a união de facto, registou um volume de informação significativo por parte de ambos os sexos (N= 13; 11.92%), embora na sua maioria feminino (N=8; 7.3%). A maioria dos sujeitos do sexo masculino (N=7; 58%) salientou os *relacionamentos não convencionais* englobando como características o *flirt* e a *relação sexual*, os quais são abertos a outros indivíduos fora do relacionamento a dois, bem como o *poliamor* como uma outra forma de relacionamento.

A categoria *Diversidade* foi proposta devido ao facto de alguns sujeitos a terem referido como mais uma característica dos relacionamentos amorosos, podendo estes ser entre duas ou mais pessoas do mesmo sexo, dos dois ou de sexo oposto.

Para além das categorias enunciadas, o relacionamento entre família, onde o *amor familiar* é a característica principal (N=3; 2.7%) e ainda, por último, o relacionamento entre amigos/ colegas de trabalho ou de escola (N=2; 1.8%).

3. Análise do tema III. Características do Relacionamento Amoroso.

O tema III abrangeu as questões 5, 6 e 7, 8. O mesmo tema permitiu conhecer o que os jovens consideram que é um relacionamento saudável e o que é um relacionamento não saudável, bem como as consequências dos mesmos e o que, na perspectiva dos sujeitos, leva os jovens a permanecer em relacionamentos que não são saudáveis. A partir deste tema surgiram quatro categorias conforme se apresenta na tabela abaixo.

Tabela 14

Análise das categorias do Tema III. Características do relacionamento amoroso; Frequências e percentagens

Tema III. Características do relacionamento amoroso	Estudantes				Total	
	H		M		N	%
	N	%	N	%		
1. Relacionamento amoroso saudável	24	11.4%	39	18.6%	64	30.5%
2. Relacionamento amoroso não saudável	25	11.9%	37	17.6%	62	29.5%
3. Consequências de um namoro não saudável	16	7.6%	29	13.8%	45	21.4%
4. Permanência num relacionamento não saudável	26	12.4%	13	6.2%	39	18.6%
Total	91	43.3%	118	56.2%	210	100

A partir da visualização da tabela acima verificamos que a categoria em que se registou mais informação foi a primeira, acerca do que é um relacionamento saudável e das suas principais características. Mais uma vez, registou-se um maior volume feminino na análise geral intergrupos (N=118;56%). Os homens registaram maior volume de informação na categoria que 4. Permanência num relacionamento amoroso não saudável (N=26; 12.4%) e as mulheres ficaram acima nas restantes, principalmente na primeira (N=39;18.6%).

3.1. Análise da categoria 1. Relacionamento amoroso saudável

Da categoria Relacionamento amoroso saudável, resultaram doze subcategorias, onde foram agrupadas as diversas características que os sujeitos consideravam que um relacionamento amoroso deste tipo deveria conter.

Tabela 15

Análise da categoria 1. Relacionamento amoroso saudável; Frequências e percentagens

Categoria 1. Relacionamento amoroso saudável	Estudantes				Total	
	H		M		N	%
	N	%	N	%		
1.3. Confiança	5	7.7%	5	7.7%	10	15.3%
1.4. Clareza sobre a relação	2	3.1%	2	3.1%	4	6.15%
1.5. Respeito mútuo	6	9.2%	6	9.2%	12	18.5%
1.6. Ajuda/suporte	1	1.5%	2	3.1%	3	4.6%
1.7. Comunicação/ sinceridade	3	4.6%	5	7.7%	8	12.3%

1.8. Igualdade	1	1.5%	3	4.6%	4	6.15%
1.9. Equilíbrio/ harmonia	2	3.1.%	2	3.1.%	4	6.15%
1.10. Amor por si próprio/ autoestima	1	1.5%	1	1.5%	2	3.1.%
1.11. Amor/paixão pelo outro	1	1.5%	4	6.15%	5	7.7%
1.12. Ciúme (ausente/moderado)	2	3.1.%	3	4.6%	5	7.7%
1.13. Felicidade/ bem-estar	1	1.5%	4	6.15%	5	7.7%
1.14. Estabilidade/ duração da relação	0	0	3	4.6%	3	4.6%
Total	25	38.5%	40	61.5%	65	100%

Na tabela 15 podemos constatar que a categoria que obteve mais volume de informação foi a terceira, *Respeito mútuo* (N=12; 18.5%), tendo obtido uma percentagem igual para ambos os sexos (N=6; 9.2%). Outra característica que se tornou de igual forma significativa foi a primeira *Confiança* (N=10; 15.3%), na qual ambos os grupos obtiveram a mesma percentagem (N=5; 7.7%). Na análise intergrupos verificamos que ambos os sexos parecem ter percentagens semelhantes em cada uma das categorias, no entanto, com algumas diferenças, pois à semelhança da maioria das análises das categorias anteriores, as mulheres obtiveram maior percentagem de informação que os membros do sexo masculino (mulheres N=40; 61.5%; homens N=25; 38.5%).

3.2. Análise da categoria 2. Relacionamento amoroso não saudável

A categoria 2 apresenta todas as características que foram referidas acerca do que é um relacionamento amoroso não saudável.

Tabela 16

Análise da categoria 2. Relacionamento amoroso não saudável; Frequências e percentagens

Categoria 2. Relacionamento amoroso não saudável	Estudantes				Total	
	H		M		N	%
	N	%	N	%		
2.3. Desconfiança	5	8.1%	5	8.1%	10	16.1%
2.4. Ausência de respeito	0	0	5	8.1%	5	8.1%
2.5. Ciúme/possessividade	4	6.5%	6	9.7%	10	16.1%
2.6. Ausência de comunicação/ sinceridade	5	8.1%	3	4.8%	8	12.9%
2.7. Comportamento obsessivo mútuo/sufoco	4	6.5%	0	0	4	6.5%

2.8.	Ausência de afeto/ sentimentos negativos	1	1.6%	2	3.2%	3	4.8%
2.9.	Desigualdade	1	1.6%	3	4.8%	4	6.5%
2.10.	Infidelidade	0	0	3	4.8%	3	4.8%
2.11.	Desequilíbrio	2	3.2%	1	1.6%	3	4.8%
2.12.	Baixa autoestima/ insegurança	2	3.2%	2	3.2%	4	6.5%
2.13.	Infelicidade/ ausência de bem-estar	0	0	3	4.8%	3	4.8%
2.14.	Expectativas irreais	1	1.6%	4	3.2%	5	8.1%
Total		25	40.3%	37	59.7%	62	100%

A análise dos dados revela que a característica dominante do relacionamento não saudável de acordo com a perspectiva dos sujeitos foi a Desconfiança e a Ciúme/ possessividade (N=10; 16.1%). Outra característica que se salientou foi Ausência de comunicação/ sinceridade (N=8; 12.9%). A partir de uma análise intergrupala é de referir que houve categorias marcadas essencialmente por discursos femininos e outras, marcadas por discursos masculinos. As categorias *Ausência de respeito* (N=5; 8.1%) e *Infelicidade/ ausência de bem-estar* (N=3; 4.8%) foram preenchidas na sua globalidade pelo sexo feminino, enquanto a categoria *Comportamento obsessivo mútuo/sufoco* (N=4; 6.5%) foi essencialmente masculina. Na generalidade as mulheres obtiveram maior registo de informação (N=37; 59.7%).

3.3. Análise da categoria 3. Consequências de um relacionamento amoroso não saudável

A próxima tabela apresenta as principais consequências apontadas pelos sujeitos, de um relacionamento não saudável.

Tabela 17
Análise da categoria 3. Consequências de um relacionamento amoroso não saudável; Frequências e percentagens

Categoria 3. Consequências de um relacionamento amoroso não saudável	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
3.1. Psicológicas	8	17.8%	14	31%	22	48.9%
3.2. Físicas	3	6.7%	11	24.4%	14	31%
3.3. Separação/ fim da relação	5	11.1%	4	8.9%	9	25%
Total	16	35.6%	29	64.4%	45	100

Após a visualização da tabela 17 constatamos que as principais consequências que surgiram de um relacionamento não saudável foram ao *nível psicológico* (N=22; 48.9%), com maior percentagem feminina (N=14; 31%). As *consequências ao nível físico* surgem em segundo lugar e abrangem 31% da amostra. Por último, a separação ou o fim da relação, que apesar de ter tido a percentagem mais baixa na sua globalidade (N=9; 25%), foi onde os registos dos homens se sobrepuseram aos femininos (N=5;11.1%).

a) Análise da categoria 3.1 Consequências Psicológicas de um relacionamento amoroso não saudável

Dentro da categoria 3. *Consequências de um relacionamento amoroso não saudável*, houve a necessidade de incluir mais três categorias, as quais clarificam que tipo de consequências são dentro deste contexto.

Tabela 18

Análise da categoria 3.1. Consequências psicológicas de um relacionamento amoroso não saudável; Frequências e percentagens

Categoria 3. 1. Consequências psicológicas de um relacionamento amoroso não saudável	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
3.1.1. Desgosto/ Depressão	2	9%	7	31.8%	9	40.9%
3.1.2. Sentimento de solidão	2	9%	0	0	2	9%
3.1.3. Baixa autoestima	0	0	4	18.9%	4	18.9%
3.1.4. Medo de amar	4	18.9%	3	13.6%	7	31.8%
Total	8	36.4%	14	63.6%	22	100

A consequência psicológica que mais se evidenciou foi *Desgosto/ Depressão* (N=9; 40.9%), tendo sido preenchida maioritariamente pelos elementos do sexo feminino (N=7;31.8%). A segunda consequência de percentagem mais alta foi a *medo de amar* (N=7; 31.8%) maioritariamente masculina (N=4; 18.9%). *Sentimento de solidão* foi apontada apenas pelos elementos do sexo masculino (N=2; 9%), já *Baixa autoestima* foi referida apenas pelos sujeitos femininos (N=4; 18.9%).

b) Análise da categoria 3.2 Consequências Físicas de um relacionamento amoroso não saudável

À semelhança da categoria anterior, apresentamos agora os resultados da categoria seguinte acerca de que tipo de são as consequências físicas que se fazem sentir em relacionamentos que não saudáveis.

Tabela 19

Análise da categoria 3.2. Consequências físicas de um relacionamento amoroso não saudável; Frequências e percentagens

Categoria 3. 2. Consequências físicas de um relacionamento amoroso não saudável	Estudantes				Total	
	H		M		N	%
	N	%	N	%		
3.2.1. Agressão/violência	2	14.3%	8	57.1%	10	71.4%
3.2.2. Morte (suicídio/ homicídio)	1	7.1%	3	21.4%	4	28.6%
Total	3	21.4%	11	78.6%	14	100

A partir da análise da tabela pode-se perceber que a categoria agressão/violência, foi a característica mais enunciada pelos sujeitos (N=10;71.4%), especialmente pelos sujeitos do sexo feminino (N=8;57%). Quanto à morte (suicido/homicídio) apesar de ter havido menos sujeitos a referi-la (N=4; 28.6%), a percentagem feminina revelou-se de igual forma superior (N=3;21.4%).

3.4. Análise da categoria 4. Permanência num relacionamento amoroso não saudável.

Na categoria 4 agruparam-se todas as variáveis sugeridas pelos sujeitos como principais causas da permanência dos jovens da sua faixa etária num relacionamento amoroso que não é saudável.

Como principais causas da permanência dos jovens num relacionamento amoroso não saudável identificamos a categoria Medo da solidão, Influencia dos amigos/ família ou pertença a um grupo e Hábito/ Rotina (N=6; 16.2%). Quanto à análise intergrupo verificamos que todas as categorias sugeridas na tabela apresentam um maior volume feminino à exceção de Habito/ rotina e Sexo que apresentam o mesmo volume de informação proporcional em ambos os grupos, bem com da categoria Medo de magoar o outro que apresentou maior volume nos sujeitos do sexo masculino (N=2; 5.4%).

Tabela 20

Análise da categoria 4. Permanência num relacionamento não saudável; Frequências e percentagens

Categoria 4. Permanência num relacionamento não saudável	Estudantes				Total	
	H		M		N	%
	N	%	N	%		
4.1. Amor	1	2.7%	2	5.4%	3	8.1%
4.2. Carência/ dependência emocional	2	5.4%	3	8.1%	5	13.5%
4.3. Medo da solidão	1	2.7%	5	13.5%	6	16.2%
4.4. Obsessão pelo outro	1	2.7%	4	10.8%	5	13.5%
4.5. Sexo	1	2.7%	1	2.7%	2	5.4%
4.6. Medo de magoar o outro	2	5.4%	1	2.7%	3	8.1%
4.7. Influência de amigos/ família/ pertença a um grupo	1	2.7%	5	13.5%	6	16.2%
4.8. Componente económica/ estatuto	1	2.7%	2	5.4%	3	8.1%
4.9. Hábito/rotina	3	8.1%	3	8.1%	6	16.2%
Total	12	32.4%	25	67.6%	37	100

3.5. Síntese da análise do tema III. Características do Relacionamento Amoroso

Ao analisar a tabela 14, características do relacionamento amoroso, verificámos que a categoria que obteve maior volume de respostas foi a primeira, correspondente à definição e características do relacionamento amoroso saudável (N=64;30.5%). A análise mais detalhada da categoria referida, mostrou que a característica que mais se evidenciou nos dois grupos foi Respeito Mútuo (N=12;18.5%). A subcategoria confiança revelou-se de igual forma importante num relacionamento saudável (N=10; 15.3%) para ambos os grupos. A comunicação/ sinceridade (N=5;7.7%) apesar de ter sido a terceira categoria mais alta, foi nomeada de forma mais frequente pelo sexo feminino, tal como aconteceu com a categoria referente à estabilidade/ duração da relação (N=3; 4.6%). Quanto à categoria amor/ paixão pelo outro e felicidade/ bem-estar registaram o mesmo volume de informação por parte dos homens (N=1;1.5%) e ligeiramente superior por parte das mulheres (N=4; 6.15%).

4. Análise do tema IV. Relacionamento e diferenças de género.

A única questão que deu origem à formação do tema IV foi a questão 9. “Acha que o relacionamento amoroso é vivido de forma diferente pelos homens e pelas mulheres? Porquê?”. O objetivo desta questão foi identificar precisamente se existem diferenças na forma de estar e vivenciar o relacionamento amoroso entre homens e mulheres, bem como as conceções dos jovens quanto à mesma questão. O tema referido deu origem a que fossem formadas quatro categorias.

Tabela 21

Análise das categorias do Tema IV. Relacionamento e diferenças de género; Frequências e percentagens

Tema IV. Relacionamento e diferenças de género	Estudantes				Total	
	H		M		N	%
	N	%	N	%		
1. Vivência do relacionamento amoroso pelas mulheres	10	16.9%	16	27.1%	26	44.1%
2. Vivência do relacionamento amoroso pelos homens	9	15.3%	13	22%	22	37.3%
3. Sem diferenças de género	5	8.5%	6	10.2%	11	18.6%
Total	24	41%	35	59%	59	100%

A observação da tabela permite-nos verificar que a categoria com maior registo de informação se relaciona com a *Vivência do relacionamento amoroso pelas mulheres* (N=26; 44.1%) tendo, de igual forma, mais registos femininos (N=16; 27%) à semelhança das restantes categorias. À parte dos indivíduos que apontaram diferenças entre os géneros, surgiram outros que referiram que não havia qualquer diferença entre os mesmos. Na análise intergrupos também as mulheres registaram maior volume de informação (N=35; 59%).

4.1. Análise da categoria 1. As mulheres no relacionamento

Houve a necessidade de criar esta primeira categoria acerca das características das mulheres no relacionamento amoroso apontadas pelos indivíduos nesta resposta. A partir desta, surgiram seis subcategorias expostas na tabela seguinte.

Tabela 22

Análise da categoria 4.1. As mulheres no relacionamento amoroso; Frequências e percentagens

Categoria 1. Vivência do relacionamento amoroso pelas mulheres	Estudantes				Total	
	H		M		N	%
	N	%	N	%		
1.2. Maior sensibilidade / emocionalidade	3	11.5%	4	15.4%	7	26.9%
1.3. Maior intensidade	1	3.8%	3	11.5%	4	15.4%
1.4. Necessidade de compromisso/ segurança/estabilidade	3	11.5%	2	7.7%	5	19.2%
1.5. Preocupação/ stresse	0	0	2	7.7%	2	7.7%
1.6. Dependência emocional	0	0	2	7.7%	2	7.7%
1.7. Maior demonstração de afeto	3	11.5%	3	11.5%	6	23.1%
Total	10	38.5%	16	61.5%	26	100%

De acordo com o que podemos visualizar na Tabela 22, verificamos que a categoria que obteve maior percentagem de informação foi Maior sensibilidade/emocionalidade, referida quer por homens, quer por mulheres (N =7; 26,9%). Na análise intergrupos, observamos ainda que os homens referiram com o mesmo volume de informação (N=3; 11,5%) três características femininas. É de destacar ainda duas outras características que apenas foram referidas por mulheres com igual percentagem de informação (N=2; 7.7%) destacando-as como mais preocupadas e com maiores níveis de stresse no relacionamento.

4.2. Análise da categoria 2. Os homens no relacionamento amoroso

Apresentam-se em seguida os resultados referentes à vivência do relacionamento amoroso pelos homens.

Na tabela abaixo verificamos que a categoria que foi mais vezes referida foi a Menor intensidade dos sentimentos (N=7; 31.8%). É de notar que duas das cinco categorias, foram apenas referidas por mulheres: Simplicidade/ mais práticos (N=3; 13.6%) e a seguinte, maior independência (N=5; 22.7%). A salientar ainda a categoria Valorização da componente sexual, referida apenas por elementos do sexo masculino (N=4; 18.2%).

Tabela 23

Análise da categoria 2. Os homens no relacionamento amoroso; Frequências e percentagens

Categoria 2. Vivência do relacionamento amoroso pelos homens	Estudantes				Total	
	H		M		N	%
	N	%	N	%		
2.1. Simplicidade/ mais práticos	0	0	3	13.6%	3	13.6%
2.2. Independência	0	0	5	22.7%	5	22.7%
2.3. Valorização da componente sexual	4	18.2%	0	0	4	18.2%
2.4. Menor intensidade (sentimentos)	4	18.2%	3	13.6%	7	31.8%
2.5. Descontração	1	4.5%	2	9.1%	3	13.6%
Total	9	40.9%	13	59.1%	22	100%

4.3. Síntese da análise do tema IV. Relacionamento amoroso e diferenças de género

A tabela 21 mostra-nos as três principais categorias do tema IV. A partir da mesma verificou-se que as mulheres obtiveram maior quantidade de registos de informação em todas as categorias. Aquela onde se observou uma percentagem mais alta por parte de ambos os grupos foi Vivência do relacionamento amoroso pelas mulheres (N=26;44.1%). Tal categoria agrupou seis subcategorias destacando-se especialmente Maior sensibilidade/emocionalidade pela maior quantidade de registos de apontado (N=7; 26.6%), Maior demonstração de afeto (N=6; 23.1%) e depois Necessidade de compromisso/ segurança/ estabilidade (N=5; 19.2%). Embora o volume de informação tenha sido menor, é ainda de referir duas das seis subcategorias que foram apenas enunciadas por mulheres: Preocupação/ Stresse (N=2; 7.7%) e Dependência emocional (N=2; 7.7%). Com uma percentagem ligeiramente abaixo da primeira, ficou a segunda categoria encontrada Vivência do relacionamento amoroso pelos homens (N =22; 37.3%). Ao analisar de forma mais detalhada esta categoria pudemos observar-se que a subcategoria que preencheu mais registos de informação foi Menor intensidade dos sentimentos (N=7; 31.8%), tendo sido mais referida por homens (N=4; 18.2%). A subcategoria Valorização da componente sexual foi apenas referida por homens (N=4; 18.2%), enquanto Simplicidade/ mais práticos (N=3; 13.6%), e Independência (N=5; 22.7%) foram apenas apontadas por mulheres. A última categoria do tema contabilizou registos que não faziam referência a qualquer diferença de género, tendo sido a que obteve a menor percentagem das três categorias que compõe o tema IV (N=11; 18.6%).

5. Análise do tema V. Percepção de si no relacionamento

O tema V foi constituído a partir das respostas à última questão. A partir dele surgiram 4 categorias, onde cada uma deu origem a diversas subcategorias.

Tabela 24

Análise das categorias do Tema V. Percepção de si no relacionamento; Frequências e percentagens

Tema V. Percepção de si no relacionamento	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
1. Sentimentos/Pensamentos positivos acerca de si	7	7.2%	10	10.3%	17	17.5%
2. Sentimentos/Pensamentos negativos acerca de si	2	2%	13	13.4%	15	15.5%
3. Comportamentos positivos para com a/o parceira/o	21	21.6%	33	34%	54	55.7%
4. Comportamentos negativos para com o/a parceiro/a	3	3.1%	8	8.2%	11	11.3%
Total	33	34%	64	66%	97	100%

Nesta tabela verificamos que a categoria que mais sobressaiu foi a Comportamentos positivos para com o/a parceiro/a (N=54; 55.7%), na qual os registos femininos voltaram a sobrepor-se aos masculinos (N=33; 34%). A categoria que obteve menos registos de informação foi Comportamentos negativos para com o/ parceiro/a (N=11; 11.3%). Todas as restantes obtiveram uma percentagem aproximada.

5.1. Análise da categoria 1. Sentimentos/ pensamentos positivos acerca de si.

Esta categoria engloba todas as características que foram referidas relacionadas com o que os indivíduos pensavam e sentiam acerca de si mesmos no relacionamento amoroso.

Tabela 25

Análise da categoria 1. Sentimentos/ Pensamentos positivos acerca de si no relacionamento; Frequências e percentagens

Categoria 1. Sentimentos/ Pensamentos positivos acerca de si	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
1.1. Bom namorado /boa namorada	4	23.5%	3	17.6%	7	41.2%
1.2. Comunicação/ diálogo	1	5.9%	3	17.6%	4	23.5%

1.3. As relações como aprendizagem	1	5.9%	2	11.8%	3	17.6%
1.4. Necessidade de se sentir amado/a	1	5.9%	2	11.8%	3	17.6%
Total	7	41.2%	10	58.8%	17	100%

A análise mais detalhadamente desta categoria indica que a característica que foi mais vezes referida foi a Bom namorado/a (N=7;41.2%), dado que as restantes registaram valores semelhantes entre elas. À luz do cenário global, pode ainda observar-se que as mulheres obtiveram maior quantidade de registos que o sexo oposto (N=10; 58.8%).

5.2. Análise da categoria 2. Sentimentos/ pensamentos negativos acerca de si.

Foi necessário criar uma categoria que englobasse de igual forma as perceções negativas que os jovens têm acerca de si no relacionamento amoroso.

Tabela 26

Análise da categoria 2. Sentimentos/ Pensamentos negativos acerca de si no relacionamento; Frequências e percentagens

Categoria 1. Sentimentos/ Pensamentos negativos acerca de si	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
2.1. Mau namorado/ Má namorada	2	13.3%	6	40%	8	53.3%
2.2. Insegurança	0	%	4	26.7%	4	26.7%
2.3. Impulsividade	0	%	3	20%	3	20%
Total	2	13.3%	13	86.7%	15	100%

Verificamos à partida que categoria com maior quantidade de registos de informação foi Mau namorado/a (N=8; 53.3%), sendo que esta foi a categoria com os únicos registos masculinos, cuja percentagem se mostrou ser a mais baixa desta tabela (N=2; 13.3%).

5.3. Análise da categoria 3. Comportamentos positivos para com a/o parceiro/a

Na mesma resposta surgiram vários comportamentos positivos e negativos para com o parceiro, os quais passamos a enunciar na tabela seguinte, com as respetivas frequências e percentagens.

Tabela 27

Análise da categoria 3. Comportamentos positivos para com o/a parceiro/a;
Frequências e percentagens

Categoria3. Comportamentos positivos para com o/a parceiro/o	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
3.4. Amizade/ companheirismo	0	0	3	5.6%	3	5.6%
3.5. Apoio/ suporte	4	7.4%	4	7.4%	8	14.8%
3.6. Respeito	4	7.4%	5	9.3%	9	16.7%
3.7. Fidelidade/ confiança	1	1.9%	3	5.6%	4	7.4%
3.8. Sinceridade	2	3.7%	1	1.9%	3	5.6%
3.9. Bom humor	0	0	2	3.7%	2	3.7%
3.10. Compreensão/ tolerância	3	5.6%	2	3.7%	5	9.3%
3.11. Demonstrações de afeto	1	1.9%	4	7.4%	5	9.3%
3.12. Amor/ Aceitação	1	1.9%	5	9.3%	6	11.1%
3.13. Dialogo	2	3.7%	0	0	2	3.7%
3.14. Investimento na relação/ entrega	3	5.6%	4	7.4%	7	13%
Total	21	38.9%	33	61.1%	54	100%

Podemos verificar na tabela acima que a característica mais vezes enunciada pelos jovens foi Respeito (N=9; 16.7%), logo seguida de Apoio/ Suporte (N=8; 14.8%) e de Investimento na relação/ entrega (N=7; 13%). Entre estas, a categoria Bom humor foi apenas enunciada por mulheres (N=2;3.7%), bem como Amizade/ companheirismo (N=3; 5.6%) e a 3.10. referida apenas por homens (N=2;3.7%). Fidelidade/ confiança, Demonstrações de afeto e Amor/ aceitação surgiram como características pertencentes na sua maioria ao sexo feminino. Apenas nas categorias Sinceridade e Compreensão/ tolerância os registos masculinos se sobrepuseram aos femininos.

5.4. Análise da categoria 4. Comportamentos negativos para com a/o parceiro/a

Também nesta resposta surgiram comportamentos negativos que os sujeitos admitiam ter para com os parceiros. Passamos a apresenta-los na tabela seguinte.

Tabela 28

Análise da categoria 4. Comportamentos negativos para com o/a parceiro/a; Frequências e percentagens

Categoria 4. Comportamentos negativos para com o/a parceiro/a	Estudantes				Total	
	H		M			
	N	%	N	%	N	%
5.5. Preocupação/ stresse	0	0	2	20%	2	20%
5.6. Ciúme	1	10%	5	50%	6	60%
5.7. Despreocupação/ ausência de responsabilidades	2	20%	0	0	2	20%
Total	3	30%	8	80%	10	100%

A presente categoria foi a que menos registos obteve, no entanto são de enunciar algumas considerações. Duas das subcategorias foram apenas referidas pelo sexo feminino: Preocupação/ stresse (N=2; 20%) e Ausência de demonstrações de afeto (N=1; 10%). Quanto à última subcategoria apontaram-se apenas registos masculinos (N=2; 20%). A categoria que obteve maior quantidade de informação foi Ciúme, mais vezes referida pelas mulheres (N=5; 50%).

5.5. Síntese da análise do tema V. Perceção de si no relacionamento

Ao analisar em detalhe o tema V. Perceção de si no relacionamento, verificamos em síntese que o tema foi constituído por quatro categorias principais: 1. Sentimentos/ pensamentos positivos acerca de si; 2. Sentimentos/ pensamentos negativos acerca de si; 3. Comportamentos positivos para com o/a parceiro/a e 4. Comportamentos negativos para com o/a parceiro/a.

De entre as referidas, a categoria que mais se destacou pelo maior volume de informação foi a terceira: Comportamentos positivos para com o/a parceiro/a (N=54; 55.7%). A partir desta, surgiram onze subcategorias, onde a característica Respeito se salientou por ter sido a mais enunciada pelos participantes (N=9; 16.7%), seguida da Apoio/ suporte (N=8; 14.8%) e Investimento na relação (N=7; 13.3%). No mesmo grupo, as características com menor volume de informação foram: Dialogo, apenas referida por elementos do sexo masculino (N=2; 3.7%) e Bom Humor referida somente por mulheres (N=2; 3.7%). Seguida da anterior, a categoria que obteve maior quantidade de registos de informação foi primeira: Sentimentos/ pensamentos positivos acerca de si (N=17; 17.5%). Ao analisar mais detalhadamente esta categoria,

verificou-se que a subcategoria que mais destacou foi Bom/boa namorado/a (N=7; 41.2%) na qual os homens registaram maior quantidade de registos (N=4; 23.5%).

Nas duas categorias do tema V com menor volume de informação Sentimentos/ Pensamentos negativos acerca de si e Comportamentos negativos para com o/a namorado/a) o que ressalta primeiramente à vista é a discrepância entre a quantidade de registos masculinos e femininos, dado que é possível observar que a percentagem global das duas categorias referidas é bastante superior na coluna correspondente ao sexo feminino. A categoria Sentimentos/ Pensamentos negativos acerca de si incluiu três subcategorias, das quais apenas uma das mesmas obteve registos masculinos (Mau namorado/ Má namorada; N= 2; 13.3%), apesar das mulheres voltarem a registar mais uma vez, maior volume de informação também nesta subcategoria (N=6; 40%).

Quanto à categoria Comportamentos negativos para o/a parceiro/a, pôde observar-se que a categoria com maior volume de informação foi Ciúme (N=6; 54.5%). É ainda de referir que a primeira, Preocupação/ Stresse foi uma subcategoria apenas enunciada por mulheres (N=2; 20%) e com a mesma percentagem Despreocupação/ ausência de responsabilidades, tendo sido esta apenas referida por homens.

Discussão Geral dos Resultados

Na generalidade verificou-se que as mulheres obtiveram maior quantidade de registos de informação na maioria das categorias e subcategorias, principalmente quando era necessário fazer referência aos sentimentos e emoções envolvidos. Existe de facto uma probabilidade maior de serem as mulheres a revelar os detalhes mais íntimos das relações (Morgan, 1976 cit. por Ackerman, Li & Griskevicius, 2011), expressando-se com maior facilidade acerca de temas como o amor (Grossman & Wood, 1993; Notarius & Johnson, 1982; Sprecher & Sedikides, 1993 cit. por Ackerman, Li & Griskevicius, 2011).

Dentro do tema I, salientou-se a categoria *Sentimentos envolvidos* pela outra pessoa, especialmente devido ao surgimento de dois conceitos: *Gostar* e *Amor*. Verificou-se que apenas os homens utilizaram a palavra “gostar” para descreverem o sentimento entre duas pessoas no relacionamento amoroso, enquanto a maioria dos registos que sustentou o sentimento de *Amor* foram femininos. Rubin (1973 cit. por Hernandez & Oliveira, 2003) ao observar de forma independente os dois conceitos verificou que os componentes do *Amor* são: o precisar e o cuidar do outro, a intimidade, a confiança e a proximidade; e os componentes do *Gostar*: a afeição e o respeito. Enquanto na Afeição se experiencia o calor emocional e a proximidade ao outro, o Respeito assenta na admiração pelas características ou ações da pessoa, sendo uma forma de gostar mais calma e distante (Dion & Dion, 1975 cit. por Hernandez & Oliveira, 2003). Partindo do que foi acima exposto, é de notar que as características mais evidenciadas pelas mulheres foram o *Amor*, a *Confiança mútua/Entrega*, a *Intimidade* e a *Amizade/Carinho*, estando tal inserido nas definições de Amor. Enquanto a categoria *Convivência/Proximidade* foi mais vezes referida pelos homens, refletindo as características que o autor apontou quanto ao conceito de *Gostar*, apesar da mesma surgir também no conceito de Amor. A característica Aceitação/respeito/compreensão foi uma das que obteve maior quantidade de registos de informação no sexo feminino. Por um lado, as investigações indicam que as mulheres se tendem a considerar mais compreensivas (Zimmer-Gembeck & Ducat, 2010). Por outro lado, não há estudo que comprove que são as mulheres quem aceitam/respeitam mais. A *Aceitação* e o *Respeito* surgem nos temas III e V, auxiliando na definição de Relacionamento amoroso saudável (Tema III, categoria 1) e como associados aos *Comportamentos positivos para com o parceiro* (Tema V,

categoria 2). De facto, o amor romântico compreende entre outras variáveis, a aceitação da outra pessoa e a partilha da intimidade, pensamentos, desejos e sentimentos (Cherry, 2009). Tal, circunscreve a categoria *Cumplicidade/ Partilha/ Harmonia*, a qual se mostrou relevante para os dois sexos. De acordo com a teoria de Erickson (1976), a partilha de afetos e o estabelecimento de laços de intimidade são características desenvolvimentais do período etário em estudo, sendo através destas tarefas psicossociais que o indivíduo deverá desenvolver a intimidade. Adicionalmente, no modelo das cinco necessidades proposto por Drigotas e Rusbult (1992), as necessidades de intimidade incluem a partilha de pensamentos e confiança de sentimentos ao/à parceiro/a amado/a. Também as características *Algo Duradouro e Vínculo/ Simbiose* estão de acordo com o que consta na literatura, na medida em que neste período etário as relações evoluem no sentido do compromisso e da exclusividade, passando a ser relações mais longas que as do período etário anterior (adolescência) (Erikson, 1968; Seiffge-Krenke, 2003; 2006). Neste sentido, o parceiro é percebido como único e insubstituível, podendo a relação evoluir para uma relação de vinculação (Brown *et al.*, 1999; Matos, 2006). As subcategorias *Amizade/Carinho* e *Atração física* surgiram presumivelmente pelo fato de na faixa etária em estudo, as relações com os parceiros românticos são percebidas como uma forma de estabelecer proximidade, amizade, carinho, apoio, atração e intimidade sexual (Seiffge-Krenke, Shulman & Klessinger, 2001). Por último, a *Proteção Mutua/ Suporte* sustenta o que é dito quanto ao papel das relações românticas enquanto fonte de apoio, tornando-se saliente a prestação de cuidados e o precisar do outro. Tal, poderá estar de igual forma relacionado com as características do amor companheiro, dado que o mesmo envolve a preocupação profunda e cuidados para com o outro (Hernandez & Oliveira, 2003).

As definições dadas pelos sujeitos acerca do que é o relacionamento amoroso não parecem estar longe do que a literatura aponta como características essenciais. Os autores consideram que os mesmos são interações voluntárias e mutuamente reconhecidas e consentidas, caracterizadas por uma intensidade diferente de outros relacionamentos com os pares e marcadas por manifestações de carinho e comportamentos sexuais (Diamond & Savin-Williams, 2003; Collins, Welsh & Furman, 2009). De acordo com a teoria do desenvolvimento romântico apresentada por Furman e Wehner (cit. por Seiffge-Krenke, 2003; 2006) os relacionamentos românticos envolvem o estabelecimento de uma relação de vinculação, a prestação de cuidados e igualmente comportamentos sexuais. Tais definições inserem-se nos discursos dos sujeitos, apesar de nenhum dos mesmos ter enfatizado a questão dos

comportamentos sexuais, levando-nos apenas a induzir que deverá haver algo mais para além da amizade.

O segundo tema pretendia analisar os diversos tipos de relacionamento amoroso conhecidos pelos jovens, assim como identificar quais as principais características que os definem e ainda, conhecer as conceções dos jovens acerca de cada tipo de relacionamento que iam sugerindo. Nos relacionamentos de *curta duração*, a ausência de compromisso foi um critério facilitador para a sua categorização. Entre estes, foram sugeridos os *relacionamentos de uma noite*, bem como a *avaliação* dos mesmos, tendo-se observado que enquanto os homens apontaram mais vezes para o tipo de relacionamento citado, as mulheres por sua vez, avaliaram-no mais vezes de forma negativa. A teoria sugere que este tipo de relacionamentos são cada vez mais conhecidos entre os jovens universitários em parte devido à permissividade e mudança de atitudes face à sexualidade características existentes na sociedade moderna atual, pois tal permite aos jovens que vivam as suas relações interpessoais de uma forma mais descomprometida e autónoma (Cavalli, 1997; Lyons, 2009) e em parte devido a necessidade de explorações constantes, frequente nesta faixa etária e que pode conduzir ao estabelecimento de vários e diferentes tipos de relações (Young, Furman & Lauren, 2011). Como principais características dos encontros sexuais ocasionais constam a ausência de compromisso (Faria, 2008), de planos de atividade para o futuro, consistindo num tipo de envolvimento unicamente sexual e consensual (Hamilton & Armstrong, 2009; Chen & Hole, 2010). Quanto às avaliações, registadas em maior quantidade pelas mulheres, podem ser explicadas pelo facto de tendencialmente elas darem preferência ao sentimento amor e optarem por relacionamento em que este esteja presente antes de consumir o ato sexual (Schmitt, 2005; Simpson & Gangestad, 1991 cit. por Schmitt et al., 2009), já os homens demonstram maiores probabilidades de consumir atos sexuais sem conhecer a pessoa, ou mesmo sem que seja necessário que exista amor (Clark & Hatfield, 1989; Voracek, Hofhansl & Fisher, 2005 cit. por Schmitt et al., 2009).

Os novos estilos de relacionamento amoroso incluem a amizade sexual, surgindo neste contexto os amigos coloridos ou tal como os participantes do estudo e Paul e colaboradores (2000, p.76) sugerem "*friends with benefits*" ou *amigos com benefícios*. Nesta investigação os amigos coloridos foram mais sugeridos pelas mulheres e também mais avaliados pelas mesmas, à semelhança da categoria exposta em cima, embora neste se tenham registado maior número de avaliações positivas. Tal, poderá estar relacionado com o que foi referido em cima acerca de as

mulheres preferirem ter um relacionamento em que haja algum sentimento. As características destes relacionamentos são semelhantes aos sexuais ocasionais embora se distingam dos primeiros por ser entre amigos. Embora não definam a sua relação como romântica, coexiste a possibilidade de um envolvimento a longo termo, bem como a adição de uma amizade (Eshbaugh & Gute, 2008; Epstein, Calzo, Smiler & Ward, 2009; Bisson & Levine, 2009; Karlsen & Traeen, 2013). Na investigação conduzida por Bisson e Levine (2009), a maioria dos indivíduos que tinha estado num relacionamento de *amigos com benefícios* confessou ter-se questionado acerca do estatuto do relacionamento e de planos para o futuro, estando tal ideia de acordo com o que se depreendeu neste estudo. Quanto às típicas curtes, foram o tipo de relacionamento de curta duração mais abordado pelos sujeitos da amostra. As mesmas foram descritas como um relacionamento passageiro onde impera a atração inicial. O que a literatura sugere vai de encontro ao que foi descrito pelos sujeitos, sendo esta um tipo de relação que ocorre por um curto período de tempo, em que o contacto físico existe sem a presença de um compromisso. O grau de envolvimento pode ir de uma simples troca de beijos e abraços até uma relação sexual, sendo que não é necessário que esta ocorra (Marques, 2008).

Dentro do mesmo tema, a segunda categoria que obteve maior percentagem de registos foi a sexta: *Baseados em sentimentos*. A mesma categoria reflete essencialmente as descrições acerca dos sentimentos e emoções nas relações em que há maior envolvimento emocional como é o caso das relações convencionais e de longa duração. O volume de informação deveu-se sobretudo à amostra do sexo feminino, estando de acordo com o que foi apontado no primeiro tema acerca da expressão emocional nos discursos expostos pelas mulheres.

A categoria seguinte que obteve maior volume de respostas corresponde à terceira: relacionamentos convencionais, a qual engloba os namoros, os casamentos, bem como as uniões de facto. Geralmente são relacionamentos de longa duração, entendendo-se que o que foi proposto pelos sujeitos retrata também o que é referido na literatura. Quanto ao conceito de namoro reconhecem-se as três dimensões: o compromisso, a interação futura e a intimidade física (Sugarman & Hotaling, 1991 cit. por Jackson, 1999), destinado a uma vida conjugal a longo prazo (Almeida, 2008).

É de acrescentar que os homens, neste estudo, registaram índices mais elevados quando se referiam aos relacionamentos de longa duração, existindo em alguns relatos apenas dois tipos de relação: os de longa duração e os de curta duração. Tal, pode ser explicado pelo facto de os homens em diversos estudos terem vindo a evidenciar que mantêm mais fortemente crenças românticas acerca do

casamento ou da eternidade do amor (Cunningham & Antill, 1981; Knox & Sporkowski, 1968; Peplau & Gordon, 1985; Sprecher & Metts de 1989, Garcia & Carrigan, 1998; Medora, Larson, Hortacsu, & Dave, 2002 cit. por Ackerman, Li & Griskevicius, 2011). Já as mulheres envolvem-se mais emocionalmente nos seus relacionamentos independentemente da duração dos mesmos, cultivando maiores índices de intimidade e apoio emocional (DeSousa & Cerqueira, 2012). Com isto, poderemos supor que para os homens um relacionamento amoroso será algo a longo-termo, enquanto para as mulheres existe maior diversidade de relações amorosas, precisamente pelo facto de se envolverem mais emocionalmente nos mesmos. Por oposição a esta categoria, surgem as relações não convencionais, as quais detém neste estudo como principais características: o *flirt* e a relação sexual abertos a outras pessoas fora do relacionamento e ainda uma outra tipologia de relacionamento como o poliamor. O poliamor é um tipo de relação sem ligação com uma identidade sexual particular (Klesse, 2006), consistindo num relacionamento em que se acredita ser possível e aceitável amar várias pessoas, mantendo múltiplos relacionamentos íntimos (Barker, 2005; Klesse, 2006).

Quanto à análise das duas últimas categorias que surgiram nos resultados do estudo do tema II, não seguem a definição de relacionamento amoroso proposta pelos autores e referida também acima no tema I, sendo definidas na literatura como importantes relações de vinculação. Tanto Harlow (1958) como Bowlby (1979) acreditavam que os seres humanos possuem uma capacidade inata, um sistema comportamental que é ativado e conduz os indivíduos a formar vínculos com um familiar, ou uma pessoa que oferece conforto e proteção.

A análise dos resultados do tema III permitiu constatar que para os sujeitos o relacionamento amoroso saudável envolve essencialmente o *respeito mútuo*, a *confiança* e uma *boa comunicação* na qual a *sinceridade é uma qualidade presente*. Entende-se que tal definição vai de encontro ao que refere a literatura. Segundo Caridade (2008), o respeito mútuo e a confiança são características presentes nas relações saudáveis, nas quais os parceiros são confidentes um do outro, onde se compreendem, valorizam as opiniões e não se julgam. O respeito constitui-se como uma das bases da maioria das relações íntimas, pressupondo a consideração pelo outro, a admiração e a valorização. Uma das dimensões com maior relevância que Feeny, Noller e Ward (1997 cit. Hendrick, Hendrick & Zacchilli, 2011) encontraram na sua investigação acerca da qualidade conjugal foi precisamente o respeito. Posteriormente Hendrick, Hendrick e Zacchilli (2011) verificaram que os estilos de amor, as relações de satisfação, os compromissos e confidências foram variáveis

correlacionadas positivamente com o respeito. O mesmo conceito foi encontrado por outros investigadores, como por exemplo Gottman (1994 cit. por Hendrick, Hendrick & Zacchilli, 2011), ao verificar que a maioria dos casais investigados referia o respeito e o amor como dimensões fundamentais num casamento. No mesmo sentido, foi de notar que principalmente para as mulheres, num relacionamento amoroso saudável consideram que terá que haver *amor/ paixão* pelo outro, *felicidade e bem-estar*, tal como é importante que a relação seja *estável e duradoura*. Um relacionamento afetivo satisfatório pressupõe a prestação de apoio emocional, o que por sua vez tem sido associado a um melhor bem-estar físico e psicológico (Almeida, 2008b). A felicidade e o bem-estar são associados às emoções positivas Shiota, Keltner, & John, 2006), as quais habitualmente preveem o início de relações (Gottman & Silver, 1999). Para Chickering e Reisser (1993), uma das tarefas dos estudantes nesta faixa etária relaciona-se com o desenvolvimento da capacidade crescente para a paixão e para o compromisso através de um comportamento emocionalmente inteligente. De acordo com Drigotas e Rusbult (1992) as necessidades de segurança envolvem a estabilidade da relação na medida em que se pode depender da relação como forma de tornar a vida mais confortável. Principalmente para as mulheres, a estabilidade da relação é de facto importante, dado que estas registam índices mais elevados nas atitudes face ao compromisso e segurança emocional (Balswick, 1988; Pellegrini, 1978 cit. por Ackerman, Li & Giskevicius, 2011), preferindo viver um romance que evolua para um casamento (Holland & Eisenhart 1990; Martin 1996; Simon, Eder, & Evans 1992 cit. por Hamilton & Armstrong, 2009).

Por oposição à categoria anteriormente definida, num relacionamento amoroso não saudável há essencialmente *desconfiança, ciúme e possessividade*, assim como ausência de comunicação ou falta de sinceridade, indo tal de encontro ao que foi descrito por Santos (2012). Neste estudo, o ciúme/possessividade surge mais frequentemente nos discursos dos homens como característica dos relacionamentos não saudáveis. O mesmo é encontrado na literatura presente em relações problemáticas, não saudáveis ou abusivas como um fator que despoleta a violência nas relações de intimidade (Ferreira, 2011; SocioNova/CesNova, 2008; Almeida, 2008b, Felix, 2012; Coelho & Machado, 2010), ou mesmo como um indicador de conflitos na mesma (Almeida, Rodrigues, & Silva, 2008). Por outro lado, este sentimento pode verificar-se com frequência nas relações afetivas, denominando-se de ciúme romântico (Almeida, 2007a, 2007b; Bringle, 1995; Hansen et al., 1985; Harris, 2002; Salovey, 1986, 1989 cit. por Almeida, Rodrigues, & Silva, 2008). É caracterizado como um sentimento de apreensão em relação à possibilidade de

abandono, rejeição, desprezo ou infidelidade, bem como medo de não ser mais amado, de não se possuir ou se ser dono de alguém (Ferreira-Santos, 2003 cit. por Almeida, Rodrigues & Silva, 2008). No que respeita às consequências de um relacionamento não saudável é de referir que não existe bibliografia específica, constando apenas as consequências de relacionamentos abusivos por parte de um dos parceiros. Estas sentem-se normalmente em dois níveis: psicológicas e físicas. Também os inquiridos responderam que estas seriam as principais consequências para além da separação/ fim da relação. As consequências psicológicas apontadas pelos participantes do estudo foram o desgosto/ depressão, o medo de voltar a amar, a baixa autoestima e sentimentos de solidão. Neste sentido, Paiva e Figueiredo (2004) verificaram que quer na perpetuação, quer na vitimização, a agressão psicológica constitui-se como o tipo de abuso mais prevalente, fazendo-se sentir através dos sintomas citados pelos participantes, bem como a desconfiança em relação aos membros do sexo oposto, podendo esta englobar o medo de voltar a amar (Lloyd & Emery, 1993 cit. Paiva & Figueiredo, 2003). Quando às consequências físicas, foram citadas a agressão/ violência e a morte/ suicídio, estando estas de igual forma referenciadas nos relacionamentos abusivos (Emery, Cate, Henton, & Andrews, 1987; Kilpatrick et al., 1988; Koss, 1993 cit. por Figueiredo & Paiva, 2003). Uma outra consequência de relacionamentos não saudáveis que se mostrou relevante foi a *separação dos indivíduos/ fim da relação*. A mesma, mostrou-se de igual forma presente na literatura, sendo esta preditora de baixos níveis de compromissos, baixos níveis de relacionamentos eficazes, níveis elevados de conflitos, uma comunicação medíocre, agressão e uma relação de qualidade e satisfação baixas (Rodrigues et al., 2006; Cui, Fincham & Durtschi, 2011).

Na conceção dos estudantes, as razões que levam os jovens a permanecer em relacionamentos não saudáveis são essencialmente as seguintes: *Medo da Solidão; Hábito/Rotina; Influência dos amigos/família; Obsessão pelo outro e carência/ dependência emocional*. Tal pode ser explicado na literatura se entendermos que o indivíduo tende a aumentar o seu nível de segurança emocional quando está próximo do/a companheiro/a (particularmente em alturas de maior stress), criando-se uma interdependência fisiológica (Hofer, 1984 cit. por Paiva & Figueiredo, 2005). Assim, dado que nesta faixa etária o parceiro passa a ver percecionado como único e insubstituível, a procura de um parceiro romântico é efetuada por motivos de suporte emocional e de angústia (Furman & Buhrmester, 1992; Meeus, Branje, van der Valk, Wied, 2007 cit. por Halper-Meehin, Manning, Giordano & Longmore, 2013). Deste modo, um dos motivos que leva os jovens a estabelecerem relacionamentos

transitórios relaciona-se com a diminuição do sentimento de carência, evitando-se através dos mesmos a solidão (Chaves, 2001). Porém é de referir que por trás da obsessão pelo outro, pode estar a crença do amor apaixonado, a qual tende a turvar o raciocínio, tornando a relação obsessiva em que o ciúme se torna uma forma de demonstração de amor. (Felix, 2012). Não foram encontrados estudos quanto à influência dos amigos/ família no aspeto de pressionarem a manutenção da relação amorosa, tendo-se verificado apenas que o grupo de pares tem uma importância fulcral quanto suporte social que oferece, contribuindo fortemente para a emergência das relações amorosas (Seiffge-Krenke, 2003), bem como o que acima foi mencionado acerca da necessidade de segurança emocional.

A perceção que o sexo feminino tem acerca de si no relacionamento amoroso, dentro do tema IV, mostrou-se estar de acordo com a perceção masculina, refletindo os estudos de Zimmer-Gembeck e Ducat (2010). As categorias que se destacaram pelos dois sexos foram a maior sensibilidade/ emocionalidade e maior intensidade por parte das mulheres, opondo-se à subcategoria masculina mais vezes mencionada, a menor intensidade sentimental. De acordo com alguns autores as diferenças entre os sexos resultam dos papéis sociais e estereótipos (Eagly, 1987; Eagly & Wood, 1991 cit. por Brebner, 2003), havendo um menor investimento emocional nos homens (Schmitt *et al.*, 2009). Assim sendo, as mulheres tendem a demonstrar-se mais carinhosas e a expressarem a alegria e a tristeza de forma mais intensa (Fujita *et al.*, 1991 cit. por Brebner, 2003), tal como acontece com o sentimento de amor (Fabes & Martin, 1991; Pines, 1998 cit. por Ackerman, Li & Griskevicius, 2011).

O sentimento de compromisso/ segurança/ estabilidade foi das categorias mais relevantes que surgiu nos discursos femininos, verificando-se que as mulheres “levam os relacionamentos mais a sério”, preferindo um compromisso. Também esta característica é ilustrada pelas investigações empíricas, nomeadamente aquelas que no tema II foram referenciadas aquando da análise dos relacionamentos de curta duração e também nas premissas para um relacionamento amoroso saudável no tema III, comprovando-se desta forma, que a sua preferência continua a ser por relacionamentos com compromisso, onde haja estabilidade. Tal, pode de igual forma explicar a razão pela qual algumas mulheres neste estudo evidenciaram que sentem maior preocupação/ stresse que os homens, os quais se revelam mais despreocupados no relacionamento amoroso.

Continuando a análise do tema IV, houve uma percentagem significativa de homens que confessaram que talvez eles próprios valorizassem mais a componente sexual no relacionamento que as mulheres. O que se encontrou na literatura referente

a este aspeto é que os mesmos tendem a sentir-se mais atraídos por uma mulher quando ela é fisicamente atraente (Fletcher, dizimista, O'Loughlin, Friesen, 2004; Lucas, Wendorf, & İmamoğlu, 2004; Schmitt & Buss, 1996 cit. por Schmitt et al., 2009) e demonstram maiores probabilidades de consumir atos sexuais sem conhecer a pessoa, ou sem que haja algum sentimento (Clark & Hatfield, 1989; Voracek, Hofhansl & Fisher, 2005 cit. por Schmitt et al., 2009), confirmando que se referem com maior frequência ao compromisso sexual, assim como à obtenção de prazer sexual dentro das relações (Buss, 2000; Cimbalo & Novell, 1993; Hazan & Shaver, 1987 cit. Schmitt, et al., 2009). Surgiram ainda outras duas características apenas apontadas pelas mulheres acerca da forma como percebem os homens, as quais não obtiveram qualquer registo masculino: maior independência e simplicidade/ mais práticos. Quanto a este facto não se encontrou bibliografia que o possa explicar.

A análise do tema V tentou compreender qual a percepção que os jovens têm acerca si mesmos no relacionamento amoroso. A categoria que logo se tornou mais relevante devido ao grande volume de informação foi a terceira: *Comportamentos positivos para com o/a parceiro/a*, na qual se voltou a salientar o *respeito e o apoio/ suporte* e ainda o *Investimento na relação*. O que a literatura refere acerca desta categoria é que as mulheres relatam maiores níveis de investimento emocional que os homens (Schmitt & Buss, 2000; Hendrick & Hendrick, 1986; Schmitt, 2006; Sprecher et al., 1994 cit. por Schmitt et al., 2009). Neste estudo, apesar do volume de informação ter sido maior na coluna feminina, a diferença foi ligeira entre os sexos. Ainda na mesma categoria, surgiram outras características com mais registos femininos: *Amor/ aceitação; Demonstrações de afeto; Fidelidade/ confiança; Amizade/ companheirismo e Bom humor*. As características onde o volume de informação foi na sua maioria masculino foram: *a compreensão/ tolerância e o diálogo*. Contudo, o que a literatura retracta acerca destes conceitos não é exemplificativo do presente estudo, isto é, Zimmer-Gembeck e Ducat (2010), verificaram nas suas investigações que as mulheres tendem a valorizar-se mais nos discursos que fazem e a considerar-se mais compreensivas, contudo os discursos mais favoráveis e positivos pertenceram ao sexo masculino e foram estes que afirmaram a subcategoria mencionada, tal como se pode comprovar na segunda categoria *Sentimentos/ pensamentos positivos acerca de si no relacionamento*. Nesta, apesar de as diferenças entre os sexos terem sido ligeiras, verificou-se que os homens têm mais pensamentos positivos acerca de si apenas quando se referem que são bons namorados, enquanto as mulheres na referiram mais vezes que se consideram más namoradas na categoria *Sentimentos/ Pensamentos negativos acerca de si no relacionamento amoroso*, acompanhada pelas categorias

insegurança e impulsividade por parte das mesmas. O que DeSousa e Cerqueira (2012) referiram no seu estudo é que as mulheres se consideram mais providas de segurança emocional, não se podendo verificar tal neste estudo. Por sua vez, estas consideram-se na sua maioria boas conversadoras, dando valor às palavras, veem as relações como aprendizagem e demonstram maior necessidade de se sentirem amadas. No que respeita aos comportamentos negativos para com o/a parceiro/a, evidenciou-se o ciúme nas mulheres, bem como a preocupação/ stresse, por oposição à despreocupação/ ausência de responsabilidades por parte dos homens. Em resultados de pesquisas realizadas com estudantes, observou-se que as mulheres têm índices mais elevados de stresse e nos estados emocionais quando comparadas com os homens (Moksnes, Moljord, Espnes, Byrne, 2010). No entanto, as atitudes ciumentas são referenciadas na literatura como mais elevadas por parte dos homens (Almeida, 2012).

Em forma de conclusão, podemos deduzir que a concepção dos sujeitos acerca do que é o relacionamento amoroso vai de encontro ao que a literatura aponta no entanto, com algumas divergências entre sexos ao nível das descrições. Entendeu-se que no geral, para as mulheres a definição de um relacionamento amoroso é semelhante à dos homens, no entanto estes citam maior número de vezes a expressão “gostar” (em que se gosta da outra pessoa), enquanto as mulheres dão maior importância ao amor. Com isto, pressupomos que a definição masculina acerca do relacionamento amoroso é mais calma, menos intensa que a forma como as mulheres o definem, ficando por esclarecer se esta diferença também se aplica à forma como o sentem. Contudo, dada a informação recolhida, concluímos que o relacionamento amoroso é uma interação voluntária, mutuamente reconhecida e consentida, caracterizada por uma intensidade diferente de outros relacionamentos com os pares e marcada por manifestações de afeto que envolvem uma união de sentimentos, como o gostar e o amar.

A *confiança*, o *companheirismo/amizade*, a *convivência/proximidade* e o *vínculo*, assim como a *cumplicidade/partilha* e *harmonia* revelaram ser características importantes neste contexto, estando associadas às características dos jovens adultos. Também a *aceitação* e o *respeito* são características consideradas essenciais num relacionamento amoroso, principalmente saudável, pertencendo aos comportamentos positivos para com o parceiro. Desta forma, podemos dar como cumprido o primeiro objetivo específico do estudo.

Verificamos no tema II que as mulheres referiram maior diversidade de relacionamentos amorosos, embora também se mostrassem mais críticas na avaliação destes. Aqueles que mereceram maior percentagem de registos de informação foram os relacionamentos de curta duração, nos quais se inclui os relacionamentos ocasionais de uma só noite e o de amigos coloridos/amigos com benefícios, bem como o curtir tendo sido o mais vezes mencionado por ambos os sexos e por isso, pressupõe-se que seja o mais conhecido. Quanto aos dois tipos de relacionamentos anteriores concluiu-se que as mulheres embora os avaliassem a ambos de forma negativa, principalmente os relacionamentos ocasionais/ de uma noite, isentos de qualquer sentimento, avaliaram de forma mais positiva os relacionamentos sexuais entre amigos, indo de encontro ao que a teoria postula no sentido em que dão preferência ao sentimento antes de se envolverem num relacionamento sexual.

Observamos ainda que enquanto as mulheres enumeram mais tipologias de relacionamentos, os homens, no geral, referem-se mais vezes aos relacionamentos de longa duração, podendo tal significar que pelo facto de as mulheres se envolverem mais emocionalmente em qualquer tipo de relacionamento e por terem mais facilidade em descreverem tais conceitos, consideram que relacionamentos amorosos englobam todos os referidos, enquanto para os homens existem essencialmente dois tipos: os relacionamentos de longa duração e os relacionamentos de curta duração. Com este tema cumprimos assim, o segundo objetivo específico do estudo.

No tema III concluímos que para os jovens um relacionamento amoroso saudável é um relacionamento onde consta principalmente o respeito mútuo, a *confiança* e uma *boa comunicação* na qual a *sinceridade é uma qualidade presente*. As mulheres acrescentam ainda que o mesmo terá que ser provido de *amor/ paixão* pelo outro, *felicidade e bem-estar*, tal como é importante que a relação seja *estável e duradoura*. Por sua vez, um relacionamento amoroso não saudável é um relacionamento onde há *desconfiança, ciúme e possessividade*, ausência de comunicação ou falta de sinceridade. As duas definições foram de encontro ao que a literatura sugere embora não seja explicado o facto da categoria ciúme/ possessividade emergir de forma mais frequente nos discursos masculinos como característica dos relacionamentos não saudáveis.

Quanto às consequências de um relacionamento amoroso não saudável, as mesmas foram separadas em três tipos: *consequências psicológicas (desgosto/ depressão, o medo de voltar a amar, a baixa autoestima e sentimentos de solidão); consequências físicas (agressão/ violência e a morte/ suicido) e separação/ fim da relação*. Apesar da bibliografia encontrada ter apenas em conta as consequências de relacionamentos abusivos, foi possível integrar as consequências referidas pelos participantes nas descritas pela literatura, acrescentando variáveis.

No seguimento da dimensão citada, importa perceber o que leva os jovens a permanecer neste tipo de relacionamentos que os próprios sabem que não são saudáveis, tendo ainda a perceção das características gerais e consequências destes. *O medo da solidão/ influência dos amigos/família/ pertença a um grupo e hábito/rotina* foram as razões explicativas mais vezes enunciadas. Apesar de não haver literatura específica, é explícito o *facto de* neste período a principal tarefa do jovem é a de estabelecer relacionamentos mais íntimos e de maior duração, passando o parceiro romântico a desempenhar um papel importante na vida do próprio, passando a conviverem diariamente, promovendo assim, uma maior segurança e suporte emocional. Desta forma, tenderão ao desenvolvimento de uma interdependência

fisiológica, na qual suportam juntos sentimentos de angústia. Assim, se os indivíduos sentem que as necessidades de segurança e suporte emocional são preenchidas na manutenção de um relacionamento, quando percebem ameaças à estabilidade do mesmo, poderão ser desencadeados mecanismos que visam a sua proteção e manutenção, como por exemplo a acomodação à situação ou o sacrifício individual, podendo estas explicar a dimensão *Hábito/ Rotina* e a dimensão *Medo de magoar o outro*, onde se torna mais seguro permanecer no relacionamento. A *Carência/dependência emocional* e a *Obsessão pelo outro* foram outras razões enunciadas pelos participantes como causa da permanência em relacionamentos não saudáveis, explicado na literatura por crenças num amor apaixonado que tende a turvar a visão do mesmo, considerando que a maioria das mulheres deste estudo refere a dimensão *Amor*. Para além desta última característica apontada, o *compromisso*, a *estabilidade* e a *duração do relacionamento* são variáveis que se mostraram mais relevantes para o sexo feminino, clarificadas na literatura pela preferência por relacionamentos que evoluem para casamentos. Dadas as respostas dos participantes é notória a vulnerabilidade emocional dos jovens.

Tais questões deste estudo mostraram-se um contributo para uma nova compreensão acerca da preferência pelos relacionamentos transitórios no contexto universitário onde o desenvolvimento emocional e de identidade estão ainda em consolidação, isto é, os relacionamentos transitórios poderão ser cada vez mais premiados pelos jovens precisamente pelo receio de serem invadidos por sentimentos de solidão e depressão, tendo como consequências o medo de voltar a amar.

Quanto à concepções de género no relacionamento amoroso observamos que as mulheres continuam a ser consideradas como mais *sensíveis e emocionais*, a interessar-se em maior grau pelas *demonstrações de afeto* e segundo alguns participantes, dão maior importância ao *compromisso à segurança e estabilidade*, tal como acima de evidenciou. São também descritas como *mais intensas* que os homens, *mais preocupadas* com a relação e *mais dependentes* da mesma, olhando para os homens como mais *independentes*, *mais simples/mais práticos* e mais *descontraídos*. Apenas alguns homens confessaram que talvez eles se preocupassem mais com a *componente sexual* e ambos os sexos referiram como característica principal dos homens a *menor intensidade sentimental*. A maioria das categorias é explicada pelos diversos estudos, no entanto, ficou por explicar duas características apontadas unicamente por mulheres acerca dos homens: *independência* e *maior simplicidade/ mais práticos*.

O tema V pretendeu analisar qual a percepção que os sujeitos tinham acerca de si próprios no relacionamento, tendo como base os sentimentos/ pensamentos positivos e negativos acerca de si e os comportamentos positivos e negativos para com o parceiro. Observámos que acerca dos comportamentos positivos para com o/a parceiro/a, o respeito e o apoio/ suporte voltaram a ser qualidades que os sujeitos consideram de extrema importância ter num relacionamento amoroso. O facto de a primeira categoria ter sido mais vezes referida pelas mulheres e a segunda pelos dois sexos, poderá relacionar-se com a questão acima citada acerca do apoio emocional ser uma dimensão importante no período etário descrito. Outra característica que os participantes, principalmente as mulheres, consideraram essencial é o *investimento na relação*, refletindo o esforço desencadeado com vista à promoção da felicidade e bem-estar de ambos.

As mulheres enfatizaram ainda o amor e aceitação que tinham pelo namorado, as demonstrações de afeto para com ele, bem como a fidelidade/confiança e a amizade e companheirismo que sentiam por eles. É de notar que a maioria dos registos acerca da compreensão/ tolerância pertenceu ao sexo masculino, assim como a valorização do diálogo e conversa. Verificou-se ainda que mais homens referiram que eram bons namorados e mais mulheres se autotransformaram como más namoradas, mais impulsivas, inseguras, mais ciumentas e com níveis de preocupação e stresse mais elevados. Os homens, apenas se destacaram pelo facto de mencionarem a possibilidade de serem por vezes despreocupados ou não querer assumir responsabilidades. Tal questão poderá relacionar-se com a visão feminina acerca dos homens no que respeita ao facto de estas os considerarem como mais independentes e *maior simplicidade/ mais práticos*.

Os restantes objetivos específicos consideram-se que foram cumpridos, contribuindo para um maior aprofundamento das conceções dos jovens universitários acerca do relacionamento amoroso, auxiliando a percepção mais aproximada acerca das necessidades emocionais dos indivíduos nesta faixa etária. Considera-se que este estudo se revelou pioneiro quanto à área temática, quanto ao contexto e população de investigação, dado que neste âmbito não foram encontrados estudos ao nível nacional e surgiram-se insuficientes os encontrados ao nível internacional.

De uma forma geral podemos supor que esta pesquisa possibilitou a comparação com outras investigações realizadas no contexto das relações amorosas e diferenças entre géneros, abrindo a possibilidade de que estudos similares possam ser realizados com universitários. Investigar a forma como os jovens conceitualizam as

relações amorosas torna-se essencial para a compreensão acerca das razões que levam os jovens a envolvimento amorosos não saudáveis e/ou abusivos.

Paralelamente, este trabalho abre possibilidades de que outras investigações sejam realizadas no sentido de esclarecer aspectos específicos da dinâmica das relações amorosas. Contudo, como direções futuras é fundamental investigar de que forma estes resultados auxiliam na criação de estratégias preventivas para relacionamentos não saudáveis e/ou abusivos. Completar as concepções de diferenças de gênero de forma a entender o que as mulheres e os homens procuram num/a parceiro/a romântico/a, podendo levar a um melhor entendimento acerca das idealizações e expectativas entre os casais. Perceber, o que os jovens procuram ao nível emocional, mostra relevante para uma melhor compreensão acerca da carência sentida nesta faixa etária, averiguando por conseguinte, como é criada tal vulnerabilidade.

Referências Bibliográficas

- Ackerman, J. M., Li, N. P., & Griskevicius, V. (2011). Let's Get Serious: Communicating Commitment in Romantic Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 100 (6), 1079–1094.
- Almeida, T. (2012). O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa? *Estudos de Psicologia Campinas*, 29 (4), 489-498.
- Almeida, T. (2008a, Novembro). *Factores que influenciam o desenvolvimento do namoro*. Artigo apresentado no Anais da VI Jornada Apoiar: Saúde mental e violência: Contribuições no campo da Psicologia Clínica Social, São Paulo.
- Almeida, T. (2008b, Novembro). *Violência no namoro*. Artigo apresentado no Anais da VI Jornada Apoiar: Saúde mental e violência: Contribuições no campo da Psicologia Clínica Social, São Paulo.
- Almeida, L. S. & Freire, T. (2000). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Almeida, T., Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia*, 13 (1), 83-90.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 2 (XXVIII), 255-267.
- Appolinário, F. (2006). *Metodologia da ciência: Filosofia e Prática da Pesquisa*. São Paulo: Editora Thompson.

- Arnett, J. J. (1997). Young people's conceptions of the transition to adulthood in cultural and historical context. *Human development, 41*, 295-315.
- Arnett, J.J. (1998). Learning to stand alone: The contemporary american transition to adulthood in cultural and historical context. *Human Development, 41*, 295-315.
- Arnett, J. J. (1999). Adolescent storm and stress, reconsidered. *American Psychologist, 54*, 317-326.
- Arnett, J.J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist, 55*, 469-480.
- Arnett, J. J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife. *Journal of Adult Development, 8*, 133-143.
- Arnett J.J. (2002). The psychology of globalization. *American Psychologist, 57*, 774-783.
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In J. Arnett & L. Tanner (Eds), *Emerging adulthood in America: Coming of age in the 21st Century* (pp. 3-19). Washington, DC: American Psychological Association.
- Arnett, J. J. (2007). Emerging adulthood: What it is, and what is it good for. *Child Development Perspectives, 1*, 68-73.
- Arnett, J., & Tanner, J. (2006) *Emerging adults in America: Coming of the age in the 21st century*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Aron, A., Fisher, H., & Strong, G. (2007). Romantic love. In Baumeister, R. & Vohs, K. (Eds), *Encyclopedia of Social Psychology*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Barker, M. (2005). This is my partner, and this is my partner's partner: constructing a polyamorous identity in a monogamous world. *Journal of Constructivist Psychology, 18*, 75-88.
- Bartz, J. & Lydon, J. (2006). Navigating the interdependence dilemma: Attachment goals and the use of communal norms with potential close others. *Journal of Personality and Social Psychology, 91*, 77-96.
- Bertoldo, R. B. & Barbará, A. (2006). Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *PsicoUSF, 11(2)* 229-237.
- Berscheid, E. (2010). Love in fourth dimension. *Arjournals annual reviews.org by University of Delaware, 61*, 1-25.
- Berscheid, E. (2006). Searching for the meaning of "love." In a R. J. Sternberg & K. Weis (Eds), *The New Psychology of Love* (pp. 171-83). New York: Vail-Ballou Press.
- Bisson, M. A., & Levine, T. R. (2009). Negotiating a friends with benefits relationship. *Archives of Sexual Behavior, 38*, 66-73.
- Bogle, K. A. (2008). *Hooking up: Sex, dating, and relationships on campus*. New York: New York University Press.
- Bordignon, N. A. (2005). O desenvolvimento psicossocial de Eric Erikson. O diagrama epigenético do adulto. *Revista lasallista de investigación, 2*, 50-63.
- Brebner, J. (2003). Gender and emotions. *Personality and Individual Differences, 34*, 387-394.

- Brown, B. B., Feiring, C., & Furman, W. (1999). Missing the love boat: Why researchers have shied away from adolescent romance. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 1-16). Cambridge: Cambridge University Press.
- Brownell, C., & Kopp, C. (2007). Transitions in toddler socioemotional development: Behavior, understanding, relationships. In C. A. Brownell & C. B. Kopp (Eds), *Socioemotional development in the toddler years: Transitions and transformations* (pp. 1-39). New York: Guilford Press.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Routledge.
- Byrne, J.C., Dominick, P.G., Smither, J.W., & Reilly, R.R. (2007). Examination of the discriminant, convergent, and criterion-related validity of self-ratings on the Emotional Competence Inventory. *International Journal of Selection and Assessment*, 15 (3), 341-353.
- Caregnato & Mutti, (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm, Florianópolis*, 15 (4), 679-84. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>
- Caridade, S. (2008). *Violência nas relações de intimidade: Comportamentos e atitudes dos jovens*. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho: Braga.
- Caridade, S., & Machado (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4 (XXIV), 485-493.
- Carpenedo, C., & Koller, S. H. (2004). Relações amorosas ao longo das décadas: um estudo de cartas de amor. *Interação em Psicologia*, 8(1), 1-13.
- Cavalli, A. (1997). *The delayed entry into adulthood: is it good or is it bad for society?* Artigo apresentado em Actas do Congresso Internacional Growing up Between Center and Periphery. Lisbon: Instituto de Ciências Sociais.
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Chaves, J. C. (2001). *"Ficar com". Um novo código entre jovens*. Rio de Janeiro: Revan.
- Chen, S., & Hole, G. T. (2010). Sex and socratic experimentation. In M. Bruce & R. M. Stewart (Eds). *College sex – Philosophy for everyone: Philosophers with benefits*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- Cherry, K. (2009). Theories of love. Artigo consultado em Janeiro de 2013, disponível em: <http://psychology.about.com/od/loveandattraction/a/theoriesof>.
- Chickering, A., & Reisser, L. (1993). *Education and identity*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Coelho, C., & Machado, C. (Fevereiro, 2010). *Violência Entre Jovens: Prevenção Através da Educação por Pares*. Artigo apresentado em Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho: Braga.
- Colaço, L. I. F. S. (2009). *Estilo de vinculação e satisfação na relação de namoro à distância*. Dissertação de mestrado (não publicada) apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Collins, W. A. (2003). More than myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 13, 1–24.

- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2004). An attachment theory perspective on closeness and intimacy. In D. J. Mashek & A. Aron (Eds), *Handbook of Closeness and Intimacy*. New Jersey: Laurence Erlbaum Associates.
- Collins, W. A., Welsh, D. P. & Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology*, 60, 631-652.
- Connolly, J., Craig, W., Goldberg, A., & Pepler, D. (2004). Mixed-gender groups, dating, and romantic relationships in early adolescence. *Journal of Research in Adolescence*, 14, 185-207.
- Cubbins, L. A., & Tanfer, K. (2000). The influence of gender on sex: A study of men's and women's self-reported high-risk sex behavior. *Archives of Sexual Behavior*, 29, 229-257.
- Cui, M., Fincham, F. D., & Durtschi, J. A. (2011). The effect of parental divorce on young adults' romantic relationship dissolution: What makes a difference?. *Personal Relationships*, 18, 410-426.
- Craig, G. J. (1992). *Human Development* (6th ed.). New Jersey: Prentice Hall, Englewood Cliffs.
- Daly, K. J. (2007). *Qualitative methods for family studies & human development*. Thousand Oaks, CA: Sage
- Davila, J., Steinberg, S. J., Kachadourian, L., Cobb, R., & Fincham, F. (2004). Romantic involvement and depressive symptoms in early and late adolescence: The role of preoccupied relational style. *Personal Relationships*, 11, 161-178.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. (2000). The discipline and practice of qualitative research. In N. K. Denzin & Y. Lincoln (eds), *Handbook of qualitative research* (pp. 1-28). Thousand Oaks: Sage Publications.
- DeSousa, D. A., & Cerqueira-Santos, E. (2012). Relacionamentos de amizade e coping entre jovens adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28, (3), 345-356.
- DeVaney, A. L., Sepulveda, L. F., Anderson, A. A., Craun, E. A., & Barchard, K. A. (2012). *Emotion perception is important for successful relationships*. Article presented at the Association for Psychological Science annual convention, Chicago, IL.
- Dewitte, M. & Houwer, J. (2008). Proximity and distance goals in adult attachment. *European Journal of Personality*, 22, 675-694.
- Diamond, L. D., & Savin-Williams, R. C. (2003). Gender and sexual identity. In R. M. Lerner, F. Jacobs, & D. Wertlieb (Eds), *Handbook of applied developmental science: Promoting positive child, adolescent, and family development through research, policies, and programs*, vol. 1: Applying developmental science for youth and families (pp. 101-121). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Drigotas, S. M., & Rusbult, C. E. (1992). Should I stay or should I go? A dependence model of breakups, *Journal of personality and social psychology*, 62, 62-87.
- Dunn, K. M., Croft, P. R., & Hackett, G. I. (2000). Satisfaction in the sex life of a general population sample. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 26, 141-151.
- England, P., & Bearak, J. (Abril, 2013). *Gender, Meanings, and Casual Sex*. Artigo apresentado em Population Association 2013 Annual meeting program. New York University, EUA.

- England, P., Shafer, E. F., & Fogarty, A. C. (2007). Hooking up and forming romantic relationships on today's college campuses. In M. Kimmel (Ed.), *The gendered society reader*. New York: Oxford University Press.
- Epstein, M., Calzo, J. P., Smiler, A. P., & Ward, L. M. (2009). "Anything from making out to having sex": Men's negotiations of hooking up and friends with benefits scripts. *Journal of Sex Research*, 46(5), 414-424.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: W. W. Norton & Company, Inc.
- Erikson, E. H. (1982). *The life cycle completed*. New York: W. W. Norton & Company.
- Eshbaugh, E. M., & Gute, G. (2008). Hookups and sexual regret among college women. *The Journal of Social Psychology*, 148 (1), 77-89.
- Fachada, I. M. A. (2009). *A experiência emocional do toque nas relações românticas durante a adolescência e a juventude*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto.
- Falcone, E. (1999). Assessment of a training program to develop empathy for university students. *Revista Brasileira de terapia comportamental e cognitiva*. 1, (1), 23-32. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151755451999000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
- Faria, C. M. (2008). *Vinculação e desenvolvimento epistemológico em jovens adultos*. Dissertação de doutoramento (não publicada) apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga .
- Felix, D. S. S. (2012). *Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: Um estudo exploratório*. Dissertação de mestrado apresentada (não publicada) à Universidade de Lisboa, Lisboa
- Ferreira, L. H. M. & Fioroni, L. N. (Novembro, 2010). *Concepções sobre relacionamentos amorosos na contemporaneidade: Um estudo com universitários*. Artigo apresentado no XV encontro nacional da ABRAPSO, Brasil.
- Ferreira, M. J. S. (2011). *A violência no namoro: estudo exploratório de caracterização das reacções dos adolescentes face à violência*. Dissertação de mestrado (não publicada) apresentada à Universidade do Minho, Braga.
- Fischer, H. (2005), Broken hearts: The nature and risks of romantic rejection. In A. Crouter & A. Booth (Eds), *Romance and sex in adolescence and emerging adulthood: Risks and opportunities* (pp. 3-29). New York: Lawrence Erlbaum Associates
- Fraley, R. C. (2007). Attachment theory. In R. F. Baumeister & K. D. Vohs (Eds), *Encyclopedia of Social Psychology* (pp. 56-59). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- Furman, W. (2002). The emerging field of adolescent romantic relationships. *Current Directions in Psychological Science*, 11(5), 177-180.
- Goleman, D. (1995). *Emotional intelligence: Why it can matter more than IQ*. London: Bloomsbury.
- Gottman, J. M., & Silver, N. (1999). How I predict divorce, in *The Seven Principles for Making Marriages Work* (pp. 25-46). New York: Three Rivers Press (Random House, Inc.).

- Gottschall, J., & Marcus, N. (2006). Romantic love: A literary Universal?. *Philosophy and Literature*, 30(2), 450-470.
- Grello, C. M., Welsh, D. P., & Harper, M. S. (2006). No Strings Attached: The Nature of Casual Sex in College Students. *The Journal of Sex Research*, 43(3), 255-267.
- Gross, J. J. (2007). *Handbook of emotion regulation*. New York: Guilford.
- Gross, J. J., Sheppes, G., & Urry, H. L. (2011). Emotion generation and emotion regulation: A distinction we should make (carefully). *Cognition and Emotion*, 25(5), 765 – 781.
- Gross, J. J., & Thompson, R. A. (2007). Emotion regulation: Conceptual foundations. In J.J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation*. New York: Guilford Press.
- Guiddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP.
- Halper-Meehin, S., Manning, W. D., Giordano, P. C., & Longmore, M. A. (2013). Relationship Churning in Emerging Adulthood: On/Off Relationships and Sex With an Ex. *Journal of Adolescent Research*, 28 (2) 166-188.
- Hamilton, L., & Armstrong, E. A. (2009). Gendered sexuality in young adulthood. Double binds and flawed options. *Gender & Society*, 23 (5), 589-616.
- Hatfield, E., & Rapson, R. L. (2011). Culture and passionate love. Article presented in *International Congress of the IACCP. XIXth*. Berman, Alemanha: Internatioanl Academy of Cross Cultural Psychology (IACCP).
- Hatfield, E. & Rapson, R. L. (2005). *Love and sex: Cross-cultural perspectives*. Lantham: University Press of America.
- Harlow, H. F. (1958). The nature of love. *Am. Psychol.* 13, 673–85.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (2000). Romantic love. In C. Hendrick & S. S. Hendrick (Eds.), *Close relationships: A sourcebook* (pp. 203-215). Thousand Oaks: Sage.
- Hendrick, C., Hendrick, S. S. & Zacchilli, T. L. (2011). Respect and love in romantic relationships. *Actas de investigación psicológica*, 1 (2), 316 - 329.
- Hernandez, J. A. & Oliveira, I. M. B. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia, ciência e profissão*, 21 (3), 59-59.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV): 363-372.
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. *Agression and violent behaviour*, 4, 2, 233-247.
- John, O. P. & Gross, J. J. (2004). Personality Processes, Individual Differences, and Life Span Development. *Journal of Personality*, 72, 6, 1302-1334.
- Karlsen, M. & Træen, B. (2013). Identifying ‘friends with benefits’ Scripts Among Young Adults in the Norwegian Cultural Context. *Sexuality & Culture*.17, 83–99.
- Kidd, B., Martin, M., & Martin, D. (2012). A Qualitative Study of the Role of Friendship in Late Adolescent and Young Adult Heterosexual Romantic Relationships. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 6(1), 54-74.

- Klesse, C. (2006). Poliamory and its 'others': contesting the terms of non-monogamy. *Sexualities*, 9 (5), 565-583.
- Koole, S. L. (2009). The psychology of emotion regulation: An integrative review, *Cognition & Emotion*, 23(1), 4-41. Consultado em 23 de Fevereiro de 2013 através de: <http://dx.doi.org/10.1080/02699930802619031>
- Kokab, S. & Ajmal, M. A. (2012). Perception of Love in Young Adults. *Pakistan Journal of Social and Clinical Psychology*, 9 (2), 43-48.
- Lagattuta, K. H. & Wellman, H. M. (2002). Differences in early parent-child conversations about negative versus positive emotions: Implications for the development of psychological understanding. *Developmental Psychology*, 38, 564-580.
- Lambert, T. A., Kahn, A. S. & Apple, K. J. (2003). Pluralistic ignorance and hooking up. *Journal of Sex Research*, 40, 129-133.
- Laurenceau, J., Troy, B. A. & Carver, C. S. (2005). Two Distinct Emotional Experiences in Romantic Relationships: Effects of Perceptions Regarding Approach of Intimacy and Avoidance of Conflict. *Society for Personality and Social Psychology, Inc*, 31(8), 1123-1133.
- LeDoux, J. E. (2000). Emotion circuits in the brain. *Annual Review of Neuroscience*, 23, 155-184.
- Lima, L. A. (2011). A Representação das Múltiplas Dimensões Paradigmáticas no Estudo da Administração: um Ensaio sobre os Limites Contidos nas Defesas Paradigmáticas Excludentes. *RAC, Curitiba*, 15 (2), 198-208. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/rac>
- Lüdke, M. & André, M. E. D. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Lyons, H. (2009). Casual sex in adolescence and young adulthood: A mixed methods approach. Doctoral Dissertation, Bowling Green State University, Ohio. Disponível em: <http://etd.ohiolink.edu/sendpdf.cgi/Lyons%20Heidi%20Ann.pdf?bgsu125674922>
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69 - 83.
- Machado, P., Veríssimo, M., Torres, N., Peceguina, I., Santos, A. J. & Rolão, T. (2008). Relações entre o conhecimento das emoções, as competências académicas, as competências sociais e a aceitação entre pares. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), 463-478.
- Manning, W., Giordano, P., & Longmore, M. (2006). Hooking up: The relationship contexts of "nonrelationship" sex. *Journal of Adolescent Research*, 21, 459-483.
- Marques, A. C. (Junho, 2008). *Do meu primeiro beijo à minha primeira relação sexual - questões sobre a iniciação sexual dos jovens*. Artigo apresentado no VI Congresso português de sociologia, Universidade Nova de Lisboa.
- Mashek, D. J., & Aron, A. P. (2004) Introduction. In D. J. Mashek & A. P. Aron (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy* (pp. 1-6). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Mather, M., Canli, T., English, T., Whitfield, S., Wais, P., Ochsner, et al. (2004). Amygdala Responses to Emotionally Valenced Stimuli in Older and Younger Adults. *Psychological Science*, 15 (4), 259-263.

- Matos, M., Carneiro, T. F. & Jablonski (2005). Adolescência e relações amorosas: Um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Revista Interação em Psicologia*, 9 (1) 21-33.
- Matos, P. M. (2006). Relações românticas em adolescentes. *Psychologica*, 41, 9-24.
- Mesquita, I. (2013). *Disfarces de Amor: Relacionamentos Amorosos e Vulnerabilidade Narcísica*. Lisboa: Climepsi editores.
- Miga, E. M., Hare, A., Allen, J. P. & Manning, E. (2010). The relation of insecure attachment states of mind and romantic attachment styles to adolescent aggression in romantic relationships. *Attachment & Human Development*, 12 (5), 463-481.
- Moksnes, U. K., Moljord, I. E. O., Espnes, G. A. & Byrne, D. G. (2010). The association between stress and emotional states in adolescents: The role of gender and self-esteem. *Personality and Individual Differences*, 49, 430 - 435
- Moreira, H. & Calaeffe, L.G. (2008). *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador* (2ªed). Rio de Janeiro: Lamparina.
- Motta, D. C., Falcone, E. M. O., Clark, C. & Manhães, A. C. (2006). Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia em estudo*, 11 (3), 523-532.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Narciso, I., Costa, M., & Prata, F. (2002) Intimidade e compromisso pessoal ou “aquilo que pode fazer com que um casamento funcione”. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 36, 67-88.
- Neves, A. S. A. (2007). As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"?. *Revista de Estudos Feministas*, 15 (3), 609-627. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0104026X2007000300006&lng=pt&nrm=iso>
- Oleiro, J. C. S. (2011). A intimidade nos jovens adultos em contexto de relação amorosa: A influência do sexo e da idade. Tese de mestrado apresentada (não publicada) à Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Omar, A., Paris, L., Delgado, H. U., Junior, S. H. A. S., & Souza, M. A. (2011). Un modelo explicativo de resiliência en jovenes y adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 16 (2), 269-277.
- Owen, J., & Fincham, F. D. (2011). Young Adults Emotional Reactions After Hooking Up Encounters. *Arch Sex Behav*, 40, 321 – 330.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no relacionamento íntimo com o companheiro: Causas e efeitos. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 4, 165-184.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5 (2), 243-272.
- Pascoal, N. J. (2010). O namoro no jovem adulto: compromisso e atitudes face à coabitação. Tese de Mestrado apresentada (não publicada) à Universidade de Lisboa. Lisboa

- Paul, E. L. (2006). Beer goggles, catching feelings, and the walk of shame: The myths and realities of the hookup experience. In D. C. Kirkpatrick, S. Duck, & M. Foley (Eds.), *The processes of constructing and managing difficult interaction* (pp. 140-160). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Paul, E. L., McManus, B., & Hayes, A. (2000). "Hookups": Characteristics and correlates of college students' spontaneous and anonymous sexual experiences. *The Journal of Sexual Research, 37*, 76-88.
- Pego, A. L. (2009). *Relacionamentos Amorosos no Jovem Adulto e Formação do Casal: Uma Revisão da Literatura*. Artigo escrito (não publicado) no âmbito do Programa Inter-Universitário de Doutorado em Psicologia.
- Peron, S. I., Guimarães, L. S., & Souza, L. K. (2010). Amizade na adolescência e a entrada na universidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 10*, 664-681.
- Popovic, M. (2005). Intimacy and its relevance in human functioning. *Sexual and Relationship Therapy, 20*, 31-49.
- Prager, J. K. & Roberts, L. J. (2004). Deep intimate connection: Self and intimacy in couple relationships. In D. J. Mashek, & A. Aron (Eds.), *Handbook of Closeness and Intimacy*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Raley, R. K., Crisey, S., & Muller, C. (2007). Of sex and romance: Late adolescent relationships and young adult union formation. *Journal of Marriage and Family, 69*, 1210–1226.
- Ramos, F. P., Neves, M. C. D. & Corazza, M. J. (2011). Os paradigmas da ciência moderna e pós-moderna e as concepções de professores-pesquisadores. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, 10* (1), 84-108.
- Ready, R. E., Marquez, D. X., & Akerstedt, A. (2008). Emotion in younger and older adults: retrospective and prospective associations with sleep and physical activity. *Experimental Aging Research, 35*, 348–368.
- Roberts, B. W., Caspi, A., & Moffitt, T. E. (2001). The kids are alright: Growth and stability in personality development from adolescence to adulthood. *Journal of Personality & Social Psychology, 81*, 670–683.
- Rodrigues, A. E., Hall, J. H., & Fincham, F. D. (2006). What predicts divorce and relationship dissolution? In M. A. Fine & J. H. Harvey (Eds.), *Handbook of divorce and relationship dissolution* (pp. 85–112). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Rodrigues, D., Lopes, D. & Oliveira, J. M. (2011). O modelo de investimento de Rusbult em relacionamentos amorosos hétero e homossexuais. *In Mind_Português, 2*, 1-11.
- Rosa, H. (2007). The universal underneath the multiple: Social acceleration as a key to understanding modernity. In V. Schmidt and D. Meyer-Dinkgrafe, *Modernity at the beginning of the 21st century* (37-61). Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing.
- Santos, A. S. (2012). *Mal-me-quer, bem-me-quer!:* O ciclo da violência no namoro. Gabinete de Apoio Psicopedagógico da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa: Lisboa.
- Santrock, J. W. (2002). *Life span development*. New York: McGraw-Hill, Inc.
- Scharf, M., Mayseless, O., & Kivenson-Baron, I. (2004). Adolescents' attachment representations and developmental tasks in emerging adulthood. *Developmental Psychology, 40*, 430–444.

- Schaefer, M., & Olson, D. (1981). Assessing Intimacy: The Pair Inventory. *Journal of Marital and Family Therapy*, 7, 47-60.
- Schmitt, D. P., Youn, G., Bond, B., Brooks, S., Frye, H., Johnson, S. et al. (2009). When will I feel love? The effects of culture, personality, and gender on the psychological tendency to love. *Journal of Research in Personality*, 43, 830–846
- Sheri, S., & Stritof, B. (2009). *Romantic love*. Disponível em: <http://marriage.about.com/sitesearch>.
- Schreiber, L. R. N., Grant, J. E., & Odlaug, B. L. (2012). Emotion regulation and impulsivity in young adults. *Journal of Psychiatric Research*, 46, 651 – 658.
- Scott, M. E., Steward-Streng, N. R., Manlove, J., Schelar, E., & Cui, C. (2011). *Characteristics of Young Adult Sexual Relationships: Diverse, Sometimes Violent, Often Loving*. Child trends research brief, Washington DC.
- Seiffge-Krenke, I. (2003). Testing theories of romantic development from adolescence to young adulthood: Evidence of a developmental sequence. *International Journal of Behavioral Development*, 27 (6), 519–531.
- Seiffge-Krenke, I. (2006). Coping with relationship stressors: The impact of different working models of attachment and links to adaptation. *Journal of Youth and Adolescence*, 35, 25-39.
- Seiffge-Krenke, I., Shulman, S., & Klessinger, N. (2001). Adolescent precursors of romantic relationships in young adulthood. *Journal of Social & Personal Relationships*, 8, 327- 346.
- Shiota, M. N., Keltner, D., & John, O. P. (2006). Positive emotion dispositions differentially associated with Big Five personality and attachment style. *The Journal of Positive Psychology*, 1(2), 61–71.
- Shulman, S., Mayes, L. C., Cohen, T. H., Swain, J. E., & Leckman, J. F. (2008). Romantic attraction and conflict negotiation among late adolescent and early adult romantic couples. *Journal of Adolescence*, 31, 729-745.
- Shulman, S. & Kipnis, O. (2001). Adolescent romantic relationships: A look from the future. *Journal of Adolescence*, 24, 337-352.
- Schwartz, S. (2001). The evolution of Eriksonian and neo-Eriksonian identity theory and research: A review and integration. *Identity*, 1, 7-58.
- Silva, S. (2003). *Adaptação académica, pessoal e social do jovem adulto ao ensino superior: Contributos do ambiente familiar e do autoconceito*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Silva, A. S. M. (2011). *Vinculação e inteligência emocional: um percurso ao longo do ciclo vital*. Dissertação de mestrado (não publicada) apresentada à universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Simpson, J. A., Collins, A. W., Tran, S. & Haydon, K. C. (2007). Attachment and the Experience and Expression of Emotions in Romantic Relationships: A Developmental Perspective. *Journal of Personality and Social Psychology* by APA, 92 (2), 355–367.
- Simpson, J. A. & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence of convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 870-883.
- Schmitt, D. P. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of

- sex, culture, and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences*, 28, 247-311.
- SocioNova/CesNova. (2008). *Memorando síntese: Resultados do inquérito violência de género*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.
- Sprecher, S., & Regan, P. M. (2000). Sexuality in a relational context. In C. Hendrick & S. S. Hendrick (Eds.), *Close relationships: A sourcebook* (pp. 217-227). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Strauss, A. C., Corbin, J. M. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks, CA: Sage
- Teeruthroy, V. T. & Bhowon, U. (2012). Romantic Relationships among Young Adults: An Attachment Perspective. *International Journal of Humanities and Social Science*, 2 (10), 145 – 155.
- Thompson, R. A. & Goodwin, R. (2005). *The individual child: temperament, emotion, self and personality*. Consultado em 1 de Fevereiro de 2013 através de <http://www.learningace.com/doc/1419391/d22d10131eb38d391e082abd129a9d32/thompson-goodwin2005>
- Thompson, R. A., Laible, D. J., & Ontai, L. L. (2003). Early understanding of emotion, morality, and the self: Developing a working model. In R. V. Kail (Ed.), *Advances in child development and behavior* (31, pp. 137–171). San Diego: Academic Press.
- van Dulmen, M. H. M., Goncy, E. A., Haydon, K. C., & Collins, W. A. (2008). Distinctiveness of adolescent and emerging adult romantic relationship features in predicting externalizing behavior problems. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, 336–345.
- Young, B. J., Furman, W. & Laursen, B. (2011). Models of change and continuity in romantic experiences. In *Romantic Relationships in Emerging Adulthood*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Zeidner, M., Matthews, G., & Roberts, R. (2009). *The Primer of Emotional Intelligence*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Zimmer-Gembeck, M. J. & Ducat, W. (2010). Positive and negative romantic relationship quality: Age, familiarity, attachment and well-being as correlates of couple agreement and projection. *Journal of Adolescence*, 33, 879–890
- Zimmer-Gembeck, M. J., & Gallaty, K. J. (2006). Hanging out or hanging in? Young females' socioemotional functioning and the changing motives for dating and romance. In A. M. Columbus (Ed.), *Advances in psychology research*, (44, pp. 81–112). New York: Nova Science Publishers, Inc.

ANEXOS

Anexo I
Guião da Entrevista

Guião da Entrevista

Conceções dos estudantes acerca do relacionamento amoroso no seu nível etário

- 1.** O que é para si o relacionamento amoroso?
- 2.** Que diferentes formas de relacionamento amoroso conhece?
- 3.** O que pensa sobre cada uma delas?
- 4.** Em que se diferenciam?
- 5.** O que é para si um relacionamento amoroso saudável?
- 6.** O que é para si o relacionamento amoroso não saudável?
- 7.** Que consequências pode ter um relacionamento amoroso não saudável?
- 8.** O que leva os jovens a permanecer num relacionamento amoroso não saudável?
- 9.** Acha que o relacionamento amoroso é diferente nos homens e nas mulheres? Porquê?
- 10.** O que pensa de si como namorado/a?

Anexo II
Grelha de análise categorial

Anexo II - Grelha de análise temática categorial

Temas	Categorias		
I. Conceito de relacionamento amoroso	1. Confiança mútua entrega		
	2. Aceitação/ respeito/ compreensão		
	3. Intimidade		
	4. Protecção mútua/ suporte		
	5. Convivência/ proximidade		
	6. Cumplicidade/ partilha/ Harmonia		
	7. Vínculo/ Simbiose		
	8. Algo duradouro		
	9. Sentimentos envolvidos	9.1. Gostar	
	9.2. Amizade/ carinho		
	9.3. Amor		
	9.4. Paixão/ atração física		
II. Tipologia dos relacionamentos amorosos	1. Longa duração (compromisso)		
	1.1. Duradouro		
	1.2. Sério		
	2.1. Noite única		
	2.1. Avaliação do relacionamento noite única	2.1.1. Aspectos positivos	
		2.1.2. Aspectos negativos	
	2.2. Curtir		
	2.3. Amigos coloridos/ relação esporádica (amigos com benefícios)		
	2.4. Avaliação de amigos coloridos	2.4.1. Aspectos positivos	
		2.4.2. Aspectos negativos	
	3. Convencionais (namoro/ casamento/união de facto)		
	4. Não convencionais/ abertos	4.1. Flirt	
		4.2. Relação sexual	
		4.3. Poliamor	
	5. Diversidade sexual	5.1. Heterossexual	
5.2. Homossexual			
5.3. Bissexual			
6. Baseados em sentimentos	6.1. Ligação espiritual		
	6.2. Sentimentos fortes		
	6.3. Vivência/experiência		
	6.4. Responsabilidade		
	6.5. Risco de mágoa		
7. Amor familiar			
8. Amigos/ colegas de trabalho ou de escola			
III. Características do relacionamento amoroso	1. Relacionamento amoroso saudável	1.1. Confiança	
		1.2. Clareza sobre a relação	
		1.3. Respeito mútuo	
		1.4. Ajuda/suporte	
		1.5. Comunicação/ sinceridade	
		1.6. Igualdade	
		1.7. Equilíbrio/ harmonia	
		1.8. Amor por si próprio/ autoestima	
		1.9. Amor/paixão pelo outro	

		1.10. Ciúme (ausente/moderado)	
		1.11. Felicidade/ bem-estar	
		1.12. Estabilidade/ duração da relação	
	2. Relacionamento amoroso não saudável	2.1. Desconfiança	
		2.2. Ausência de respeito	
		2.3. Ciúme/possessividade	
		2.4. Ausência de comunicação/ sinceridade	
		2.5. Comportamento obsessivo mútuo/sufoco	
		2.6. Ausência de afeto/ sentimentos negativos	
		2.7. Desigualdade	
		2.8. Infidelidade	
		2.9. Desequilíbrio	
		2.10. Baixa autoestima/ insegurança	
		2.11. Infelicidade/ ausência de bem-estar	
		2.12. Expectativas irreais	
	3. Consequências de um namoro não saudável	3.1. Psicológicas	
			3.1.1. Desgosto/ Depressão
			3.1.2. Sentimento de solidão
			3.1.3. Baixa autoestima
			3.1.4. Medo de amar
			3.2.1. Agressão/violência
		3.2.2. Morte (suicídio/ homicídio)	
		3.3. Separação/ Fim da relação	
	4. Permanência num relacionamento não saudável	4.1. Amor	
			4.2. Carência/ dependência emocional
			4.3. Medo da solidão
			4.4. Obsessão pelo outro
			4.5. Sexo
			4.6. Medo de magoar o outro
			4.7. Influência de amigos/família/pertença a um grupo
			4.8. Componente econômica/ estatuto
			4.9. Hábito/rotina
IV. Relacionamento e diferenças de gênero	1. Vivência do relacionamento amoroso pelas mulheres	3.1. Maior sensibilidade / emocionalidade	
		3.2. Maior intensidade	
		3.3. Sentimento de compromisso/ segurança e estabilidade	
		3.4. Preocupação/ Stresse	
		3.5. Dependência	
3.6. Demonstrações de afeto			
4. Vivência do relacionamento amoroso pelos homens	4.1. Simplicidade/ mais práticos		
	4.2. Independência		
	4.3. Valorização da componente sexual		
	4.4. Menor intensidade dos sentimentos		
	4.5. Descontração		
5. Sem diferenças de gênero			
V. Percepção de si no relacionamento	1. Sentimentos/ Pensamentos positivos acerca de si	1.1. Bom/boa namorado/a	
		1.2. Comunicação/ diálogo	
		1.3. As relações como aprendizagem	
		1.4. Necessidade de se sentir amado/a	
	2. Sentimentos/ Pensamentos negativos acerca de si	2.1. Mau namorado/ Má namorada	
		2.2. Insegurança	
		2.3. Impulsividade	

3. Comportamentos positivos para com a/o parceira/o	5.1. Amizade/ companheirismo
	5.2. Apoio/ suporte
	5.3. Respeito
	5.4. Fidelidade/ confiança
	5.5. Sinceridade
	5.6. Bom humor
	5.7. Compreensão/ tolerância
	5.8. Demonstrações de afeto
	5.9. Amor/ Aceitação
	5.10. Dialogo
	5.11. Investimento na relação/ entrega
4. Comportamentos negativos para com o/a parceiro/a	4.1. Preocupação/ stresse
	4.2. Ciúme
	4.3. Despreocupação/ ausência de responsabilidades

Anexo III
Crêterios de constru o das categorias

Anexo III - Critérios de construção das categorias

No processo de categorização, procurou-se manter as expressões o mais próximo possível da linguagem utilizada pelos sujeitos, atendendo à semântica dos seus discursos. A categorização foi realizada considerando apenas uma referência do sujeito nos casos em que a ideia surgia repetida e a sua classificação num determinado tema ou categoria não se encontra repetida noutra tema ou categoria. Apresentamos em seguida os critérios que determinaram a grelha de análise anteriormente apresentada.

Tema I – Definição do conceito de relacionamento amoroso

Neste tema identificaram-se nove categorias, que correspondem às componentes necessárias de um relacionamento amoroso e que auxiliam na compreensão do conceito de relacionamento amoroso.

Na categoria *Confiança mútua/ entrega* classificamos todas as respostas em que os sujeitos referiam que num relacionamento amoroso é necessário haver confiança e entrega.

Exemplos:

“Se não houver confiança (...) esquece...” (S15);

“...é quando duas pessoas se entregam...” (S5).

Na segunda categoria deste tema, *Aceitação/ respeito/ compreensão*, aglutinou-se a informação toda a informação que correspondia a estes componentes.

Exemplos:

“... aceitarmos os defeitos e coisas que noutras pessoas se calhar não aceitamos.” (S1);

“... assente... na compreensão” (S10)

Na terceira categoria identificámos a *Intimidade*

Exemplos:

“...é uma relação íntima entre duas ou mais pessoas” (S3)

“...deve haver uma maior intimidade do que com os amigos e uma intimidade diferente da da família” (S3);

Na quarta categoria optou-se por colocar todo o conteúdo no discurso dos sujeitos que dizia respeito à *Proteção Mútua/Suporte*.

Exemplos:

“...é uma situação em que duas pessoas se preocupam uma com a outra. De certa forma tomam um pouco conta uma da outra...” (S4)

“preocupam-se mais, fazem tudo por essas pessoas.” (S16)

Na quinta categoria foram agrupados os exemplos que correspondiam à *Convivência/ proximidade* como também uma componente importante num relacionamento amoroso.

Exemplos:

“É um relacionamento em que duas pessoas estão juntas...” (S16)

“querem estar juntas...” (S19)

Na sexta categoria agrupou-se os exemplos de *Cumplicidade/ Partilha/harmonia*.

Exemplos:

“partilham experiências, historias, vivências, ambições...” (S18)

“estar em relação com o outro é de facto estar em harmonia com o outro ...” (S15)

Por sua vez, na sétima categoria e seguindo o mesmo conceito, agregou-se as expressões que refletiam *Vínculo/ Simbiose*.

Exemplos:

“É uma relação simbiótica entre dois indivíduos ...” (S8)

“É uma ligação entre dois seres... onde há uma ligação ao nível afectivo...” (S17)

Na oitava categoria surgiu que o relacionamento amoroso teria que ser *Algo duradouro*.

Exemplos:

“...e então, sei lá, que dura...” (S11)

“Se a duração for curta nem dá para estabelecer um relacionamento amoroso”(S10)

Por fim, na nona categoria agrupou-se tudo o que nos discursos nos jovens se referia aos *Sentimentos envolvidos* como forma de definirem o relacionamento amoroso.

Exemplos:

“É um relacionamento em que uma pessoa gosta da outra” (S11)

“e onde há amor... “ (S5)

Tema II – Tipologias do relacionamento amoroso

Este tema balizou toda a informação que dizia respeito aos diversos tipos de relacionamento amoroso existentes e conhecidos pelos participantes desta amostra, abrindo espaço para que surgissem oito categorias.

A primeira categoria deste tema engloba tudo o que foi referido como *relacionamentos amorosos de longa duração (compromisso)*, no qual foi utilizada precisamente a expressão referida.

Exemplos:

“Pode ser uma coisa mais a longo termo, uma relação para a vida.” (S4) (S7)

“No relacionamento amoroso existe um compromisso entre ambos, onde ambos procuram dar e receber algo da outra pessoa ”(S19)

Já a segunda categoria engloba tudo o que foi apontado como *relacionamentos amorosos de curta duração (sem compromisso)*.

Exemplos:

“como o próprio nome indica é apenas uma relação momentânea, um caso... é algo fugaz, com uma duração muito curta”(S9)

A terceira categoria do tema II agrupa os discursos sobre os relacionamentos amorosos *Convencionais (namoro/ casamento/união de facto)*.

Exemplos:

“Eu conheço amoroso, amoroso... o namoro... e o casamento... “O namoro e o casamento é relacionamento amoroso, vá é a mesma coisa porque está dentro do mesmo esquema” (S16)

“...a união de facto também é uma relação amorosa” (S7)

Por oposição à anterior, na quarta categoria apresentam-se os exemplos que forma citados como relacionamentos amorosos *Não Convencionais/ Abertos*.

Exemplos:

“flirt é aberto a outras pessoas exteriores a essa relação amorosa, a esse duo amoroso”(S14)

“(...) do poliamor em que supostamente amamos várias pessoas ao mesmo tempo e temos relações sexuais com essas pessoas” (S8)

Nos vários discursos surgiu ainda a necessidade de incluir uma categoria respeitante à *Diversidade sexual*, dado que em alguns dos discursos foi de igual forma enunciada como uma tipologia de relacionamento amoroso.

Exemplos:

“Conheço homossexual(...) Relações com pessoas do mesmo sexo” (S1) (S14)

Como forma de auxiliar na definição de relacionamento amoroso e diferenciação de cada variedade de relacionamento que ía sendo referida, os sujeitos utilizavam diversas expressões, baseadas nos sentimentos e emoções, como forma de os descrever e distinguir. Assim sendo, a sexta categoria corresponde a tudo o que foi referido acerca dos relacionamentos amorosos *Baseados em sentimentos*.

Exemplos:

“vivemos algo mais intensamente, mais puro...evoluir como pessoas por dividirmos a nossa vida e o que somos com alguém.” (S5)

A sétima categoria engloba os relacionamentos familiares como sendo de igual forma relacionamentos amorosos. Desta forma, surgiu a categoria *Amor familiar*.

Exemplos:

“acho que desde que tenha a característica do amor se pode considerar amoroso”(S8)

À semelhança da categoria anterior, a oitava agrupa os relacionamentos entre *Amigos/ Colegas de trabalhos*.

Exemplos:

“pode ser (...) colegas de trabalho ou de escola” (S13)

Tema III – Características do relacionamento amoroso

O tema agora apresentado agrupou quatro categorias, entre as quais as concepções do que é um relacionamento amoroso saudável e não saudável, bem como as consequências destes e os fatores que levam os jovens a permanecer nestes últimos relacionamentos.

Na primeira categoria englobou-se todas as características que um *relacionamento amoroso saudável* deverá ter.

Exemplos:

“A segunda questão para um relacionamento saudável é haver espaço”(S18)

“É um relacionamento amoroso equilibrado” (S14)

Na segunda categoria colocou-se todas as características respeitantes ao *Relacionamento amoroso não saudável*.

Exemplos:

“Que pode envolver desconfiança constante”(S6)

“onde perdurem os ciúmes excessivos”(S5)

A terceira categoria deste tema refere-se às *Consequências de um relacionamento não saudável*, agrupando tudo o que foi apontado como consequência física ou psicológica deste tipo de relacionamentos.

Exemplos:

“se um dia a relação termina...as pessoas vão sentir-se sozinhas no mundo”(S20)

“...que provocam muito sofrimento e angustia a ambos os parceiros.”(S9)

A quarta categoria englobou os fatores que levam os jovens a permanecer em relacionamentos que não são saudáveis. Como tal, o nome da categoria é: *Permanência num relacionamento não saudável*.

Exemplos:

“Muitas vezes permanecem porque são obcecados, possessivos, porque acham que não conseguem viver sem a pessoa que namoram, porque têm medo de sofrer”(S5)

Tema IV – Relacionamento e diferenças de género

No tema IV reuniu-se informação que permitiu obter resultados acerca das diferenças de género no relacionamento amoroso. Desta forma, a informação obtida tornou que fosse possível saber: o que os homens pensam acerca das mulheres no relacionamento amoroso e o que elas pensam acerca dos homens, bem como o que as mulheres e os homens pensam acerca de si próprios quando se encontram neste contexto. Assim, a partir das respostas obtidas o tema foi constituído por três categorias, sendo que a primeira englobou todas as respostas que faziam referência às características das mulheres no relacionamento, surgindo diversas subcategorias advindas dos mesmos registos

Exemplo:

“As mulheres, sei lá... têm mais sentimento que os homens”(S11)

“nós as mulheres parecemos que queremos ter logo uma relação muito seria” (S7)

Por sua vez e à semelhança da anterior, a segunda categoria agrupou todas as características referentes aos homens, dando lugar de igual forma, a variadas subcategorias de acordo com a característica apontada.

Exemplo:

“Os homens nas relações amorosas são mais práticos...”(S9)

“O homem, a meu ver, já é um bocadinho mais sexual”(S15)

A última categoria do tema foi proposta pelo motivo de terem surgido respostas que não enumeravam qualquer diferença de género no relacionamento amoroso, clarificando que as mesmas se devem ao facto de haver diferenças de personalidade.

Exemplo:

“Não, não acho que seja diferente... acho que depende das pessoas. Pode haver raparigas mais desligadas, mais frias como também pode haver rapazes mais desligados.”(S13)

Tema V – Perceção de si no relacionamento

O tema V juntou as respostas correspondentes à última questão, a qual pretendia identificar o que os sujeitos pensam acerca de si próprios como namorados. De acordo com as respostas dadas, foi necessário criar quatro categorias, onde as duas primeiras refletem os pensamentos e sentimentos (positivos e negativos) que os sujeitos descrevem acerca de si próprios. As duas categorias seguintes englobam os comportamentos (positivos e negativos) para com o/a parceiro/a. Assim, quando os

indivíduos se referiam acerca do que sentiam em relação a si próprios, inseria-se o registo entre as duas primeiras categorias. Se o pensamento ou sentimento se revelasse positivo era colocado na primeira categoria e ajustado à subcategoria respeitante.

Exemplo:

*“Mas considero-me um bom namorado”***(S14)**

*“ sou uma pessoa que gosta de conversar, de passar tempo com a minha namorada”***(S20)**

Na segunda categoria juntaram-se os registos com conotação negativa acerca dos pensamentos e sentimentos sobre o próprio sujeito, havendo necessidade de criar subcategorias.

Exemplo:

*“ mas sou muito insegura em relação a mim”***(S5)**

A quarta e a quinta categoria referiam-se aos comportamentos e atitudes em relação ao/à parceiro/a, sendo que a terceira se referiu aos positivos e a segunda aos negativos.

Exemplo da categoria 3. Comportamentos positivos para com o/a parceiro/a

*“quando o meu namorado precisa de mim estou ao lado dele sempre que ele precisa (...) sou atenciosa, gosto de cuidar do meu namorado”***(S9)**

*“não lhe falto ao respeito”***(S3).**

Exemplo da categoria 4. Comportamentos negativos para com o/a parceiro/a

*“Sou um bocado ciumento”***(S1).**